

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARCELO MARQUES SANTANA JÚNIOR

**DOM MARCELO PINTO CARVALHEIRA:
A MÍSTICA COMO PRÁXIS CRISTÃ**

Recife

2015

MARCELO MARQUES SANTANA JÚNIOR

**DOM MARCELO PINTO CARVALHEIRA:
A MÍSTICA COMO PRÁXIS CRISTÃ.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

Recife

2015

S232d

Santana Junior, Marcelo Marques

Dom Marcelo Pinto Carvalheira : a mística como práxis
cristã / Marcelo Marques Santana Junior ; orientador Sérgio Sezino
Douets Vasconcelos, 2015.

145 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação.
Mestrado em Ciências da Religião, 2015.

1. Mística. 2. Espiritualidade. 3. Práxis (Filosofia). 4. Carvalheira,
Marcelo Pinto. I. Título.

CDU 248

MARCELO MARQUES SANTANA JUNIOR

**DOM MARCELO PINTO CARVALHEIRA:
A MÍSTICA COMO PRÁXIS CRISTÃ.**

Esta dissertação foi julgada adequada para a
obtenção do título de Mestre em Ciências da
Religião e aprovada em sua forma final pelo
Orientador e pela Banca Examinadora.

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (UNICAP).
Orientador

Prof. Dr. Rm. Luiz Alencar Libório (UNICAP)

Prof. Dr. Edson Helv Silva (UEPE)

DEDICATÓRIA

Nas mãos do Criador eu fui plasmado e, por isso, trilho em minha vida um caminho de gratidão. Em tudo a Ele dou graças e aqui não poderia ser diferente. Ao Deus que me chama à plenitude da Vida e do Amor dedico o labor de minhas mãos.

Nele, no Deus Amor, encontrei muitas pessoas que me revelam a cada dia, o quanto Ele me ama: Minha mãe, minha irmã, os que partilham as alegrias e dores da vida comigo, os amigos que estão inscritos no coração.

Além desse trabalho, dedico a eles o meu sorriso e o meu coração cheio de amor.

AGRADECIMENTOS

Gratidão àqueles que colaboraram e que colaboram comigo na odisséia do saber, desde os que me ensinaram as primeiras letras do alfabeto, até os que sem nem saber ler, me dão grandes lições de vida.

Gratidão à minha família, à minha mãe Soraia Cristina, cujos esforços desmedidos para que eu tivesse uma boa educação humana e intelectual estão tão fortemente gravados em minha memória.

Gratidão aos professores e amigos da Universidade Católica de Pernambuco. Há seis anos frequentando essa casa, aprendi grandes lições de catolicidade.

Gratidão, na pessoa do Prof. Newton Cabral, ao Programa de Mestrado em Ciências da Religião, sobretudo por ter me permitido um contato com o universo do Sagrado tão diverso, que tanto me enriqueceu.

Gratidão ao meu orientador, Prof. Diác. Sérgio Sezino. Não apenas pelas aulas e orientações. Mas, pela afinidade que se transformou em amizade.

Gratidão ao Prof. Dr. Pe. Luiz Alencar Libório, que, por providência, é um dos avaliadores dessa dissertação. Porque ele me ensinou que, nas mãos de um consagrado, um livro é um apostolado.

Gratidão à Família Carvalheira, na pessoa de Dona Maria José Carvalheira, por tanta atenção e disponibilidade. E, ainda mais, por preservarem com tanto carinho Dom Marcelo não apenas no corpo, mas na história e no coração.

Gratidão ao Mons. Ivônio Cassiano de Oliveira, dedicado guardião da história de Dom Marcelo Carvalheira na Arquidiocese da Paraíba, pela atenção, disponibilidade e colaboração.

Gratidão a todos os que se dispuseram a, por seus depoimentos, me apresentar um pouco da vida desse grande místico, que em cada gesto deixou uma memória, um legado. Na pessoa do professor Zildo Rocha, que com seus escritos me fez saborear uma estrutura de formação sacerdotal e eclesial tão sonhada por mim, agradeço a todos os depoentes.

Gratidão aos amigos que me incentivaram e se dedicaram a esse sonho comigo, José Carlos Júnior, Sérgio Muniz e Charles Araújo. Obrigado pelos erros que ajudaram a descobrir ao longo do caminho.

Enfim, gratidão a todos cujos nomes estão escritos no coração e oferecidos àquele que é pleno amor.

BUSCANDO A DEUS

*Alma, buscar-te-ás em Mim.
E a Mim buscar-me-ás em ti.*

De tal sorte pôde o amor,
Alma, em mim te retratar,
Que nenhum sábio pintor
Soubera com tal primor
Tua imagem estampar.

Foste por amor criada,
Bonita e formosa, e assim
Em meu coração pintada,
Se te perderes, amada,
Alma, buscar-te-ás em Mim.

Porque sei que te acharás
Em meu peito retratada,
Tão ao vivo estampada,
Que, em te olhando, folgarás
Vendo-te tão bem pintada.

E se acaso não souberes
Em que lugar me escondi,
Não busques aqui e ali,
Mas, se me encontrar quiseres,
A Mim, buscar-me-ás em ti.

Sim, porque és meu aposento,
És minha casa e morada;
E assim chamo, no momento
Em que de teu pensamento
Encontro a porta cerrada.

Busca-me em ti, não por fora...
Para me achares ali,
Chama-me, que, a qualquer hora,
A ti virei sem demora,
E a Mim buscar-me-ás em ti.

(JESUS, Teresa. Poesia VIII. 1995)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o fenômeno da mística, em seu caráter universal, tendo como ponto de partida a vida de Dom Marcelo Pinto Carvalheira, no período de seu nascimento, em 1928, até a sua nomeação episcopal em 1975. A escolha de Dom Marcelo se deu por reconhecimento de um legado bastante importante para a Igreja do Brasil, ele que tinha como base uma profunda espiritualidade e um senso de responsabilidade sobre o universo circundante. Para tanto foram analisados referenciais teóricos, bem como depoimentos e material de uso pessoal de Dom Marcelo. Os depoimentos foram colhidos a partir de um questionário previamente enviado aos entrevistados e relatos livres. Considerando a efemeridade com que vive a sociedade pós-moderna e falta de referenciais que lacuna o tempo hodierno, olhar para a vida desse grande homem, deve servir não apenas de fonte intelectual, mas de itinerário de vida.

Palavras-chave: Mística; Práxis; Espiritualidade Cristã; Marcelo Carvalheira.

ABSTRACT

This research aims to study the mystical phenomenon in its universal character, taking as its starting point the life of Don Marcelo Pinto Carvalheira, from his birth in 1928 until his episcopal appointment in 1975. The choice of Don Marcelo was given for recognition of a very important legacy for the Church of Brazil, that it was based on a deep spirituality and a sense of responsibility on the surrounding universe. Therefore, were analyzed theoretical references, testimonials and personal material of Don Marcelo use. The testimonies were collected from a questionnaire previously sent to respondents and spontaneous reports. Considering the ephemerality that lives the post-modern society and the lack of references that the gaps today's time have, look at the life of this great man, should serve not only intellectual source, but itinerary of life.

Keywords: Mystic; Praxis; Christian spirituality; Marcelo Carvalheira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O FENÔMENO DA BUSCA PELO MISTÉRIO NA EXISTÊNCIA HUMANA....	17
1.1 A IMPORTÂNCIA DA FENOMENOLOGIA PARA A LEITURA DAS RELIGIÕES	17
1.2 MÍSTICA: ETIMOLOGIA, SIGNIFICADO E CARACTERÍSTICAS.....	29
1.3 A MÍSTICA NO CRISTIANISMO	35
1.3.1 No mistério judaico-cristão: a imagem de Deus.....	35
1.3.2 O movimento da encarnação	37
1.3.3 Tópicos sobre os primórdios da mística cristã.....	40
2. O ITINERÁRIO MÍSTICO DE DOM MARCELO CARVALHEIRA	47
2.1. PRIMEIROS ANOS: O ALICERCE DA VIDA MÍSTICA.....	47
2.2 FORMAÇÃO SEMINARÍSTICA.....	50
2.3. VIDA PRESBITERAL	54
2.3.1 Como Formador.....	54
2.3.2 Como Assistente da Ação Católica (JIC)	63
2.3.3 Durante a Ditadura Militar	68
3 A MÍSTICA COMO PRÁXIS CRISTÃ NA EXISTÊNCIA DE DOM MARCELO CARVALHEIRA	83
3.1 A EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL DO SER HUMANO E A VIDA MÍSTICA DO PE. MARCELO	83
3.2 A SOLIDARIEDADE DO MÍSTICO COM O MUNDO.....	89
3.3 DOM MARCELO E SUA VISÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE: A BUSCA DE UMA PRÁXIS LIBERTADORA.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICE A - ROTEIROS DAS ENTREVISTAS COM FAMILIARES	124
APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AMIGOS	125
ANEXO A - FOTOS DE D.M.C	126
ANEXO B - DOCUMENTOS DE D.M.C.....	133

INTRODUÇÃO

A religião sempre foi uma constante muito forte em minha vida. Cresci em lar católico e, ali, aprendi os primeiros valores que, mesmo sem perceber, não eram simplesmente em vista de uma preceituação religiosa, mas me levariam a uma convivência humanizada e humanizadora com aqueles que estivessem ao meu redor.

Aprendendo que “Jesus batia em nossa porta disfarçado”, aprendi também que não se nega caridade a ninguém, independente de quem seja. Aprendi que quando se voltava para casa, vindo da Igreja, se voltava “cheio de Jesus” e que, assim, quem passa por um cristão, passa por Jesus.

Os estudos filosóficos me fizeram abrir um pouco mais o entendimento diante do grande mistério que é o ser humano. Com a ética, aprofundei aqueles primeiros valores que vêm à memória tão fortemente, percebi-os com novos viés, mais verdadeiros que nunca.

A antropologia teológica me encantou, me fez perceber um nível de complementariedade entre as dimensões humanas e eternas ainda não enxergadas. Fez-me perceber o sobrenatural muito próximo. E, aquela caridade primeira, que aprendi na minha infância, tomou uma dimensão muito mais humanística, humanitária e até divinizadora.

Nesse processo, alimentado ao longo dos desafios e dores da vida, sempre me encantou o testemunho de grandes figuras cristãs, sobretudo contemporâneas, que, mesmo abarcando um profundo conhecimento de Deus, seja pela carga intelectual, seja pela própria experiência com o sagrado, conseguem fazer com que o amor alcance a todos de forma tão simples e até mesmo inocente.

Filosofando e Teologando me tornei presbítero católico, assumindo para mim, também, aquele projeto de vida, por tantos anos sonhado e nutrido pelo contato com aqueles que na experiência já haviam percorrido o caminho que para mim está apenas iniciando.

Ao pensar em aprofundar um pouco os conhecimentos através do programa de mestrado em Ciências da Religião na UNICAP, logo pensei no Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos como orientador, ele que tinha me feito viajar na Antropologia Teológica, me orientado nas pesquisas da graduação e, por ali, tornara-se um amigo.

Em nosso primeiro encontro para conversar sobre o projeto, uma ideia surgiu, unir aquilo que eu pensava sobre humanização às inquietações de uma abertura transformadora ao Sagrado à uma grande figura, por quem eu nutria grande admiração e o orientador ainda mais: Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

Dom Marcelo é daquelas pessoas que são simbólicas, por que quem olha para ele não abarca na imagem tudo que se pretende compreender. Ele é símbolo por que aponta para algo muito maior e muito mais profundo. Sua história se identifica com grandes projetos, ele é sinal de um tempo, de uma realidade. É Sacramento do Sagrado que sensivelmente toca o povo através de mãos humanas e humanizadoras.

O período compreendido entre as décadas de 1950 e 1980 foi de grande efervescência para a sociedade brasileira e, conseqüentemente para as religiões do Brasil, visto que o fenômeno religioso sempre está associado à vida social. A Ditadura Militar, a luta pelos Direitos Humanos, a busca da valorização do trabalhador e dos mais excluídos foram temas relevantes na época.

Concomitantemente, a Igreja Católica também vivia as grandes transformações culminadas com a promulgação e aplicação dos documentos do Concílio Vaticano II, a busca do diálogo na Igreja com as angústias e esperanças dos homens e mulheres do nosso tempo, onde a valorização das pessoas, e dos direitos humanos foram evidenciados como fundamento para a vida espiritual cristã.

Nesse contexto, despertam-nos a atenção grandes nomes que, entendendo a mensagem de Jesus: “Eu vim para que todos tenham Vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10), souberam com muita clareza aliar duas dimensões: a social e a religiosa, na busca da construção de uma sociedade que, vivendo sob princípios éticos, soubesse se construir tendo como base a urgência da transformação das estruturas sociais e a espiritualidade cristã.

Dom Marcelo Pinto Carvalheira, atualmente com oitenta e sete anos de idade, foi uma dessas figuras. Nascido em Recife, no primeiro dia do mês de maio de 1928, quinto filho de uma família de dezesseis irmãos. Dois anos após ingressar no Seminário de Olinda, com apenas 18 anos, foi enviado para cursar seus estudos filosóficos e teológicos em Roma, na Universidade Gregoriana, em 1946. Ali encontra uma Europa fragilizada pela Guerra, permanecendo por dez anos.

De volta ao Recife, já ordenado presbítero, Pe. Marcelo desenvolveu diversas atividades: professor e reitor do Seminário de Olinda e, posteriormente, do Seminário

Regional do Nordeste 2 (SERENE 2), Pároco do Morro da Conceição, na periferia do Recife, assessor da CNBB¹ e da Ação Católica².

Como um dos grandes promotores das ideias do Concílio Vaticano II no Brasil, Cavalheira lutou por uma ligação profunda entre Igreja e promoção humana. Entendeu, como teólogo cristão, que o caminho de divinização do ser humano era o caminho da humanização, do reerguimento humano.

A partir da segunda metade do século passado alguns teóricos, cristãos ou não, têm se dedicado ao estudo da espiritualidade lida de uma forma prática, no cotidiano da vida. Assim, pretendemos nessa dissertação estudar um pouco o legado deixado por esses autores, integrando esse conhecimento à aquilo que foi vivido por Dom Marcelo.

Antônio de Lima Vaz destaca a força da mística na tradição ocidental, acentuando o caráter antropológico do fenômeno místico, que ultrapassa a raiz confessional e dispõe-se sobretudo de duas formas: a ligação com o transcendente e atualização dessa tradução nas formas de vida. Todo ser humano tem por disposição própria uma transcendentalidade que é desenvolvida ao longo da vida, na construção pessoal (VAZ, 2000, p. 25).

Apoiados no conceito da mística, veremos como em sua vida, Dom Marcelo provou em atitudes que “Os Místicos são aqueles que atestam que Deus é visível já agora na fé e visão” (LOTTI, 1998, p. 824).

Entretanto, a mística não é um fenômeno comum a todos os sujeitos religiosos, ela é profunda e, portanto, alcançada por poucos que se deixam levar por um longo caminho de experiência sagrada. Para Bourau, a mística é a forma suprema e universal da experiência religiosa, alcançada apenas por poucos, que ao contrário do que poderia se imaginar não se deixam levar pela vaidade, mas que antes se formam servos (BOURAU, 2005, p. 25).

A experiência mística é algo profundamente pessoal, interior. Difícil de explicar porque se dá numa esfera, às vezes, indescritível pelos próprios sujeitos místicos. Ela envolve história e sensibilidade humana. Faz com que o místico se deixe levar pelas moções mais íntimas, que provocam mudança de vida e elevam o ser

¹ CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é uma organização eclesial que congrega os bispos de todo o país, afim de uma maior organização da Igreja.

² Ação Católica era o conceito, surgido na França, usado para denominar vários movimentos surgidos na Igreja Católica no século XX, que tinham como objetivo um maior engajamento dos fieis na sociedade, inspirados na doutrina social da Igreja.

humano ao mais alto grau de consciência de si e do mundo que o circunda. O místico é o condutor de sua própria experiência (VAZ, 2000, p. 15).

Ao passo que o místico vive seu contato com o sagrado, ele não consegue desvencilhar-se dos problemas da humanidade. Ele se torna mais humanizado. Mais convicto da necessidade de transformação humanizadora. Abraça a causa dos injustiçados em busca de felicidade para todos. O místico torna-se um militante das causas humanas.

A mística é, pois o motor secreto de todo compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante [...]. O militante vive no mundo das excelências e dos valores em função dos quais deve gastar tempo, arrostar riscos e empenhar sua própria vida. Trata-se aqui não de ter ideias, mas de viver convicções (BETTO; BOFF, 2010, p. 68).

Quando se trata de cristianismo, Karl Rahner observa que a mensagem cristã se constrói tendo como pressuposto a história pessoal de cada indivíduo. A sua formação, caráter e individualidade (RAHNER, 2008, p. 42). À medida que o ser humano se torna pessoa e sujeito ele se identifica com Jesus de Nazaré que pelo processo da encarnação se compreendeu completamente humano para tratar da transcendência.

A mística, para Rahner, está profundamente ligada ao desejo de transcendência, que motiva as atitudes humanas e as põem em conformidade com aquilo que se faz.

Ao se colocar analiticamente em questão e abrir-se para o horizonte ilimitado de semelhante questionamento, o homem já transcendeu a si mesmo, bem como todas as dimensões pensáveis dessa análise ou de auto-reconstrução empírica de si (RAHNER, 2008, p. 43).

Vários são os relatos sobre a profunda mística que integrava as atitudes de Marcelo Cavalheira, sua profunda experiência de fé, que balizava a busca por transformações das estruturas sociais, coerentes com a compreensão cristã do Reino de Deus.

No período da Ditadura Militar, Cavalheira, em nome da causa dos perseguidos pelo sistema, chegou a ser preso, assim como muitos religiosos, que tentaram levantar a voz contra os desmandos que chagavam ao povo, causados pelo sistema.

Tudo isso nos leva a refletir: o que levou esse homem e leva a tantos outros a assumirem para si causas tão radicais e oferecerem suas vidas por tais causas?

Desse modo, pleiteamos com essa pesquisa, fazer um estudo a respeito da profunda ligação que há entre a espiritualidade e a e práxis cristã, na vida desse destacado sacerdote recifense, tendo como base suas próprias produções, seu testemunho e o testemunho daqueles que diretamente conviveram com ele.

Percebendo com clareza que em alguns sujeitos religiosos a experiência de fé é muito mais profunda do que simplesmente uma adesão confessional, analisaremos a universalidade do fenômeno místico, seus desdobramentos, a percepção dos teóricos a respeito dele.

Com os testemunhos daqueles que conviveram com Dom Marcelo, perceberemos o desenvolvimento dessa experiência profunda com o Sagrado que se deu em sua vida, desde a primeira infância, com a convivência no lar, durante o período de formação sacerdotal, e, ainda mais, no exercício do sacerdócio.

E assim, perceber a clara ligação entre mística de caridade cristã, a partir de três principais vértices, baseados na atuação de Marcelo Carvalheira, antes da sua Sagração Episcopal, a saber: a atuação como reitor do seminário, o trabalho como assistente da Juventude Independente Católica (JIC) e a percepção da Igreja, sobretudo no Brasil, durante do período de implantação do Concílio Vaticano II, e da ditadura militar no Brasil.

A metodologia da pesquisa se baseou, sobretudo, em levantamento bibliográfico e história oral.

A vida de Dom Marcelo ainda não foi muito explorada bibliograficamente, por isso, o método para obtenção de material a respeito dessa temática foi a história oral e alguns poucos escritos a seu respeito que, tocam sobretudo o seu episcopado e, por isso, foge àquilo que foi delimitado para a pesquisa.

O método da história oral tem seu valor fundamental porque faz com que o pesquisador construa o inédito, antes por ninguém explorado, que fundamenta pesquisas posteriores. Além disso, tal apanhado permite traçar a história do cotidiano, dos menores, dos que de contemplaram o acontecimento e guardaram em si apenas (FERREIRA; AMADO, 1996, p. 4).

O método específico abordado na pesquisa de história oral foi o das entrevistas guiadas por um simples roteiro, que permitem ao entrevistado trabalhar a subjetividade de sua experiência com Dom Marcelo, fazendo-nos perceber a riqueza de tais relatos.

Para obedecer aos parâmetros metodológicos da pesquisa, seguimos a seguinte ordem:

- No que toca à infância e à juventude de Dom Marcelo no seio da família, entrevistamos os irmãos que conviveram com Dom Marcelo antes de sua ida ao seminário e, obviamente, que permanecem vivos. Devido ao seu ingresso no seminário ter sido muito precoce, os irmãos têm certa dificuldade no que toca à infância, pois além da diferença de idade, visto que ele é o quarto mais velho, há a grande distância do tempo – já são passados cerca de 80 anos desses fatos. Entrevistamos as irmãs Maria José Pinto Carvalheira, Carlos Eduardo Carvalheira, Mirian Pinto Carvalheira e Geraldo Pinto Carvalheira na tentativa de analisarmos a sua formação familiar, as devoções familiares, a forma de encararem a religião, o surgimento de sua vocação, para assim fundamentarmos a observação sobre a sua experiência mística em seus nascimento.

- Outro ponto fundamental é a formação presbiteral, onde escutamos três pessoas que conviveram com Carvalheira durante esse período: Aumeri Bezerra de Melo, Zildo Rocha e Zeferino Rocha. Esses foram contemporâneos do Pe. Marcelo no Seminário de Olinda e na Residência Pio Brasileiro, em Roma.

- Quando tocamos a experiência mística que pode ser revelada na práxis cotidiana, enquanto movimento de libertação integral do ser humano, fizemos todo esforço possível para escutar pessoas que tiveram relação com o então Pe. Marcelo em três atuações fundamentais de sua vida presbiteral: a relação com a Juventude, a atuação como formador do Seminário de Olinda e a solidariedade com os perseguidos políticos no período da ditadura militar. Infelizmente, nessa fase, encontramos muita dificuldade. Devido à grande evasão do clero e das casas formativas no início da década de 1970, não conseguimos localizar muitos formandos do Pe. Marcelo. Em Recife, resta apenas o Pe. José Augusto Rodrigues Esteves. Já no que toca à sua atuação na JIC (Juventude Independente Católica), consta que, além de ser um grupo sempre resumido, naquele momento, as pessoas que participavam desse movimento já eram mais maduras, de tal modo que, passados cerca de 50 anos, boa parte já faleceu. Ainda assim, entrevistamos a Sra. Terezinha Lins que nos forneceu valiosa contribuição. Já em relação à sua prisão, encontramos dados com sua família, daquilo que foi conhecido, já que a única testemunha ocular dos fatos, ao que consta, foi o Frei Betto, que se recusou a dar o depoimento, afirmando que o que havia escrito em suas obras era suficiente a se saber. Sendo assim, dessa etapa, a nossa principal fonte é o livro “Batismo de Sangue” (2006), cujo autor é o Frei Betto. Assim, colhemos outro depoimento de dona Maria José Carvalheira, que nos relatou detalhes de sua visita ao Rio Grande do Sul durante o Cárcere do Pe. Marcelo.

Outro ponto que foi analisado em nossa dissertação foi o estudo das correspondências e escritos pessoais de Dom Marcelo. Com a ajuda de algumas pessoas ligadas a ele, tentamos então estender o nosso olhar sobre seus escritos pessoais, para percebermos assim essa dinâmica de vida que o levava da contemplação de Deus à ação em favor dos menores.

A experiência mística é algo profundamente antropológico, pois todo ser humano vive um processo de abertura relacional que se dá em diversas esferas processualmente, de modo que o ser humano se volte para o mundo, para o outro e para o Absoluto. Na experiência com o Absoluto, essa relação se dá em categorias, como objetividade e subjetividade. À medida que o sujeito faz a sua experiência, ele sente a necessidade de fazê-la acontecer de forma palpável: é aqui que encontramos a práxis cristã (VAZ, 2000, p. 25).

Assim, buscamos uma bibliografia baseada nessa visão antropológica da mística, no campo da psicologia, filosofia e teologia, entre outros. A partir da contribuição desses teóricos abordaremos o tema, fazendo a análise a respeito de como se processa a relação entre mística e práxis, vivida de forma espiritual e prática na vida presbiteral de Dom Marcelo Carvalheira.

A dissertação está estruturada em três capítulos, da seguinte forma:

No primeiro capítulo, fazemos uma abordagem a respeito do fenômeno místico em si, da sua dimensão universal, antropológica e das origens desse fenômeno dentro do cristianismo.

No segundo capítulo, analisamos a vida do Pe. Marcelo, desde a primeira infância, com a abordagem a respeito de sua genealogia, até os anos de presbiterado, buscando permear o fenômeno místico em sua vida. Abordamos a base de sua formação, seja no lar de seus pais, seja nos seminários por onde passou. Ainda no segundo capítulo, analisamos a sua atuação como padre, sobretudo obedecendo a três campos de atuação: o trabalho como reitor do seminário, como assistente da Ação Católica e a sua postura diante do regime militar no Brasil.

Por fim, o terceiro capítulo da dissertação, apoiados nos teóricos que já haviam sido abordados nos capítulos anteriores, sobretudo o primeiro, analisa o fenômeno místico universal e cristão, tendo como base a história de Dom Marcelo Carvalheira.

O itinerário místico de Dom Marcelo não foi desassociado daquilo que anunciava o cristianismo, nem da mensagem de Jesus. A base do Evangelho era muito

forte em sua vida espiritual e os conceitos cristãos, como comunhão e fraternidade, por exemplo, eram metas trabalhadas e alcançadas.

Assim, olhando para a vida desse místico do cotidiano, pretendemos contribuir para os estudos das ciências da religião, no sentido de apresentar um exemplo claro de ação mística, prática e, por ser cristão, praxiológica.

1. O FENÔMENO DA BUSCA PELO MISTÉRIO NA EXISTÊNCIA HUMANA

1.1. A importância da fenomenologia para a leitura das religiões

Embora sendo a mística um tema muito relevante na teologia, essa pesquisa tem como objetivo analisar esse movimento tendo como base as Ciências da Religião. Sendo assim, a proposta não é entender a mística como um ato de fé ou mesmo de interlocução com Deus, mas como fenômeno religioso, que provoca instigantes mudanças na ação humana. Pleiteamos apresentar a mística antes de tudo como um fenômeno humano, independente de religião ou cultura.

Ao final do século XIX, Edmund Husserl (1859-1938) se propôs a abandonar as tradicionais escolas filosóficas e criar um método investigativo a partir dos dados que baseassem a construção do conhecimento, contrapondo-se aos métodos naturalistas e psicologizantes. Para ele, era necessário criar uma forma de leitura dos fatos aliada a dados colhidos com segurança e rigor, objetivando garantir a autenticidade da discursão. Surge, assim, a fenomenologia.

A palavra fenomenologia encontra sua origem no grego. E significa o estudo (*logia*) daquilo que aparece nas coisas, daquilo que se faz mostrar (*phainomenon*). Assim, a fenomenologia é uma visão comparada daquilo que se percebe a partir da reação e comportamento do objeto de estudos. É a resposta aparente do intelecto que apreende determinados dados do objeto de estudos, sem, contudo, esgotar a totalidade dele.

Para Immanuel Kant - pensador que, com suas concepções, influenciou a formulação da fenomenologia de Husserl - uma coisa é a realidade tal como ela é, e outra coisa é a maneira como essa mesma realidade aparece diante de mim enquanto sujeito do conhecimento. O observador só pode conhecer unicamente aquilo que da essência (*noumeno*) o sujeito permite revelar (fenômeno). A realidade, tal como ela é, em sua essência (*noumeno*) é incognoscível, ou seja, não podemos conhecê-la. Contudo, é possível conhecer o modo como ela aparece (fenômeno), posto que o modo de seu aparecimento não dependa só dela, mas da possibilidade de apreensão de seu “aparecer” por parte do observador.

Partindo dessa concepção, Husserl vai adiante com seu projeto e estabelece as “reduções fenomenológicas” (CERBONE, 2012, p. 27), que tem como objetivo discernir e descrever a estrutura essencial da experiência, perguntar e responder as questões a respeito das condições de possibilidade (transcendental) da experiência para atingir a certeza

epistemológica. Assim, a fenomenologia adquire um estatuto próprio em relação à filosofia e as demais “ciências”.

Todas as culturas e povos expressam-se religiosamente. Todos compartilham socialmente uma experiência com o transcendente. O fato religioso pode ser encarado pelas mais variadas ciências como a História (da Religião), a Sociologia (da Religião), a Psicologia (da Religião) e a Filosofia (da Religião).

As Ciências das Religiões analisam o que é comum em todas as religiões tentando compreender as linhas de evolução entre elas a partir dos primórdios da humanidade para determinar as primeiras formas de expressão do religioso no mundo.

O interesse em estudar as religiões em suas singularidades é antigo na História. Os gregos já se interessaram pela visitação de outros povos e o registro das suas viagens com as impressões acerca da cultura e da religiosidade de cada agrupamento humano da Antiguidade.

O historiador da Religião encontra os fenômenos da Religião; cabe ao fenomenólogo analisá-los. Para existir, a Fenomenologia necessita da atuação e descobertas da História das Religiões porque os historiadores das religiões tem por base duas orientações metodológicas distintas e complementares que auxiliam o fenomenólogo: uma é a busca pela estrutura específica dos fenômenos religiosos, ou seja, procuram a essência mesma da religião, e outra é reproduzir o contexto histórico desses fenômenos, quer dizer, decifrar sucintamente a história religiosa no mundo.

Os dados religiosos que serão analisados pela Fenomenologia são os símbolos, mitos, ritos, doutrinas, visões de mundo, compreensões acerca do homem¹, modelos de vida, literaturas, arte religiosa e principalmente os relatos de experiências com o transcendente, os testemunhos religiosos. A Fenomenologia caminha desses testemunhos até a sua fonte geradora (O Sagrado).

A Fenomenologia se interessa pela intencionalidade da manifestação religiosa essencialmente falando, não é parcial, trata do todo, mas não lhe interessa simplesmente tomar o fato religioso em si unicamente, vai além. Estuda o que esse fato é para o homem de religião, sobre a experiência do Sagrado, seus significados, seu sentido último.

O fato religioso reflete o ser humano mais essencial, mais complexo, mais profundo, mas cada religião se manifesta quanto a isso com as mais variadas formas de linguagem. A

¹ Perceba-se que ao longo da pesquisa muitas vezes será usado o substantivo homem, empregado em sua forma comum aos dois gêneros (masculino e feminino). Esse emprego não vem acompanhado de qualquer discriminação ou ideologia, mas tem o objetivo de não gerar multiplicação de fonemas idênticos ou mesmo pleonasmos na mesma oração. Assim, compreenda-se como sinônimos: homem, ser humano, homem/mulher, gênero humano. Da mesma forma leia-se termos como Igreja, Igreja Católica, Catolicismo.

primeira linguagem religiosa é simbólica. O símbolo não é o conteúdo, mas dá o conteúdo e oferece à mente o material máximo e existencial que permita a interlocução entre sujeitos e a compreensibilidade do conteúdo comunicado.

Uma leitura primeira sobre as definições da fenomenologia se torna muito vazia. É mais fácil entender o que a fenomenologia não é: não é história das religiões, não é sociologia ou psicologia religiosa. É uma crítica filosófica da religião pelo prisma do sujeito religioso.

Segundo Bleeker (apud, CROATTO, 2001, p. 27), três são as partes da Fenomenologia da Religião: *Theoria*, *Lógos* e *Enteléquia* que estudam respectivamente o sentido e contexto, a estrutura e coerência, a dinâmica e o desenvolvimento do conteúdo fenomênico religioso.

A fenomenologia adentrou no campo da religião com os esforços de Rudolf Otto², pastor luterano de Marburg, na Alemanha. Diante da profunda crise histórico-cultural europeia causada pelas mudanças resultantes do processo derivado das relações criadas entre as sociedades, Otto percebe a integridade da fé cristã ameaçada pelo sentido e pela ordem social. Assim, unindo-se ao arcebispo, também luterano, Natan Söderblom gera a Fenomenologia da Religião e uma grande teoria do *Sagrado* (CROATTO, 2001, p. 51-52).

A partir da sua formação protestante, Otto elabora um sistema de pensamento que, tendo como base a finitude da criatura, tenta olhar para o Sagrado com propriedade a partir das suas manifestações na subjetividade humana. Segundo Gasbarro,

A verdadeira religiosidade da humanidade encontra seu verdadeiro fundamento na intuição-percepção de uma potência numinosa, na experiência entusiasmante e não sempre explicável do *De servo arbitrio*³, no mergulho na profundidade da alma, onde o intelecto encontra o sentimento e o racional funde-se com o irracional (GASBARRO, 2013, p. 81).

² Rudolf Otto nascido em setembro de 1869 e falecido em 6 de Março de 1937. Foi destacado teólogo, filósofo e historiador das religiões, professor de Teologia nas Universidades de Göttingen, de Breslau e de Marburg, onde foi reitor. De religião protestante alemão e erudito em religiões comparadas. Possui uma vasta coleção de publicações dentre as quais se destaca para as Ciências da Religião: *O Sagrado*. Possui clássicos da teologia alemã até hoje muito referenciados. Otto gerou o termo *numinous*, este termo exprime um importante conceito religioso da atualidade. Na sua obra “*O Sagrado*”, publicada em 1917, Rudolf Otto analisa a realidade apriorista do Numinoso, ou sagrado através dos elementos racionais e irracionais, cujos principais aspectos são descritos nas categorias do *Mysterium Tremendum* como *Tremendum* (arrepiaante), *Majestas* (avassalador), *Mysterium* (o totalmente outro). O Numinoso é “fascinante” e “assombroso” ao mesmo tempo.

³ Aqui também o autor faz uma clara menção à clássica obra de Martinho Lutero de mesmo título. Escrita para combater *De libero arbitrio diatribe sive collatio* (Debate sobre o livre arbítrio ou contribuição humana) de Erasmo de Roterdã, a obra encontra seu sentido em justificar que o homem em sua história de pecado e salvação é livre apenas para escolher as coisas mais simples. Entretanto, ele se torna como um burro montado por Deus ou pelo diabo à medida que ergue essa história.

Nesse sentido, Rudolf Otto vê na fenomenologia da religião um meio não redutível à ciência, nem à racionalidade, mas a aprofunda numa inversão epistemológica em que é reafirmado o primado da subjetividade transcendental até o êxtase da mística. E é no processo de manifestação do numinoso, que a intuição-percepção do sujeito cognoscente, “mergulhado” no processo, consegue dizer algo sobre o fenômeno, já que apreendeu algo sobre ele.

As teorias de Otto, de claro fundo teológico, encontram bastante eco numa leitura objetiva dos fatos comuns ou não às religiões. Três palavras são chaves para a leitura das teorias: *tremendum*, *fascinans* e *mysterium* (CROATTO, 2001, p. 52-53).

A divindade, abordada por cada religião ao seu modo, revela-se no Sagrado que caracteriza-se por uma autoridade suprema, que gera fascínio, mergulhada em um mistério tremendo de poder e superioridade.

Do ponto de vista conceitual, o *mysterium* não indica senão o escondido, o não manifesto, aquilo que não é intuído, e não é compreendido, o extraordinário, o incompreendido, sem nenhuma especificação qualitativa. Assim, porém, algo de intensamente positivo é significado. Tal conteúdo positivo é vivido unicamente no sentimento; esse sentimento nós podemos, mediante a discursão, contribuir para esclarecer, na medida em que o repercutimos (GASBARRO, 2013, p. 82).

Nesse sentido, as linhas mestras da teoria de Otto terminam por se afastar da fenomenologia da religião, caindo em categorias teológicas (GASBARRO, 2013, p. 82). Contudo, seu pensamento abre espaço à fenomenologia da religião como olhar para o objeto numa forma mais profunda, a partir da natureza, consciente dos fatores que surgem da relação sujeito-objeto, manifestada nas situações próprias da vida e da cultura, onde se procura dar sentido ao aparente (fenomênico).

Nicola Maria Gasbarro (2013, p. 84-91) retoma Gerardus Van der Leeuw que baseia seus estudos de ciências da religião em quatro pilares (GASBARRO, 2013, p. 84): o objeto da religião, o sujeito da religião, a relação entre sujeito e objeto na religião e o mundo. Estes pilares tem o objetivo de fazer com que a Fenomenologia da Religião permaneça prioritária se comparada com outros modos de conhecimento de fatos religiosos, já que é capaz de conhecer algo de sua natureza mais profunda, a partir das relações sujeito-objeto da religião, levando em consideração o “mundo” da religião com todas as suas condições de possibilidades.

O método de Van der Leeuw lembra o fenomenológico de Husserl, que pretende mostrar que o centro da compreensão fenomênica da religião está no estudo do sentido, vivido

e repensado na experiência da fé. Para ele, o fenômeno, pensado a partir de uma leitura fenomenológica deve levar em conta uma ambiguidade no mistério. Tal ambiguidade – que é o *phainomenon* repensado em termos husserlianos conserva a ambiguidade estrutural do *mysterium* de Otto – se expressa na sua complexa manifestação na história e na diferenciada fruição sincrônica de si. Em outras palavras, a sua revelação é sempre parcial e resta, portanto, o desafio do seu contínuo esconder-se. E isso acontece porque a apreensão do objeto por parte do sujeito gera a ambiguidade da revelação pelo seu poder interpretativo, e não pela limitação do objeto.

O fenômeno religioso é ainda um marco comportamental. Visto que como a religião se impõe como uma instância superior nas relações sociais, o comportamento religioso abaliza os hábitos civis de determinadas culturas. Suas normativas são valores sociais e tornam-se “leis comportamentais” para a vida comum. O mostrar-se se torna então uma necessidade (GASBARRO, 2013, p. 86).

A fenomenologia procura o fenômeno; o que é o fenômeno? É aquilo que se mostra. Isto comporta uma tríplice afirmação: (1) há alguma coisa; (2) esta se mostra; (3) é um fenômeno pelo fato mesmo de se mostrar. Ora, o próprio fato de se mostrar afeta seja aquilo que se mostra, seja a quem é mostrado; por conseguinte, o fenômeno não é um simples objeto; e não é tampouco o objeto, a verdadeira realidade, cuja essência seria somente recoberta pela aparência das coisas vistas. Disto fala certa metafísica. Dizer fenômeno não significa nem mesmo algo puramente subjetivo, uma vida do sujeito estudada por um ramo diferente da psicologia – na medida em que haja possibilidade de fazê-lo. Mas o fenômeno é ao mesmo tempo um objeto que se refere ao sujeito, e um sujeito relativo ao objeto [...]. Consequentemente, o fenômeno, com relação a quem quer que ele se mostre, comporta três características fenomenais superpostas: (1) é – relativamente- escondido; (2) revela-se progressivamente; (3) é – relativamente- transparente. Essas etapas sobrepostas não são iguais, mas correlativas àquelas da vida: (1) experiência vivida; (2) compreensão; (3) testemunho. As duas últimas relações, cientificamente tratadas, constituem a tarefa da fenomenologia (GASBARRO, 2013, p. 85).

Nesse texto, bastante recorrente à filosofia, Leeuw já nos aponta o caráter processual do fenômeno religioso que nasce a partir da experiência seja daquele que se faz conhecer através do ser conhecedor, seja através do que colhe os sentidos expostos, interpretando-os a partir de sua experiência subjetiva. Toda subjetividade não lança seu conhecimento sobre o objeto, mas sobre o fenômeno, visto que o fenômeno é aquilo pelo qual o objeto se permite conhecer. Entretanto, essa experiência é, em parte, relativa, porque depende efetivamente da compreensão.

A compreensão do fenômeno religioso é necessária porque nos permite perceber a unidade entre a religiosidade da pessoa e o sentido que ele dá ao mundo. É graças à compreensão do fenômeno que o ser humano encontra na religião o ápice de toda realidade em que está inserido, porque é ela que se impõe sobre todos os códigos culturais com a exigência de levar ao limite o problema do sentido da vida e da morte, do valor e da ordem de um mundo que pede para ser “compreendido” e governado. Justamente quando isso acontece é que chegamos ao cerne da Fenomenologia da Religião, já que “este limite do sentido, vivido como horizonte último e sistema integrado de significação torna-se o motor de compreensão fenomenológico” (GASBARRO, 2013, p. 86).

Depois de Otto os estudiosos não se atêm mais às ideias de Deus e de religião somente, mas nas modalidades da experiência religiosa. Ele deteve-se nos aspectos não racionais (irracionais) dessa experiência; já Eliade, um desses estudiosos, senão o maior deles, retratou os racionais e irracionais, isto é: a totalidade do experimentar religioso. Compôs a terminologia “Sagrado” para falar do conteúdo da experiência comum que todos os homens religiosos têm e a preferiu a “Divino” por ser aquele um termo mais amplo que este.

É de Eliade duas definições sumamente importantes para os estudos fenomenológicos: primeiro, que o sagrado se opõe ao profano, apesar de estar inserido nele; segundo, que o ser humano só pode dar a conhecer o sagrado, se o sagrado possibilitar revelar-se.

Antes de tudo, para ele, Sagrado e Profano são duas modalidades de experiências. Não são privilégios que uns homens têm e outros não, mas dois modos de agir no mundo e de atuar na sociedade, pois segundo Eliade até a existência mais “des-sacralizada” conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo. O homem profano também tem seus lugares sagrados de vivências, de memórias, de pacificação e enamoramento da vida.

Essa revelação se dá a partir de uma linguagem específica, que não é profana, mas é tomada do profano. Nesse caso, a linguagem não é a realidade, mas só a pode sugerir. Não determinar. Por um lado a linguagem religiosa percorre um movimento de abertura (ao infinito, ao eterno, ao pleno) porque é capaz de apontar, mas por outro lado, tem a tendência de, por ser insuficiente, acabar por resumir demais a experiência religiosa de modo que o humano religioso não chegue a vislumbrar a verdadeira face do mistério, até as suas últimas consequências. O que ultrapassa o nível do real e natural na linguagem advém de termos e expressões que inevitavelmente pertencem ao nosso mundo natural. A linguagem religiosa que aponta para o sobre-humano é paradoxalmente humana, não de outra espécie superior.

De fato, esta pode ser a primeira dificuldade para adentrar profundamente o mistério: não existe uma linguagem divina para falar do divino, então como lhe fazer *jus*? Por outro lado, se a linguagem para expressar o não humano não fosse humana, seria impossível ao mesmo homem, inalcançável, “inobjetável”, pois se divina fosse, ao humanizar-se, desdivinizar-se-ia. Por isto participar do sagrado é uma experiência singular, mas nunca plena, pois o ser humano está imerso num meio que não lhe permite deixar-se a si mesmo para ser outra coisa maior.

O ser humano também não descobre o objeto numinoso, o objeto dar-se a conhecer, ou melhor, não ele mesmo, mas o que se manifesta e é percebido. Não se conhece como ele é, mas só se pode conhecer suas manifestações. Nisto se justifica a Fenomenologia da Religião: começar pelas manifestações do fato religioso para enfim chegar ao religioso mesmo, o puramente e essencialmente religioso.

Para falar deste ato da manifestação do sagrado, reconhecido como “O Totalmente Outro”, completamente estranho ao cotidiano profano, cunha-se o termo *hierofania*⁴, literalmente “manifestação sagrada”. Toma-se daí a noção de extraordinário, fora da ordem comum, presente na natureza visível e corrente sim, mas que a supera. A *hierofania* é, assim, sempre Epifania (manifestação gloriosa) do numinoso. Há *hierofanias* elementares, que ocorrem em pedras, árvores, animais; e *hierofanias* superiores: anjos, deuses, semideuses, criaturas espirituais...

O sagrado não está para o profano como que para destruí-lo, mas para plenificá-lo. Faz o profano retomar o seu rumo de volta à sacralidade, contra a secularização e a relativização, o sagrado quer expurgar do profano o que é profanação do sagrado. Por isso, uma característica presente no “fato religioso” é a “internalização do sagrado” nas realidades profanas: supra-humano se manifesta no profano, o invisível no que é visível, o oculto no previsto, o raro no comum.

Nesse sentido, o que para alguns é rebaixamento, na verdade, é a forma de o sagrado mostrar-se poderoso, assumindo o menor e acomodando-o, moldando-o a si mesmo. E não poderia ser de outra forma, pois como o mais fraco poderia alcançar o mais forte se o mais forte não viesse ao seu encontro?!

O ser humano dá mais valor ao que não é do seu mundo, e no seu mundo valoriza mais o que é raro, incomum. Como chamar a sua atenção? Se o sagrado se transformar em algo corriqueiro, terá valor perante o homem? Não, mas se aparecer pouco, mostrando-se

⁴ Termo cunhado por Mircea Eliade, que significa manifestação do sagrado.

quase nada, revelando-se uma única vez, talvez suscite interesse. E nisto habita o nobre paradoxo: para mostrar-se, tem de esconder-se.

E como não há somente homens aqui ou ali, mas também lá, o sagrado precisará aparecer mais uma vez à frente e inserir-se no contexto desses outros. E, qual remédio que cura a um, mas é capaz de matar a outro, o sagrado aparece de forma diferente a cada vez, pois cada agrupamento tem uma visão de mundo diferente e receberá a visita do sagrado de maneira totalmente diversa.

Não é diferente o que aparece, mas diferente é quem percebe. Seu estado de espírito, suas estruturas mentais, seus conceitos e preconceitos, suas manias e idiosincrasias. Eis a razão para a universalidade plural do sagrado manifesto. Assim as diversas formas culturais vão revestindo o conteúdo manifesto superior (sagrado) com as cores de suas tintas, põe-lhe adereços, mesmo sendo ele uno, único, inimitável, inigualável.

Se o Sagrado se manifesta na pedra, não é a pedra que é o sagrado, mas a pedra remete, aponta para o que nela se mostra. A pedra não é menos que sagrada agora, não por ela mesma, mas por causa daquela que a tornou singular testemunha do Grandiloquente que fala nela e por ela. E sem deixar de ser pedra assume como que uma segunda natureza. Ainda tem suas constituições químicas, físicas e cósmicas próprias. Mas ao ser envolvida num evento singular sobrenatural, não é “mais uma” entre tantas e sim especial, uma com o Uno. Reconhecida assim, é levantada no centro da comunidade, para fazer lembrar e atualizar aquele evento cataclísmico da chegada do Supremo, do Grão.

Embora Otto e Van der Leeuw tenham possibilitado grandes avanços à fenomenologia da religião, o pensamento de ambos era limitado (CROATTO, 2001). A respeito da limitação da estrutura do pensamento de ambos se refere Mircea Eliade:

[...] as análises do primeiro são incompletas porque privadas da análise do mito, e, portanto, implicitamente do pensamento primitivo, enquanto o segundo se limita a esclarecer as estruturas internas dos fenômenos religiosos, e a sublinhar a impossibilidade de reduzi-los a estruturas sociais, a funções psicológicas ou exclusivamente racionais (apud, GASBARRO, 2013, p. 92).

Mircea Eliade trabalha o tema do mito como fenômeno religioso distante dos pressupostos da “revelação”. Para ele, o mito é compreendido como uma estrutura fundamental da vida primitiva “*que revela como uma realidade veio à existência*” (ELIADE, 1988, p. 89). O mito não é uma mera narrativa de um conto com o intuito de justificar algo,

mas é uma narrativa acerca da realidade de determinado grupo, sua percepção de mundo e de ação.

Eliade, afirmou constantemente que o fenômeno religioso é irreduzível e deve ser compreendido em sua modalidade própria, que é a de “o sagrado”, e não a partir da psicologia, da sociologia, da filosofia ou da teologia, cujos objetivos de estudos são manipuláveis. O objeto da fenomenologia da religião é o próprio sujeito da experiência religiosa! Por isso as experiências religiosas não podem ser reduzidas a formas de conduta não-religiosa. Todo fato religioso constitui uma vivência específica graças ao encontro do ser humano com o sagrado (CROATTO, 2001, p. 57).

Levando em consideração as perspectivas da realidade, da percepção de mundo e da ação de determinado grupo, o mito passa a delinear as ações que constroem a realidade a partir do pensamento comum. Para ter sentido, a ação dos membros de determinada instância social precisa adequar-se ao mito ou ao conceito que nele está implícito. O conteúdo implícito no mito não se limita a remeter ao sentido do pensamento e da realidade, mas na possibilidade de fundar sua estrutura e sua forma substancial, ou seja, a linguagem do mito, ligada à sua cronologia, lhe confere sentido e valor, revelando a potência constitutiva do pensamento e as dimensões impressas por ela às realidades socioculturais, entendidas como lugares antropológicos e momentos históricos de uma *hierofania* onipresente. Assim se expressa Eliade:

O tempo mítico que o homem se esforça por reatualizar periodicamente é um tempo santificado pela presença divina, e pode-se dizer que o desejo de viver na presença divina e num todo perfeito corresponde à nostalgia de uma situação paradisíaca (ELIADE, 1988, p. 105).

Assim sendo, a manifestação do sagrado – *hierofania* – passa a ser vivida, e o comportamento do ser humano religioso é o espelho de sua experiência do sagrado. Essa vivência “manifesta-se em seus símbolos, mitos e ritos, que tem relação com sua vida concreta e histórica, mas enquanto relacionada com acontecimentos originários e instauradores” (CROATTO, 2001, p. 57). Nesse sentido, as formas pelas quais as estruturas míticas são apresentadas expressam a capacidade de comunicação e a possível compreensão do sagrado por parte do ser humano, que deseja situar-se na abertura dada pelo divino.

Para Eliade, o mito remete, com suas estruturas de continuidade de tempo e de espaço, ao paradigma do sagrado, enquanto que, qualquer outro tipo de percepção da realidade, e especialmente, a história, recai, inevitavelmente na existência do profano. À medida que o sagrado se manifesta e o sujeito compreende algo dele, a sua racionalidade consegue

posicionar o sagrado no tempo e no espaço, tendo em vista o processo de entrada no divino, para, assim, alcançar o sentido de si e do mundo; ao passo que, à medida que esse intuito não é alcançado, ou pelo menos não é buscado, o sujeito não adentra no sagrado, e, conseqüentemente, o que deveria ter sentido não o tem e passa ao nível do profano. E, assim, toda relação com o divino passa por essa dialética entre sagrado e profano:

Se o sagrado é a generalização da religião, o profano torna-se a generalização de todos os outros códigos da vida social: não por acaso, no profano misteriosamente se manifesta e se oculta o sagrado, e a religião continua não se resolvendo nas relações sociais e nas estruturas simbólicas. Mais: a oposição Sagrado/profano não remete a uma complementariedade descritiva e/ou analítica que alarga o horizonte do possível e do pensável, mas a uma hierarquia dialética que subordina a matéria ao espírito, o histórico ao eterno, a formação à forma, o desenvolvimento às origens, o rito ao mito, e tudo o que já se manifestou ao poder arbitrário do manifestar-se (GASBARRO, 2013, p. 94).

É notório que, para Eliade, o profano não é algo totalmente negativo, mas algo que possibilita a hierarquização de toda a dialética presente no universo religioso e no mundo que o circunda, haja vista a religião tornar-se o código que rege a estrutura do “mundo”. Destarte, as categorias de sagrado e profano adquirem, no universo religioso, um sentido que ultrapassa o ético e se orienta ao ontológico, ressaltando que, nesse universo, há uma abertura para a essência de tudo que se manifesta do sagrado.

É mister ressaltar que “o sagrado, para Eliade, é, em si mesmo, parte do profano, recebido pelo ser religioso como mediação significativa e expressiva da sua relação com “o divino” (CROATTO, 2001, p. 59).

Em suma, em sua fenomenologia da religião, Eliade, quis construir um edifício não falsificável, que levasse adiante a pretensão universalista de encontrar as manifestações do sagrado, evitando o etnocentrismo e as teorias gerais, embora nunca definitivas e universalistas.

Todos os pensadores da religião na Modernidade são unânimes em afirmar que após as investidas de Eliade para com a Fenomenologia da Religião, não houve nenhum outro pensador que ultrapassasse a sua universalidade e capacidade de compreensão do fenômeno religioso.

Além disso, a fenomenologia da religião entrou numa profunda crise de esvaziamento graças ao desenvolvimento excessivo da interpretação teórica e à recusa do processo de falsificação. Esses dois fatores contribuíram de um lado para a particularização e ligação dos fenômenos a determinadas religiões, e, por outro lado não se preocuparam na negação da

filosofia da religião e dos contextos histórico-culturais como autênticos fenômenos religiosos, isentos de toda preocupação filosófica e teológica, para procurar determinar as razões profundas que motivaram o ser humano a praticar certos ritos e a enunciar certos mitos, para conhecer o significado próprio deles.

Entrelaçada a problemática acima enunciada está à explosão social e política das grandes religiões, que com suas teologias esvaziam o objeto religioso em sua sacralidade originária e em seu valor primeiro.

[...] estas (religiões) falam a linguagem forte e direta da transcendência e não aquela sublimada e misteriosa do transcendental, encarnam-se na política das relações sociais e não se manifestam na relação natureza-mundo (GASBARRO, 2013, p. 95).

Desta forma, com suas teologias, as grandes religiões tentam ultrapassar os limites do divino, e o revelam por meio dos símbolos, da linguagem... afim de, pelo conhecimento do divino, se possa adentrar nele. Essa forma de inserção no sagrado não leva em consideração as suas múltiplas formas de manifestação, muito menos o seu caráter “mistérico”.

Para as grandes religiões, o que deveria ser parcialmente manifesto passa a ser totalmente revelado. O que deveria ser totalmente sublime, totalmente outro-diferente-de-si passa a ser antropologizado ao passo de fazer parte do homem. E assim, a *hierofania* é deixada de lado.

Aliado a esse processo está o fato do posicionamento contrário às formas elementares e primárias de *hierofania*. As grandes religiões não levam em consideração esse fator. Partindo de pressupostos “científicos”, só levam em conta o que suas teologias e demais ciências podem revelar do divino.

Por esses motivos, a Fenomenologia da Religião ainda possui elementos que a testificam metodologicamente e, ainda lhe asseguram o potencial de encontrar elementos acerca do sagrado. Dentre eles podemos citar:

Em sua estrutura essencial, o sagrado é sempre o mesmo ato misterioso, a manifestação de algo “totalmente outro”, que não pertence a esta ordem natural e profana.

Todo fenômeno religioso é uma hierofania. O sagrado, de fato, só pode ser experimentado se ele se mostrar. Ao se manifestar no espaço e no tempo, deixa-se descrever.

O sagrado/divino, contudo, manifesta-se por intermédio de outra coisa. Está mediatizado. Continua sendo inobjetivável, Mistério. Manifestado, permanece como sem manifestação (a linguagem upanixádica a respeito do Brahman lembra-o uma e outra vez).

Por isso, mostrar-se heterogeneamente, em uma pluralidade de signos: objetos (qualquer elemento do mundo físico), fenômenos da natureza, pessoas, acontecimentos, palavras sagradas (orações, recitação de um mito, leitura de um texto sagrado etc.).

Cada mediação revela uma modalidade do sagrado e uma situação particular do ser humano com respeito a ele. Uma árvore sagrada é assim porque mostra outra coisa, mas sem deixar de ser árvore. Como sagrada, não obstante, tem um efeito religioso que não decorre só do fato de ser árvore. Sem deixar de ser o que é, orienta para outra realidade, captada só pelo *homo religiosus* enquanto tal.

A manifestação do sagrado é uma cratofania; experimenta-se como força, de outra ordem sem dúvida, e implica eficácia, perenidade. Essa força mostra-se em diferentes níveis, o principal é o urânico, já que o céu é o símbolo por excelência da transcendência e do poder (CROATTO, 2001, p. 71).

Por fim, é necessário reafirmar que o processo fenomenológico acontece em relação ao sujeito que apreende o objeto. Destarte, a apreensão do objeto passa não só pelo aspecto racional do sujeito, mas também em relação às suas capacidades físicas e psicológicas. Nesse sentido, a fenomenologia mexe com a razão e com o corpo do sujeito que apreende o objeto. E, levando em consideração que na fenomenologia da religião o sujeito é religioso, a manifestação do divino/sagrado se dá também no corpo, e acaba revelando o aspecto místico da *hierofania*. A imersão na intimidade da vivência religiosa envolve o corpo:

É notável que semelhante terror característico diante da presença inquietante provoque uma reação física, tão singular, nunca juntamente com o medo e o terror natural: ‘congela-se o sangue nas veias’, ‘a pele se arrepia’. Arrepiar-se é algo de “sobrenatural”. Quem for capaz de maiores e mais profundas ressonâncias espirituais deve reconhecer que um terror desse tipo não se diferencie somente em grau e em intensidade do terror natural e não é de fato um nível simplesmente mais elevado deste (GASBARRO, 2013, p. 82).

Em um primeiro momento, a hierofania causa medo, pois o sujeito se encontra diante de algo totalmente diferente de si. O medo é uma imposição antropológica natural diante do desconhecido, ao passo que, à medida que o sujeito passa a conhecer o objeto, este se torna cativante, fascinante, e torna-se complemento de si.

O conteúdo qualitativo do numinoso, sobre o qual o mistério imprime forma, é, de um ponto de vista, o momento, já analisado, do tremendo que aterroriza, rico de “majestade”. Mas, de outro ponto de vista, é claro que é algo ao mesmo tempo tipicamente atraente, cativante, fascinante, o qual se entrelaça, numa estranha forma de harmonia, com o primeiro (GASBARRO, 2013, p. 82).

Partindo, portanto, da ideia da ação fenomênica do objeto no sujeito a fenomenologia se torna mais empolgante e abre um olhar potencial a si, haja vista ser o tema da mística mais amplo do que se imagina e mais aberto às realidades originárias e primárias do ser humano religioso e das diversas religiões.

1.2 Mística: Etimologia, significado e características

O termo “mística” encontra nas diversas culturas e formas de pensamento significados diversos. Místico pode significar alguém enigmático, confessional, espiritual ou mesmo chefe religioso. Etimologicamente, a palavra mística encontra sua origem no grego *Myen* (com o desdobramento *mystikós*) que significa calar-se, silenciar (BORAU, 2005, p. 23).

Assim, as primeiras definições que se encontram nos dicionários de português para o termo mística, apresentam “ciência e arte do mistério”⁵. Ser místico, nesse entendimento é conhecer profundamente a arte de calar-se, de estar em silêncio. Outras definições possíveis aparecem no livro “*Mística e Espiritualidade*” (BOFF; BETTO, 1994, p. 12) em referência ao substantivo que lhe origina: mistério.

Mistério pode ser a resposta quando não se tem mais resposta, ou seja, quando se julga que a resposta ultrapassa a capacidade dos interlocutores. Ou a influência fascinante e encantadora que uma pessoa exerce nos admiradores como quando se diz: “Que mistério tem Pedro para que Ângela não o esqueça?”. Também pode significar algo indefinido, cheio de imprevisibilidade: “O que ele vai ser da vida é um mistério”.

Para refletir sobre algumas características da mística é importante ter a noção de que não cabem aqui descrições categóricas, mas sim a possibilidade de consistentes variáveis. A mística só é possível na vida de pessoas concretas, falíveis, limitadas, que carregam consigo os atributos que compõem qualquer pessoa humana. Não é um fenômeno extraordinário, mas se há algo de singular nela é a necessária abertura do místico como postura permanente de acolhida ao que ele não entende totalmente, mas confia plenamente.

Trata-se de um conhecimento imediato, no sentido de não ser proveniente de imagens, discursos, mas é patrimônio direto, que não passa pelos sentidos, mas vem do interior da

⁵ MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=m%EDstica>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2014.

pessoa e, neste sentido, torna o conhecimento mais do que um conteúdo apreendido. Conhecimento e vida se confundem. Tratando da relação de busca e encontro com Deus, este conhecimento imediato é ao mesmo tempo a própria vida do vivente diante de uma presença plenificadora: presença do inaudito, da imersão e inundação no inesgotável, no incomensurável.

Quando Deus é buscado pelo homem/mulher, é buscado mediante ideias e conceitos que necessitam de uma estruturação, organização e justificação racional mínima e por isso Deus aparece como uma pessoa distante, sempre um “outro”, um estranho. Mas quando a pessoa decide rasgar o véu que permite apenas um fosco vislumbre de Deus e se depara com Ele frente a frente, é possível senti-lo, entender suas razões, viver sob sua inspiração, fazer dele a razão última para se viver.

A percepção de tudo torna-se mais clara, profunda e esta presença inspiradora é notada em tudo. A voz de Deus entoada no íntimo do ser humano torna-se ação no mundo: “Ele disse e tudo se fez”. A visão cosmológica do místico é diferente da de outros homens simplesmente pelo fato de ele dar-se conta da existência de um brilho que envolve tudo, mas que sempre esteve ali de forma tão eficaz e simples como o ar que envolve o mundo e nele embala a vida. O mesmo vento que agita o mar e o torna vivo, que leva as sementes das árvores e invade o interior do ser humano envolvendo por fora e vitalizando-o por dentro. Tereza de Ávila confirma essas considerações:

No princípio, atingiu-me uma ignorância de não saber que Deus está em todas as coisas, e que, como Ele me parecia estar tão presente, eu achava ser impossível. Eu não podia deixar de crer que Ele estivesse ali, pois achava quase certo que percebera a sua presença. Os que não tinham letras me diziam que Ele só estava ali mediante a graça. Eu não podia acreditar nisso, porque, como digo, sentia a Sua presença. Por isso ficava aflita. Um grande teólogo da Ordem do glorioso São Domingos me tirou dessa dúvida, ensinando-me que o Senhor está presente e se comunica conosco, o que me trouxe imenso consolo (D’ÁVILA, Tereza de. 1995, p. 117).

Todavia, falar de mística como um conhecimento direto, como percepção interna de uma presença que é vida em si mesmo, ou ainda do modo peculiar e profundo com o qual o místico se relaciona com o mundo, pode dar a entender que aquele que cultiva a experiência mística tem total clareza desta mesma experiência e quem sabe até total clareza de Deus, mas não é assim. Também o místico vive num atordoante “não saber”, imerso numa nublagem que mantém a visão mística um pouco turva e sempre a se redescobrir de modo misterioso.

Neste sentido não é o conhecimento que ilumina o mistério, mas o mistério que ilumina o conhecimento. O próprio mistério vai se permitindo ser conhecido e experienciado. As místicas realidades não são acessadas por mérito moral, intelectual ou teológico por parte

do indivíduo, mas por pura iniciativa de quem, por primeiro, inspira o indivíduo: o sagrado. A inspiração e a condução da experiência mística é proveniente sempre desse “outro”, e por isso tem em si um caráter passivo no homem bastante notável. Por meio desta postura a pessoa humana se abre e se deixa conduzir, acolhendo de mãos abertas o que lhe é oferecido.

Para o pensamento místico esta atitude passiva não é uma privação da liberdade, como qualquer um poderia pensar, mas antes é um modo peculiar de ser livre, pois receber é um ato tão livre quanto o de oferecer. Esta atitude diante da fonte do mistério eleva o ser humano a um amadurecimento espiritual que o liberta do egocentrismo habitual. Esta atitude de deixar-se conduzir impele o homem a um ato de humildade, pois ele dá-se conta de que o centro de sua vida não é ele mesmo, mas a Força que conduz a sua vida, que é a força primordial de tudo o que veio a existir no mundo. O ser humano em processo de maturidade existencial fundada num laço de afeto começado por Deus é convidado a deixar que Deus seja Deus, Senhor e Guia de toda a sua vida.

Contudo, este convite nem sempre é claro ou consciente para o místico. Não precisa estar vinculado a determinada doutrina ou religião, é algo tão simples que chega a ser “natural”. É algo mais afetivo que propriamente intelectual. Buscando clarificar este laço de afeto é possível recordar Terezinha do Menino Jesus que dizia “Para amar-vos como me amais, preciso tomar de empréstimo o vosso próprio amor” (LISIEUX, Tereza de. 1997, p. 262).

Por fim, a característica mais sublime da mística é a união com Deus. Em um dado momento o conhecimento e a própria vida se confundem. Neste instante já não há separação entre sujeito e objeto, entre o contemplante e o contemplado, mas duas vidas que se entrelaçam por um ideal. Deus e a pessoa se fundem em uma expressão de vida tão inexprimível que jamais pode ser relatada, a não ser de modo simbólico, pois ela não é atingida plenamente pelas faculdades que domina. O místico entra naquela névoa de mistério e deixa-se ser guiado, imerge no abismo do amor em que só no silêncio é possível vivê-lo, pois “é no silêncio que se aprendem os segredos destas trevas... que brilha com a luz mais fulgurante, enche de esplendores mais belos da beleza as inteligências que sabem fechar os olhos” (AREOPAGITA, apud JOÃO PAULO II, 2000).

Como relatou, esta descida (ou mergulho) ao abismo do amor que inunda e invade a pessoa parece ser tão inexprimível, mas ao mesmo tempo tão irresistível que o homem tende a por no papel o que não cabe no papel, mesmo com todas as riquezas artísticas e literárias disponíveis.

Uma música dos compositores Jorge Vercillo e Ana Carolina intitulada “Abismo” recorda este mergulho no mistério que somente é possível por um ato de fé.

Bem daqui onde estou
 já não dá pra voltar
 alturas do amor
 onde você chegar
 Lá eu vou
 E o que mais a fazer
 a não ser me entregar?
 a não ser não temer
 O abismo em seu olhar
 ou é mar?
 O seu olhar...

Não há precipícios
 na vertigem do amor
 Só descobre isso
 quem se jogou

Não sou eu que me faço voar
 o amor é que me voa
 E atravessa o vazio entre nós
 pra te dar a mão
 Não sou eu que me faço voar
 o alto é que me voa
 Meu amor é um passo de fé
 no abismo em seu olhar

Esta letra explicita muitas características da postura do místico e do modo como ele procede. O artista retrata o amor como um abismo, mas não um abismo que leva à queda, mas ao voo nas sumas alturas. O místico é aquele que se deixa conduzir, não é a pessoa que se faz elevar, mas é o amor que lhe faz voar. Não é olhando de fora que o sujeito tomará posse dos seus bens, mas só quem se envolve, só quem se deixa ser tomado por seus anseios.

A dimensão do silêncio, já tão clara na etimologia, abre a compreensão de mística para algo substancialmente profundo, algo inaudito. É algo tão sentido na intimidade que não consegue ser relatado por palavras. Como afirma Boff e Beto, “Mistério designa a dimensão

de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável.” (BOFF; BETTO, 2010, p. 51).

Quando entendida como confessional, a mística alcança um significado devocional correndo o risco de tornar-se superficial e metodológica. Ao encontro desse pensamento José Vázquez afirma que “a experiência mística, pode-se definir muito genericamente, como uma experiência de unidade intuitiva-imediata; com intenção de uma grande unidade que elimina a separação sujeito-objeto” (VÁZQUEZ, 2005, p. 22).

Uma nota importante do autor supracitado é que a experiência mística é algo que faz o sujeito sair do relativo, do comum, para algo mais profundo, menos sensorial. O místico, em termos aristotélicos, é aquele que sai do meramente acidental para tocar mais profundamente a essência daquilo que lhe faz transcender.

E como aquilo que lhe transcende não é só o contato divino, sagrado ou místico, deve-se levar em consideração que a mística revela-se também a partir de outras ambiências humanas enquanto o homem está em unidade com a natureza, com o cosmos, com a matéria ou com mesmo com sua sensualidade.

A experiência mística é possível também em um ambiente ‘profano’ e não apenas em um contexto sagrado. Se trata de experiências de unidade total e de emoção estética, como são expressadas artisticamente alguns poetas, pintores e músicos; se trata de algo que supera o tangível, contingente e relativo. Nelas, as coisas, os sonhos, a natureza e o mundo se abrem em uma dimensão profunda a uma realidade última, ao secreto, ao misterioso [...] ao absoluto (VÁZQUEZ, 2005, p. 24).

Sendo a religiosidade algo que busca tocar aquilo que não é simplesmente apreensível pelos sentidos sensoriais, pois é algo que participa de uma dimensão mais intimista e sem necessidade de explicações técnicas, fica clara, portanto, a associação entre mística, personalidade e religiosidade. É da percepção popular ser o místico alguém que faz uma profunda experiência pessoal no silêncio e voltado para algo que transcende a sua humanidade. Algo esse que assume um caráter religioso, sem necessariamente ser confessional, denominacional.

A mística adjetiva o mistério, mas isso não quer dizer que mistério diga respeito apenas ao desconhecido, mas ao caráter de profundidade que naturalmente está inscrito em cada pessoa. Esta profundidade, por sua vez, não quer remeter a um fechamento da pessoa em si mesmo, mas pelo contrário, é portal necessário para a transcendência e para o acesso contínuo e perene à realidade. Neste sentido, mistério não é simplesmente o desconhecido, mas a possibilidade infinita de experimentar e conhecer a outro sempre de maneira nova.

Por mais que se conheça algo na realidade é sempre possível conhecê-la de modo novo, ou reconhecê-la da mesma maneira, mas por meio de uma atitude diferente. Esta atitude diante do inesgotável é mística. Ser místico é existencialmente pôr-se diante da fonte que é o mistério. Aquele que se coloca diante da fonte repetidamente sabe que conhece a fonte, mas mesmo sendo a mesma fonte de sempre, cada vez a conhece de novo, de maneira nova e singular. Esta é uma verdadeira experiência mística.

Cada pessoa humana é mistério também, cada ser humano é fonte, para si e para o mundo. Por mais que se possa conhecer, conviver, amar ou analisar uma pessoa ela sempre continuará a ser um mistério para os demais e para ela mesma. Cada um imprime no mundo impressões próprias que vão ao longo da existência definindo a identidade particular e forjando o que se chama indivíduo. Entretanto, é partindo desta premissa que se pode dizer que cada um só conhece o que emerge do “ser para o mundo”, o resto continua a ser mistério. Só se conhece da fonte aquilo que dela brota, mas a água, barrenta ou cristalina que dela sai para o exterior surge perenemente de um ponto onde o que antes era realidade oculta passa a ser realidade manifestada. Esta manifestação não esgota o oculto, mas revela-o ao mundo e faz com que a fonte seja contemplada e reconhecida como fonte: “Mistério, portanto, não constitui uma realidade que se opõe ao conhecimento. Pertence ao mistério ser conhecido. Mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento.” (BOFF; BETTO, 1994, p. 52).

Esta é a chave para entender existencialmente a mística na vida da pessoa. O mistério não é a fronteira que delimita e separa o terreno da razão, mas antes disso, por mais que se conheça uma realidade, jamais se esgota a capacidade humana de conhecê-la sempre mais e melhor. É como um mergulhar que faz com que a pessoa se penetre nas profundezas cristalinas, ao passo que estas também vão penetrando no interior da pessoa. Então, o emprego da palavra “conhecer” não é apenas num sentido cognitivo, mas num sentido propriamente existencial, transcendente, experiencial. Aquele que conhece, só chegou a conhecer porque foi tocado e penetrado por aquela realidade. Ao passo que isto acontece, o próprio indivíduo também penetra, ele mesmo na tal realidade que o interpela e dela pode extrair impressões que possibilitarão uma relação com o mistério que nunca se esgota nem se completa, mas que se constrói e aprimora ao longo do existir.

Todavia, a ciência e a técnica, com toda a sua pretensão de dominar a realidade mediante o conhecimento não podem ser os únicos caminhos que levam o ser humano à descoberta da realidade como um todo. As mais diversas formas de posicionamento do homem diante do mistério e de relação com ele são encontradas na História da Humanidade:

as artes, os mitos, a sabedoria antiga dos filósofos, a própria relação interpessoal e a relação do homem com seus próprios sentimentos, sonhos e intuições são modos de percepção e relação com o todo que vai além do ser humano, transpassando-o, envolvendo-o, elevando-o.

Os próprios seres humanos já são por si só manifestações de um mistério maior que supera todos os outros viventes na natureza. São seres capazes de conhecer, amar e construir uma sociedade, fazendo Cultura e perpetuando a História de modo ambivalente: ora são capazes de praticar a caridade, ora capazes de ser cruéis, é possível receber dos homens tanto ternura quanto o terror. São fracos e fortes, por isso mesmo são sempre misteriosos, a ponto de cada pessoa estranhar-se a si mesmo, arrepende-se para depois repetir os mesmos erros. Quantas vezes o ser humano se surpreende ao dar-se conta de que é capaz de realizar algo inédito e louvável, mas também uma grande tragédia irreversível.

Ao comentar um fragmento de Einstein, no qual o cientista fala de uma religiosidade cósmica, L. Boff diz:

Não se trata de uma doutrina ou ideologia, mas de uma experiência fundante de realidade em seu caráter incomensurável à razão analítica. A atitude que dela se deriva é veneração, encantamento e humildade diante da realidade. Exatamente esta atitude face ao mistério, vivida em profundidade, chama-se mística (BOFF; BETTO, 1994, p. 54).

A atitude religiosa frente à experiência sobrenatural pressupõe a fé naquilo que racionalmente não é possível explicar e justificar, visto que esse experimentar advém de um contato tão pessoal, tão íntimo, e tão elementar que nem as palavras conseguem traduzir (às vezes até atrapalham mais do que ajudam) o que não é possível denominar de outra forma que não seja “mistério”. O ser humano percebe-se tão “tocado”, “tão apegado”, e paradoxalmente tão próximo e distante do excelso e incomum mistério que chega a se convencer de que não são as suas capacidades humanas que provocam essa experiência fundante, mas sim que é existencialmente provocado por aquilo (ou por quem) é digno de sincera “veneração, encantamento e humildade”.

1.3 A mística no Cristianismo

1.3.1 No mistério judaico- cristão: a imagem de Deus

Para os adeptos do Cristianismo a mística encontra o seu fundamento teológico primeiro nas Sagradas Escrituras. Já no primeiro livro da Bíblia – Gênesis – o autor sagrado

relata que o homem/mulher foi criado à Imagem de Deus⁶. Assim como o ponto de partida da mística para os cristãos coincide com a criação do ser humano, nos primórdios da história, conclui-se que a primeira missão humana é fazer com que a sua existência na terra seja o reflexo da bondade e esplendor Divinos.

Entretanto, a desobediência, segundo o mesmo livro, faz cair o ser humano sob as correntes do pecado e ele sai dos trilhos dos planos de Deus, o projeto da Criação. No casal “Adão e Eva”, a humanidade trai a confiança de Deus e, por isso, em vez de ascender, decresce, desumaniza-se. A sua falta foi falta de fé em Deus e na sua Palavra. O homem e a mulher desconfiaram de Deus e de sua legítima intenção em favor da Criação. Eles só poderão retornar para Deus se fizerem outro ato que os lancem mais uma vez inteiramente confiantes e esperançosos na vontade bondade divina.

O primeiro enlace foi quebrado. É preciso pedir perdão e recomeçar porque a imagem-de-Deus distanciou-se de Deus-imagem. Mas perdão dado por Deus ao Homem não é suficiente para conservar o homem no bem. Em pouco tempo, o homem muda e se esquece com facilidade das obras divinas e de seus desígnios misteriosos. Se esse homem e se essa mulher não estiverem mergulhados no mistério, se não viverem o mistério, se não respirarem pensando em Deus, nada vai adiantar para religar o criado ao Criador. A mística é a única forma verdadeira e eficaz de re-ligamento das estruturas existenciais mais profundas do humano. A mística requer tempo integral, exige que o homem se doe integralmente nesse objetivo para tornar este mesmo homem íntegro. Ela não setoriza os momentos humanos. Todos os estágios da vida humana podem estar em conexão mística com o Deus eterno e afável.

A jornada de convencer os homens no mundo inteiro desta realidade foi empreendida por poucos. Líderes religiosos e profetas ilustres e anônimos gastaram suas vidas doando sua juventude e velhice nisso. Outros doaram muito mais: tornaram-se mártires, tornaram-se testemunhas memoráveis do Deus Vivo, nos céus, na terra e em toda parte. Segundo Karl Rahner:

A história da humanidade, assim entendida, a história do Espírito e da liberdade humana, essa história temática ou aтемática da Salvação, que é coextensiva com a história universal do mundo, é em sentido próprio também história sobrenatural da revelação (RAHNER, 2008, p. 180).

⁶ Cf. Gn 1,26.

A história da libertação do povo do Egito⁷ é um grande marco simbólico dessa grande tensão/ relação: Os judeus (descendentes de Jacó, também conhecidos como hebreus ou israelitas) tornaram-se muito numerosos no Egito. Um rei, chamado Faraó, temendo que os filhos de Israel se tornassem demasiadamente poderosos, escravizou-os e lhes oprimiu com penosos trabalhos de construção. Por fim, prescreveu que todos os filhos homens nascidos deles fossem afogados no rio Nilo. Mas uma mãe judia teve um menino e o escondeu num cesto de vime até que o lançou no rio para que fosse resgatado por algum desconhecido.

Naquele mesmo dia, a filha do faraó tomava banho no rio e o encontrou preso ao matagal de junco, levou-o para casa e cuidou dele, adotando-o como se fosse egípcio. A ele deu o nome de Moisés, dizendo: "Chamar-se-á "Moisés" porque o salvei das águas"⁸.

Já com 40 anos, Moisés matou um soldado egípcio que violentou dois israelitas, mas foi descoberto pelo novo Faraó e acabou fugindo para a terra de Madian, além do Mar Vermelho. Lá desposou a filha de Jetro e trabalhava como pastor de ovelhas.

No deserto, pastoreando, chegou ao monte Sinai (Horeb) quando foi surpreendido com uma visão de sarça ardente em chamas, mas sem se consumir. Foi dela que Deus lhe falou pela primeira vez enviando-o de volta ao Faraó para que libertasse o povo da escravidão. Deus prometeu dar ao povo a terra de Canaã, onde "corre leite e mel". Mas o Faraó não permitiu. Diante disso, Deus enviou 10 pragas a toda a terra do Egito. Convencido do poder de Deus, deixa os hebreus irem. Mas logo se arrepende e envia seus soldados para capturar o povo que consegue fugir atravessando o Mar Vermelho a pé enxuto, graças a um milagre de Deus que abriu as águas. Mas quando as águas voltaram ao lugar, mataram os soldados do rei.

Três meses depois, os israelitas chegaram ao pé do Sinai, no deserto. Armaram as tendas em frente do monte e Moisés subiu até o cume de onde Deus se revelava. Moisés levou os israelitas para junto da montanha até o cume para ter com o Senhor que lhe revelou o Decálogo (10 Leis). Moisés mandou construir uma urna, a arca da aliança para conter as Duas Pedras do decálogo e mandou que um Tabernáculo fosse erguido para que onde estivesse o povo, estivesse também montado o tabernáculo com a arca da aliança, sinal de que Deus estaria sempre com eles. O povo sabia que estaria protegido de qualquer mal desde que obedecessem ao Decálogo e possuíssem a Arca.

A partir desse marco simbólico, podemos perceber claramente essa relação entre Deus e o povo (representado na figura de Moisés). A procura da terra de libertação é um retornar

⁷ A história ao qual nos referimos é um relato mítico que ocupa o centro da religião judaica e está registado do Livro do Êxodo, no Antigo Testamento bíblico.

⁸ Cf. Ex 2,10.

simbólico ao Paraíso, que era a morada de Adão e Eva antes de desfigurarem-se. A mística, nas origens bíblicas constitui, portanto, essa busca do encontro, da comunicação com Deus. O homem místico seria aquele que volta ao estado de harmonia original outrora perdido por consequência do pecado.

1.3.2 O movimento da Encarnação

Para a compreensão Cristã, no movimento da Encarnação, Deus assume a história humana. Ou seja, faz-se homem, situando-se no tempo e no espaço. Tal movimento é compreendido como um marco de suma importância para a construção da mística dos seguidores de Jesus.

Na realidade, o mistério do homem, só se ilumina verdadeiramente no Mistério do Verbo Encarnado. Adão, com efeito, o primeiro homem, era a figura do homem por vir (Cf. Rm 5,14), isto é, do Cristo Senhor, Novo Adão. Cristo na revelação do mistério do Pai e do seu amor, manifesta plenamente o homem a si mesmo e lhe desvela sua mais alta vocação (GAUDIM ET SPES, 22).

A teologia afirma que Deus assumiu a vida humana para fazer com que o homem resgatasse o seu sentido primeiro de humanidade. Se o livro primeiro das Sagradas Escrituras afirma que pecando, o homem afastou-se do Paraíso e tornou-se perverso e inclinado ao mal, a partir da vinda de Jesus a história humana assume um novo sentido porque todo aquele que o segue deve viver em busca de restaurar o estado inicial da criação: estado de liberdade e de felicidade.

Jesus de Nazaré foi quem propagou que, vivendo segundo o seu modelo, distante do mal e praticando o amor, o ser humano encontra verdadeiro sentido para a vida, como afirma o evangelista João: “Eu vim para que todos tenham vida e que a tenham em abundância”⁹.

Assim, o Mistério da Encarnação propõe um duplo movimento: em primeiro plano o de Deus que assume a história humana e, em seguida, o movimento do homem, que imitando as atitudes de Deus (Jesus) encontra a realização da sua humanidade verdadeira.

Diria o Apóstolo Paulo que “Jesus Cristo, existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens. Encontrado com aspecto humano”¹⁰.

⁹ Cf. Jo, 10,10.

O tema do esvaziamento aparece no cristianismo primitivo não no sentido dos discursos atuais de “esvaziar o sentido de uma afirmação”, “anular a dignidade”, mas de retirar de si toda a presunção, orgulho, soberba. Na prática, isso incorreu para Cristo em arriscar perder a sensação de segurança legítima e status que tinha enquanto Filho do Pai, enquanto Segunda pessoa da divindade para aproximar-se cada vez mais da humanidade decaída, pecadora e frágil. Em grego, esse esvaziar-se a si mesmo é conhecido como “*kenosis/kenosis*”. Fragilizar-se, descer ao nível dos homens, para ser um com eles. A finalidade da “*kenosis*”, portanto, era a comunhão entre iguais. Este fato inspirou os discípulos a fazerem o mesmo: renegar os próprios direitos para que os outros possam viver os seus.

A mística dos discípulos de Jesus consiste, portanto, na busca constante do “ser ao modo de Jesus”, percorrendo um caminho de humanização. Tornar-se homem, em sua integralidade, é tornar-se como ele. Já nas primeiras literaturas do Cristianismo, o termo mística-mistério é empregado para demonstrar essa profunda ligação entre mestre e discípulo.

Na unicidade de sua pessoa encarnada, ele [Cristo] é para o homem ao mesmo tempo a revelação do homem e a revelação de Deus. Em Cristo, a vocação do homem [cristão] é ao mesmo tempo revelada e realizada. Nele, a união de Deus e do Homem é manifestada de maneira exemplar (SESBOUÉ; WOLINSKI, 2005, p. 406).

Na formação cristã, aproximar-se de Deus consiste efetivamente em corresponder ao elo criado entre Deus e o homem a partir da vida de Jesus. O mistério da encarnação instaura um elo de solidariedade entre Deus e o gênero humano baseado na comunhão-fraternidade. O místico é, assim, aquele que vive se prendendo a esse elo de comunhão com Deus e com os homens, orientado pela vida do próprio Cristo.

Nos primeiros escritos do Cristianismo, o Apóstolo Paulo deixa muito claro que viver como discípulo de Jesus, consiste em tornar-se Ele. A vida mística é, portanto, um itinerário de transformação. Assim, afirma o Apóstolo em sua Carta aos Gálatas: “Já não mais eu vivo, Cristo vive em mim¹¹”. Tamanha era a convicção desse viver “em Cristo”, que Paulo em suas cartas usa esse termo ou similares cerca de 160 vezes (SECONDIN; GOFFI, 1994, p. 87).

Entretanto, Paulo não compreendia essa imersão na vida de Jesus, como algo desassociado da sua prática cotidiana. A união com Deus não anularia a personalidade, mas daria significado à mesma, a partir de uma profunda identificação.

¹⁰ Fl 2,6-8.

¹¹ Cf. Gl 2,20.

Assim, a mística paulina é extremamente ligada a conceitos éticos e morais, a ponto dele usar o termo “lei do Espírito”¹² para mostrar ao leitor que a vida prática é consequência direta da graça obtida pela participação na vida de Deus. Aquilo que Paulo chama de “novo homem”¹³ é precisamente a leitura das atitudes no novo cristão, ressignificada a partir da sua conversão.

A partir do século II, o pensamento cristão encontra-se com as teorias de Platão, o que gera profundas consequências na leitura a respeito da mística. O platonismo possui uma leitura extremamente dualista do mundo. No dualismo corpo e alma, o corpo é lido como uma grande prisão que impede a alma de viver o seu verdadeiro fim: a liberdade. Deste modo, a mística assume uma característica extremamente mortificante. Era preciso sacrificar o corpo para que a alma encontrasse o seu verdadeiro fim. Além do mais, era a dimensão corpórea, segundo tal leitura, que levava o homem a praticar o mal, por isso, os sacrifícios eram elementos extremamente necessários para expiar as faltas cometidas.

1.3.3 Tópicos sobre os primórdios da Mística Cristã

Uma leitura sobre as bases da mística cristã encontra o seu primeiro fundamento na literatura bíblica do Antigo Testamento. A partir das bases do judaísmo, os primeiros cristãos construíram um modo próprio de encontro com o Sagrado.

Após as duas quedas do templo de Jerusalém¹⁴, o Cristianismo encontrou suas primícias em um judaísmo Apocalíptico, marcado por saudosismos, dores e profecias. O livro de Daniel é uma das mais fortes expressões da literatura apocalíptica no Antigo Testamento. Ele aponta uma nova forma de compreensão da história e, a partir da visão do fim iminente, constrói uma nova forma de prática religiosa, onde a proximidade com esse fim marca a urgência do ser humano em adentrar no projeto de Deus como antes Noé e sua família adentraram na Grande Arca.

Essa teologia da história – escatologia apocalíptica – difere da nossa visão da história encontrada na antiga tradição profética judaica e também daquela presente nas tradições de sabedoria, não importa quanto deva a ambas. Sua visão determinista do controle que Deus tem sobre o controle da história está centrada na convicção de que os eventos presentes, em geral julgamentos ou

¹² Cf. Rm 8,2.

¹³ Cf. Cl 3,10; Ef 2,15; Ef 4,24.

¹⁴ A primeira vez por Nabucodonosor II, na invasão babilônica, em 587 a.C. A segunda em 70 d.C. na Grande Revolta Judaica, por Tito, imperador romano, após conquistar a Cidade.

dificuldades de vários tipos, devem ser compreendidos como o início de uma trama tripla do fim dos tempos concebida de acordo com o padrão de crise presente, julgamento divino iminente e subsequente recompensa para o justo (MCGINN, 2012, p. 35).

O Apocalipse de São João¹⁵ é um claro relato de como as comunidades cristãs nascentes alimentavam-se da visão apocalíptica em suas práticas de fé. A expectativa de um iminente retorno de Jesus, bem como na literatura dos Evangelhos e das Cartas de São Paulo, demonstram como a vida dos cristãos era marcada por uma constante preparação para o dia da vinda do Senhor. Ou seja, o dia em que as práticas de fé e caridade de todos seriam julgadas por Deus de modo a serem recompensadas ou rejeitadas.

Uma diferença, básica, entretanto, não deve deixar de ser notada: o apocalipse judaico atenta sempre para as relações de terceira pessoa. Ele relata sempre fatos atribuídos às grandes personagens bíblicas. Já no cristianismo nascente, o apocalipse é relatado sempre em primeira pessoa, para legitimar o pregador-visionário. É assim com Paulo e João, que relatam suas próprias experiências místicas, fazendo delas caminho para aqueles que se colocavam a seguir a nova experiência de vida brotada de Jesus de Nazaré. A experiência do Caminho de Damasco¹⁶ faz com que Paulo revele este contato antecipado com a realidade futura. É esta experiência que o legitima como autêntico pregador.

Uma outra literatura, bastante invocada na mística judaica tardia e na mística cristã primitiva, é a do Cântico dos Cânticos (MCGINN, 2012). O poema erótico do Antigo Testamento, não possui uma precisão quanto à data de sua escrita, nem é citado por nenhum outro livro da literatura sagrada judaica. A literatura rabínica dos primeiros séculos mostra um profundo valor dado a este livro que interpreta a noiva como o povo de Israel e suas personagens a figuras como Deus, rabinos e sacerdotes.

No segundo século da era cristã, surgem com Melito de Sardes os primeiros comentários sobre essa literatura cujo principal comentador é Orígenes. A partir daí, muitos fazem a releitura espiritual dessa obra, tanto fazendo o paralelo entre Cristo e a Igreja, como entre Cristo e a alma individual (MCGINN, 2012).

Essas duas tradições foram de fundamental importância para o surgimento da mística cristã. Exatamente pela compreensão do processo de divinização humana, compreendido através do mistério da encarnação.

¹⁵ Último livro do Cânon do Novo Testamento.

¹⁶ Cf. At. 9,1-9; 22, 6-21; 26, 12-18. Nessas três passagens, é relatada a forma como Paulo se converteu ao cristianismo, após cair de um cavalo na estrada de Damasco, encontrar pessoalmente (ver) o próprio Jesus Cristo e ter sido cuidado por um dos seus discípulos, Ananias.

O pensamento grego também foi para o Cristianismo algo basilar. Desde os primeiros séculos os pensadores cristãos amparam suas teorias nos ideais de contemplação apresentados na literatura grega. Grandes nomes orientaram o nascer da mística cristã, dentre os quais destacamos: Platão, Plotino e Filón de Alexandria.

Platão (428/427 – 348/347 a. C.), originário de Atenas e fundador da Academia na mesma cidade, é um dos maiores nomes da filosofia e das ciências humanas. Produziu vasta obra, tocando em temas como epistemologia, dialética, ética e justiça. Seu grande dilema está no fato de que o Absoluto é atraente ao homem, mas seu acesso é dificultado pela materialidade e corporeidade humanas. A contemplação e a purificação são normativas para aquele que quer alcançar as esferas superiores do conhecimento. O homem reconhece no Absoluto o supremamente Bom, Belo e Uno, que é também fonte do Nous (Conhecimento e Verdade).

Marca expressiva no pensamento de Platão é a dualidade constante presente que torna elementos de um mesmo ciclo, como corpo e alma, matéria e forma opostos. Há uma radical distinção entre o mundo das ideias e as aparências das coisas. A contemplação é uma forma de unir os dois mundos desiguais, de fazer um elo entre a *doxa* (opinião) e a *episteme* (conhecimento sensível).

Para Platão, a contemplação fornecia um novo acesso ao divino em uma era em que as divindades tradicionais da Polis Grega tinham começado a perder sua numinosidade [...]. Assim como os visionários judeus do mundo helênico deveriam responder à sua situação religiosa cambiante encontrando novos modos de acesso a Deus. Platão jaz à cabeça de duas novas tradições da devoção reflexiva grega – “o desejo de união com o Deus inefável” e “o desejo de união com o Deus do mundo, o Deus cósmico” (MCGINN, 2012, p. 62).

O dualismo platônico marcou a mística cristã por muitos anos. Era a renúncia do corpo e da carnalidade, frente ao crescimento da intimidade com Deus. O flagelo e o abandono de si faziam com que o místico demonstrasse externamente que estava mais próximo de Deus.

Praticamente contemporâneo a Jesus, outra grande expressão grega para a vida cristã foi Filón. Judeu de Alexandria, seus pensamentos e expressões estão muito ligados às de Platão. Entretanto, foi o primeiro a unir o ideal contemplativo grego aos princípios de fé monoteístas da Bíblia.

Filón consegue unir o pensamento tradicional grego a uma leitura aprofundada e teológica dos livros bíblicos, o que gerou uma vasta produção mística (MCGINN, 2012). Ainda que sendo judeu, sua produção foi muito mais receptivamente aprofundada no

Cristianismo que no próprio Judaísmo, visto que foi muito discriminado entre o seu povo porque usava técnicas pagãs para interpretar as alegorias sagradas.

A interpretação de Fílon dada os *logos* grego foi de fundamental importância para a compreensão do Verbo divino, como um intermediário entre o Deus absolutamente desconhecido e a busca constante do homem para alcançá-lo. Esse pensamento permeia a linguagem dos Evangelhos e sobretudo a Literatura Joanina¹⁷.

Já no século II da era Cristã, um egípcio conhecido por Plotino viveu muitos anos em uma conturbada Roma. Seus escritos, denominados Enéadas, estão entre as obras primas da filosofia e da mística dos primeiros séculos (MCGINN, 2012).

Porfírio, discípulo e organizador dos escritos de Plotino, testifica em seus escritos experiências místicas muito profundas de seu mestre: “seu fim e meta era se unir, aproximar-se do Deus que está acima de todas as coisas. Quatro vezes, enquanto estava com ele, ele atingiu essa meta” (MCGINN, 2012).

Intimamente ligado ao pensamento platônico, Plotino entendia que fazer uma experiência mística consistia em sair do corpo, em se desprender da materialidade; por isso, diferente de muitos outros de seu tempo, Plotino trata de psicologia ao falar de mística, para compreender a dualidade consciência-inconsciência.

Qualquer um que tenha tido essa experiência saberá o que eu estou dizendo. Ele saberá que a alma vive outra vida conforme ela avança em direção do Um, alcança-o e compartilha com ele. [...] Ela não precisa de mais nada. Pelo contrário, ela deve renunciar a tudo mais e permanecer sozinha, tornar-se ele apenas, livre de toda terrenalidade, ansiosa por se libertar, impaciente por cada grilhão que a amarra aqui embaixo, de modo a poder abraçar o objeto real de seu amor com seu ser inteiro, de modo a que nenhuma parte dela não toque ao Um (apud, MCGINN, 2012, p. 83).

Com Plotino essa busca constante do “Um” (Uno) que permeia o intelecto, mas alcança as esferas mais profundas da alma tornou-se um marco muito presente na história da mística cristã. Os grandes santos dos primeiros séculos foram marcados por esse pensamento, sobretudo no período da perseguição romana em que a adesão à proposta de Jesus se tornava, conscientemente, uma certeza de morte. A ideia que tinham os mártires era exatamente que, mesmo morrendo o corpo, o grande valor era possuir e preservar a alma que estava diretamente ligada a Deus (MCGINN, 2012).

¹⁷ Conjunto literário presente na Bíblia, atribuído por título ao Apóstolo João. Alguns exegetas apontam que tais textos possam ter sido escritos por várias mãos que formavam uma comunidade inspirada por João. Fazem parte desse conjunto o Evangelho segundo João, o Livro do Apocalipse de São João e mais duas Cartas.

Após o evento Jesus de Nazaré¹⁸, os cristãos se espalharam para além da Palestina e isto faz iniciar um processo de manutenção da sua mensagem através do anúncio do Querigma. Surgem assim, nos primeiros séculos, os primeiros relatos escritos acerca de Jesus. Destacam-se nesse período os escritos dos Evangelhos, os da comunidade joanina e os escritos do Apóstolo Paulo.

Paulo faz uma conexão muito profunda entre a visão apocalíptica e as raízes do Cristianismo, este que rapidamente se torna uma espécie de seita apocalíptica no seio do judaísmo. Os primeiros cristãos esperavam uma vinda iminente do Messias e isso marca profundamente tanto a literatura dos evangelhos como a literatura Paulina.

Que o Senhor os faça crescer e aumentar no amor mútuo e para com todos, assim como é o nosso amor para com vocês, a fim de que o coração de vocês permaneça firme e irrepreensível na santidade diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos (1Ts 3,12-13).

Há uma preocupação constante de Paulo, para que os discípulos estejam prontos quando o Senhor voltar; por isso a mística do seu tempo é profundamente influenciada por essa perspectiva. É necessário estar preparado constantemente porque não se sabe dia ou hora em que o Messias irá voltar.

Na literatura Joanina, Jesus é o grande iluminador que proporciona aos homens o conhecimento de Deus. Jesus é o caminho capaz de restituir a visão àqueles que estavam como que cegos, pois não sabiam a hora em que o Messias voltaria¹⁹.

João perpassa a sua literatura lembrando que todos os atos de comunicação entre Deus e os homens, culminados na Encarnação do Verbo (Palavra que se faz Carne²⁰), não são mensagens de um Deus que simplesmente ama, são mensagens de um Deus que É todo ele Amor. O amor é, portanto, o vínculo perfeito²¹ daqueles que procuram a Deus. Somente amando, o homem é capaz de chegar ao perfeito conhecimento de Deus (MCGINN, 2012).

Ao chegar o século II, a visão apocalíptica do século passado recebeu um novo sentido. Com a expansão do Cristianismo, cresceu também a perseguição. O Império Romano passou a submeter à morte aqueles que não largassem a crença em Jesus e por isso a expectativa do encontro com Deus passou a ser não simplesmente fruto da expectativa de sua vinda, como também do iminente perigo de morte.

¹⁸ Entenda-se, os trinta e três anos que são atribuídos à vida humana de Jesus.

¹⁹ Cf Jo 9, 1-41.

²⁰ Cf Jo 1.

²¹ Cf Jo 17, 20-23.

Outra questão fundamental nesse período foi sobre as discursões surgidas em torno da questão pneumática: quem é o Espírito Santo? Quando e como Ele fala aos homens? Qual o limite da revelação face à autoridade institucional?

O místico, compreendido como uma figura livre e em conexão constante com Deus, passou a ser exatamente aquele que comunicava a revelação divina ao povo. A partir daí a mística também assumiu um caráter profético. Entretanto, esse anúncio da revelação começou a ser submetido ao aval dos Padres; aqueles que, de fato, pensaram sobre o processo da comunicação Deus-humanidade.

Não obstante serem homens que assumiam posições oficiais na Igreja Católica como bispos ou catequistas, os Padres da Igreja, destacam-se também como homens de uma profunda vida mística, a ponto de alguns se retirarem para lugares mais a ermo em busca de um contato mais íntimo e constante com Deus.

Justino, nascido no ano 100 na região da atual Cisjordânia e martirizado aos 65 anos em Roma, era um desses Padres profundamente conhecedores das obras de Platão e Plotino (MCGINN, 2012). Eram tão íntimos de suas obras que o utilizavam sempre mesmo que vez ou outra discordassem de seus pensamentos sobre o Logos (sabedoria, razão, verdade). Para Justino, o Logos sendo imagem de Cristo, independente de ser conhecido em matéria total, está presente em todos os seres humanos, graças ao Espírito Santo. Ver Deus não é algo crucial. A questão fundamental é sim desenvolver as sementes do Logos que existe em cada um.

Contemporâneo seu, Irineu de Lyon, nascido em 130 na Turquia e falecido em 202 na região da Gália Francesa, compreendia a vida espiritual como uma busca constante do Ver a Deus, contrariando os postulados de Justino. A visão de Deus era algo fundamental no seu doutrinamento. Em seu famoso tratado contra as Heresias, afirma Irineu: A glória de Deus é o homem vivo; e a vida do homem é a visão de Deus (apud, MCGINN, 2012).

Sua expressão mística desdobra-se num contexto muito próprio dos Padres Ortodoxos, que compreendiam a mística de seu tempo como um construir do saber teológico e, ainda mais, do saber apologético. A defesa consciente da fé era uma expressão daqueles que, em contanto íntimo com Deus, recebiam dele a missão de transmiti-la à Igreja. A mística passa a ser não apenas o fruto do encontro homem-Deus, mas também o fruto da reflexão e da comunicação da Fé.

Num espírito muito moderno, dá-se o trabalho de expor primeiro a doutrina de seus adversários, considerando que “dá-los a conhecer já é derrota-los”²².

²² IRINEU. Contra as Heresias, 1.31.3.

Pois ele os desmarcara e os faz sair da aura do segredo, que era um elemento de seu prestígio. Refuta-os primeiramente pela razão, mostrando suas contradições internas e mútuas. Mas isso não basta: faz questão de refutá-los também pelas Escrituras, manejadas segundo a Tradição oficial da Igreja, isto é, manifestando a concordância das palavras dos profetas com as do Senhor e dos Apóstolos, e portanto do Antigo com o Novo Testamento (SESBOÛE; WOLINSKI, 2005, p. 47).

Tito Flávio Clemente, nascido por volta de 150, faleceu na Palestina no ano 215. Intitulado Clemente de Alexandria, é um dos Pais da Mística Cristã, sendo o primeiro a usar em seus escritos as palavras mística, místico, misticamente (MCGINN, 2012). Também da era apologética, encontrou fundamento para todos os seus postulados, no encontro Deus-homem traduzido nas Sagradas Escrituras.

A realização da *theória* nesta vida é um processo gradual. Clemente fala de “estágios místicos” que levam à visão de Deus. Esse processo de perfeição é caracterizado também em outros dois modos intimamente relacionados, como a passagem da alma de um estágio de “apatia” e como o dom da divinização (MCGINN, 2012, p. 163).

Foi Clemente, o primeiro a falar sobre divinização, segundo McGinn. Este termo que seria amplamente usado pelos séculos afora, sobretudo pelos estudiosos da Cristologia e da Mística. A compreensão de Clemente, se desdobrou ao longo dos séculos em muita produção para a teologia católica. E tem sido experimentada na vida prática por aqueles que na vida cristã tentam construir um projeto místico intimamente ligado à vida e seus desdobramentos.

Catequista de Alexandria, Orígenes, nascido em 185, era filho do Mártir Leônidas, morto na perseguição de Sétimo Severo em 202. Muito próximo tanto no tempo, quanto no pensamento de Plotino, seu pai fez questão de que ele fosse educado tanto na filosofia, quanto nas Letras Sagradas. As centenas de discursos proferidos (em sua maioria homilias) são aplicações morais e espirituais das Sagradas Escrituras à vida dos Cristãos conforme McGinn.

O estilo de vida adotado por Orígenes, já aponta uma virada na forma de se pensar a mística a partir do final do terceiro século. Seu estilo, austero, casto, começa a desenhar um modelo de místico separado da realidade, inspiração para o surgimento do estilo monástico, tanto que ele foi muito referenciado por Gregório de Nissa e Evágrio Pôntico.

Partindo do platonismo, porém não sendo fiel em tudo, Orígenes postula a ascensão da alma a Deus, por modo de um completo desprezo de si em busca do Absoluto. Outra fonte basilar da mística cristã são os mosteiros e eremitérios. Nascidos já nos primeiros séculos, os monges e eremitas encontram na dedicação ao trabalho, à oração e ao silêncio, um sentido místico para o contato com Deus.

Baseado na Regra atribuída a São Bento de Núrsia, os monges, em sua maioria, levam por lema básico de sua mística, uma expressão: “ora et labora”. Na oração e no trabalho contemplam o Deus que se revela na ordinariedade da vida.

Além de inspiração, durante muitos séculos, o estilo monástico foi para o Ocidente fonte de intelectualidade. A dedicação permanente dos monges às ciências fomentou no ocidente grandes centros intelectuais, exatamente na busca de um homem, que feito à imagem de Deus, se compreendia a tal ponto de cooperar com Deus em sua autoconstrução.

2. O ITINERÁRIO MÍSTICO DE DOM MARCELO CARVALHEIRA

2.1 Primeiros anos: o alicerce da vida mística

O nascimento de Marcelo Pinto Carvalho²³ se deu em 01 de maio de 1928, uma terça-feira ensolarada, em Recife, Pernambuco. Sua família, em especial seus pais, Álvaro Pinto Carvalho e Maria Teresa Mendonça Carvalho, estavam ansiosos pela sua chegada.

Álvaro Pinto da Carvalho era um comerciante de açúcar e casou-se em primeiras núpcias com Virgínia Colaço Dias, com quem teve dois filhos: Pedro José Colaço Carvalho e Célia Colaço Carvalho. Em segundas núpcias casou-se com Maria Thereza Carvalho de Mendonça, com quem teve catorze filhos: Cláudio Pinto Carvalho, Octávio Pinto Carvalho, Marcelo Pinto Carvalho, Geraldo Pinto Carvalho, Maria Lúcia Pinto da Carvalho, Cristiano Pinto Carvalho, Myriam Pinto Carvalho, Luciano Pinto Carvalho, Maurício Pinto Carvalho, Trajano José Pinto Carvalho, Maria José Pinto Carvalho, Carlos Eduardo Pinto Carvalho, Maria Cristina Pinto

²³ Quatro serão as formas adotadas para intitular Dom Marcelo Carvalho ao longo desta pesquisa: quando ele for citado simplesmente pelo nome, sem nenhuma referência a títulos religiosos, estar-se-á referindo-se ao período antes de sua ordenação presbiteral. Quando ele for citado por Pe. Marcelo estar-se-á referindo ao seu período como padre, entre 1953 e 1975. Quando ele for citado como Mons. Marcelo, a atenção cairá sobre situações pontuais de sua vida de padre em que a referência ao título de honra se faz necessária. Entretanto, ao se apontar a pessoa de Marcelo Carvalho, independentemente o período de sua história, ele será sempre citado como Dom Marcelo Carvalho.

Carvalheira e Guilherme Pinto Carvalheira. Marcelo, portanto, seria o terceiro filho do segundo matrimônio (CARVALHEIRA, 1996, p. 19).

O anseio pelo nascimento de Marcelo foi algo interessante na família Carvalheira. Primeiro porque era esperado que a criança nascesse no final de abril; segundo porque os familiares queriam a certificação de que a criança seria menino; e terceiro porque, para sua mãe, a criança já teria um “destino” traçado: a vida religiosa (NUNES, 2001, p. 15). Com o seu nascimento as respostas aos anseios foram dadas.

Marcelo não nasceu no final de abril, mas, no primeiro dia do mês de maio. Embora não tenha sido como esperado, seu nascimento em primeiro de maio tornou-se motivo de grande alegria para família, em especial para sua avó. Para a família, a importância dessa data foi notória: o menino Marcelo nasceu no primeiro dia do mês de maio, mês dedicado à mãe de Jesus, Nossa Senhora, por quem eles nutriam uma forte devoção²⁴. Para a avó de Marcelo, a Sr.^a Anna Carvalheira o dia primeiro era um dia de profunda alegria, porque além de ser o dia em que era aberto o mês de maio e com isso as celebrações marianas, era o dia de São José operário, santo ao qual tinha uma grande afeição e que, mais tarde, será para Marcelo modelo de devoção.

O nascimento de Marcelo também certificou seu sexo, motivo de grande orgulho para os homens da família, pois nascia mais um varão, como também direcionou o caminho ao qual o menino estava “destinado”: ou a vida de religioso consagrado ou a vida presbiteral. Por sinal, “Ainda pequeno, enquanto estava nos braços de sua mãe, Dona Maria Teresa, esta já proclamava que ele tinha as mãos puras de um padre” (NUNES, 2001, p. 15).

Quando criança, Marcelo chamava atenção por ser um menino de temperamento tranquilo. Como toda criança, gostava muito de brincar, mas suas brincadeiras não tinham jeito traquina. Não gostava de futebol. Era uma criança calma (tal atributo o acompanhou em toda sua vida). Tinha uma capacidade grande de aprendizagem e, desde pequeno, se mostrou disposto a adquirir conhecimentos a mais dos que eram normais para as

²⁴A vida religiosa é uma das grandes marcas da família Carvalheira. Os avós de Marcelo, Frederico e Anna Carvalheira educaram seus filhos na “doutrina católica” que, em seguida, foi transmitida aos netos. A devoção a Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife, é uma das marcas conhecidas da família: “Todos os nove Carvalheiras da 1ª geração eram irmãos da ordem 3ª do Carmo. No dia 13 de julho (data do aniversário de vovó Aninha) por vários anos, durante a novena da Virgem do Carmelo (festa a 16 de julho), era escolhido a família Carvalheira para prestar homenagem a Santa Padroeira. De modo que, como afirma José Henrique Carvalheira, “na minha infância e juventude, sempre nesta data, presenciei minhas tias Thereza, Elvira, Margarida, Maria Tereza e minha mãe Luiza, juntamente com as filhas Milita, Baby, Terezinha, Lourdinha, Célia e Ana Maria, na Basílica do Carmo, na privilegiada tarefa de ornamentar a Igreja. Mantendo a tradição, soube que neste último novenário (1996), o dia 15 de julho foi reservado à família Carvalheira, para, juntamente, com a família Colaço, enfeitar a Padroeira do Recife” (CARVALHEIRA, 1996, p. 5).

potencialidades de sua evolução. Também era uma criança muito alegre – se alegrava com a presença dos pais e irmãos, com os demais familiares, com os amigos, com os brinquedos – e audaciosa diante de todas as situações que se lhe apresentavam. Essas características o fizeram, quando contava com cinco anos, ser visto como um menino “especial”.

A essa altura, a mãe de Marcelo, D. Maria Teresa, como era muito natural entre as famílias, já alimentava o desejo de ver o filho tornar-se padre. Eis que um dia “com uns cinco anos, uma amiga da família, pertencente à Ação Católica, no Recife, indagava se nenhum dos seus filhos gostaria de seguir a vida sacerdotal. Ao ouvir isso ele responderia que sua mãe teria a felicidade de vê-lo presbítero” (NUNES, 2001).

Outra influência à vocação de Marcelo proveio de dois irmãos de sua mãe que eram padres, Pe. José Carvalho de Mendonça e Pe. Luiz Gonzaga Carvalho de Mendonça. Os irmãos padres faziam parte da Congregação dos Salesianos de dom Bosco²⁵. A pertença desses dois homens na família contribuiu para a formação do jovem Marcelo. Em especial a do tio Pe. José. Marcelo tinha uma afeição muito grande por ele. Essa afeição advinha do fato de ser ele um bom conselheiro e, ao mesmo tempo, um “bom entendedor” das realidades pelas quais Marcelo e as demais crianças e jovens passavam.

Salesianos de Dom Bosco, os irmãos padres, começaram a influenciar a vida de Marcelo, primeiro quando insistiram para que fizesse seu estudo Ginásial no Colégio Sagrado Coração de Jesus do Recife. Lá, Marcelo cursou todo período escolar antes de ingressar no seminário. Influenciaram, também, na firme formação religiosa, que unindo-se à formação religiosa dos demais parentes tornaram-no um místico. Por fim, influenciaram na “escolha de seu carisma”, já que no catolicismo a vida religiosa se expressa por meio de diversos carismas, como, por exemplo, o dos próprios tios que eram Salesianos.

Nesse convívio familiar, de grande religiosidade, o jovem Marcelo crescia. E como todo jovem começava a projetar o seu futuro de acordo com suas inclinações.

Uma dessas inclinações é à vida monacal. Espelhando-se nos ensinamentos de São Bento, Marcelo buscou construir uma espiritualidade em que a união da mística com a

²⁵ A Congregação Salesiana ou Salesianos (em latim: *Societas Sancti Francisci Salesii*) é uma Congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana fundada em 1859 por São João Bosco e aprovada em 1874 pelo Papa Pio IX. Seu nome oficial é Pia Sociedade de São Francisco de Sales em homenagem a São Francisco de Sales, contudo, são popularmente conhecidos por *salesianos de Dom Bosco*. Os principais destinatários da missão salesiana são os jovens, especialmente os pobres e em situação de risco. Em vista destes destinatários, os salesianos trabalham também nos ambientes populares, com atenção aos leigos evangelizadores, à família, à comunicação social, e entre os povos ainda não evangelizados.

evangelização o levasse ao cerne social da mensagem do Evangelho. Contudo, essa inclinação não o realizaria se ele a encerrasse nas paredes de um mosteiro, pois a mística, “ao que lhe parecia”, não se limita a uma vida de solidão sem comprometimento direto com o anúncio do Reino na sociedade.

Entretanto, o Jovem Marcelo tinha que se encontrar para perfazer o seu ideal de fazer de sua vida uma expressão do seu espírito que está na experiência de anunciar o Evangelho. E isso aconteceu quando o jovem viu na vocação diocesana a possibilidade de realizar-se. Evangelizar era para ele uma meta tão forte, que depois se traduziria em seu lema de episcopado.

No final dos anos de 1930, Marcelo já manifestava o desejo de ingressar no seminário. Contudo, seus pais o achavam muito novo para assumir tal responsabilidade e, além disso, ele ainda cursava o Ginásio. Para fazê-lo mudar de ideia seus pais conversaram com o Padre Costa Pinto²⁶, amigo da família. Entretanto, tal atitude foi em vão, porque Marcelo convenceu o padre Costa Pinto sobre o seu ideal.

Diante dessa situação se impunha um dilema: o que fazer diante do chamado ao qual o jovem Marcelo se sentia convocado e a não necessidade de pensar em tal chamado, segundo a vontade dos pais? Desse dilema resultou que o padre Costa Pinto decidiu, em pessoa, ir ao encontro dos pais de Marcelo para convencê-los que o lugar dele seria o seminário. Não adiantava relutar e postergar a ida de Marcelo, pois mais cedo ou mais tarde aconteceria.

Numa conversa com o Sr. Álvaro Carvalheira e a Sr.^a Maria Teresa, o padre Costa Pinto os convenceu de que o lugar de Marcelo seria o seminário e que o tempo para isso poderia ser imediato. Assim, em poucos dias Marcelo estava ingressando no Seminário Arquiepiscopal de Olinda e Recife- Seminário Maior Nossa Senhora da Graça (NUNES, 2001, p. 15).

2.2 Formação Seminarística

²⁶ Pe. Moacyr da Costa Pinto (1915-2013), foi um clérigo da Arquidiocese de Olinda e Recife. Durante toda sua vida sacerdotal, foi capelão do Colégio Damas, na zona norte do Recife. Esse encargo lhe fez muito conhecido entre as famílias daquela região. Sua postura, sempre lhe impôs respeito da sociedade pernambucana. Foi também reitor do Seminário de Olinda, professor e vigário geral da referida Arquidiocese.

Marcelo ingressou no Seminário de Olinda num período importante para a Igreja Católica, pois nesse período surgiram muitos movimentos como a Ação Católica²⁷; no campo teológico, surgiram vários pesquisadores que procuravam dar respostas à sociedade Moderna que se julgava separada da Igreja Católica Romana por suas atitudes “antiquadas”; também estavam no auge o “Movimento Litúrgico²⁸”, o “Movimento de volta às fontes²⁹”, bem como outros “movimentos”. Entrelaçado a todos esses processos estava o empenho do Magistério Católico em responder às indagações não resolutas do Concílio de Trento e do Concílio Vaticano I³⁰.

A formação recebida pelo então jovem Marcelo Carvalheira, foi baseada, sobretudo, em duas etapas: a primeira etapa no Seminário de Olinda, onde cursou o Seminário Menor, a segunda no Colégio Internacional Pio Brasileiro, em Roma, sendo seus estudos de Filosofia e Teologia realizados na Universidade Gregoriana, da mesma cidade.

O Seminário de Olinda, fundado no ano de 1800 pelo Bispo Dom Azeredo Coutinho, obedecia os padrões tradicionais daquilo que o Concílio de Trento promulgou através do decreto *Cum Adolentium Aetas*: uma casa de formação capaz de acolher e preparar os candidatos ao sacerdócio, não apenas nos exercícios de intelectualidade, mas, sobretudo de humanidade e espiritualidade.

Antes do Concílio de Trento, grande parte do clero vivia em situação deplorável nos campos intelectual, moral e espiritual, ensejando que, naquele Concílio, a sua reforma fosse colocada como tarefa imprescindível. Entretanto, mais eficaz do que promover reformas até proporcionar, desde cedo, aos futuros clérigos uma formação que lhes fosse plasmando segundo as exigências da Igreja Reformada. Do clero, passou-se a esperar profunda disciplina moral, sólida vivência espiritual e conveniente formação intelectual. O Concílio de Trento determinou os elementos curriculares básicos, prescreveu sobre as práticas espirituais a serem vivenciadas, delegou poderes aos bispos sobre os seminários, inclusive o da eliminação

²⁷ A Ação Católica foi um movimento surgido na Igreja Católica que tinha como objetivo uma maior atuação dos diversos seguimentos do catolicismo na sociedade civil. A respeito desse tema, nesse capítulo será dedicado um item.

²⁸ O final do século XIX e a primeira metade do século XX, foram marcados, na Igreja Católica por um forte movimento que pedia a revisão da forma celebrativa no catolicismo. Esse movimento culminou na promulgação da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, em 04 de dezembro de 1963.

²⁹ No campo acadêmico da Teologia, liderado por importantes pensadores como Karl Rahner, Yves Congar, Joseph Ratzinger e Henri de Lubac e Jacques Maritain, surge, no início do século XX, um movimento intitulado de *Nouvelle Theologie* (Nova teologia), que buscava uma maior valorização das Sagradas Escrituras para a compreensão da teologia católica e uma “volta às fontes” através dos estudos da patrística, ou seja, dos escritos dos primeiros pensadores cristãos.

³⁰ Quando o Catolicismo se reúne em concílio, gera frutos, através de documentos, que devem ser aplicados na vida comum da Igreja. É muito natural, entretanto, que na aplicabilidade, nem tudo encontre a eficiência apontada na grafia dos documentos. Assim, o Concílio Vaticano II visita novamente questões antes já vistas pelos dois concílios anteriores e que precisavam ser revisadas e corroboradas ou ressignificadas.

de candidatos indignos, e determinou as linhas gerais do comportamento que deveria ser assumido pelo clero (CABRAL, 2008, p. 78).

Trento voltou seu olhar, sobretudo, para uma grande renovação do modelo sacerdotal, antes formado sem parâmetros. Havia um claro entendimento que o cisma luterano exprimia uma grande crise no clero e, por isso, essa foi uma das grandes preocupações do Concílio: gerar uma nova estrutura em torno dos sacerdotes a fim de promover mais unidade e, assim, proteger a instituição. A maior de todas as obras nesse campo foi a instituição dos seminários. Os candidatos ao sacerdócio não podiam mais ser formados individualmente, nas casas dos padres, por exemplo, ou nos palácios. Surgiria em cada diocese, uma casa, organizada pelo bispo, onde se daria toda a normativa, parâmetros e bases para o exercício do sacerdócio. Mesmo sendo o referido decreto de 15 de julho de 1563, a novidade do seminário só chega a países como o Brasil, mais de dois séculos depois e em Pernambuco, 237 anos após.

Com a necessidade dessa formação mais completa e abrangente, tocando inclusive a base de educação doméstica e exercícios como o celibato e outras virtudes, logo foi se criando uma mentalidade de que o candidato deveria ingressar no seminário o quanto mais novo possível para que ali apreendesse toda a base que lhe serviria à formação sacerdotal.

No início da década de 1940, mais precisamente em 1941, o menino Marcelo Carnevali, encontrou o Seminário de Olinda com centenas de estudantes, em média 170 por ano, somando os seminaristas menores e maiores³¹. Organizado em cinco principais divisões. Para os seminaristas menores, três divisões: uma composta pelos mais novos (crianças em sua maioria), outra pelos adolescentes e a terceira por aqueles que estavam prestes a concluir essa etapa da formação, no quinto e sexto ano. Já os seminaristas maiores dividiam-se em dois grupos: os estudantes de Filosofia e os estudantes de Teologia.

Cada uma dessas divisões possuía um padroeiro, escolhido por afinidades com a etapa de vida ou estudantil. Eram eles: São Luiz Gonzaga – conhecido por sua pureza (para as crianças), São José – ao qual se atribuiu a responsabilidade da família de Nazaré (para os adolescentes em idade de alcançar a maturidade), São João Maria Vianney – padroeiro dos padres e santo conhecido pela dedicação ao povo e profunda piedade (para aqueles que

³¹ O seminário acolhia rapazes desde a infância, nas diversas etapas da vida acadêmica. Assim, havia dois tipos de formação: o chamado seminário menor era para aqueles candidatos que ainda não haviam terminado a formação secundária, básica (o que hoje seria correspondente aos ensinos fundamental e médio). Já o seminário maior era uma etapa para aqueles que já haviam concluído os estudos secundários e então cursavam filosofia e depois teologia, cursos básicos para a formação sacerdotal (que hoje possui níveis universitários). Evidentemente, os seminaristas menores, para chegar ao sacerdócio, concluída essa etapa de formação, eram enviados ao seminário maior. Esses dois, ordinariamente, deveriam, assim, funcionar em casas diferentes, exceção ocorrida em Olinda, em alguns períodos, dentre os quais a década de 1940.

estavam se preparando para assumir definitivamente a vocação, no seminário maior), Dom Luiz Maria Vital, bispo de Olinda a quem se atribui grande fama de santidade e martírio, por defender a Igreja Católica Romana contra falsos pensamentos atribuídos à maçonaria (para os estudantes de filosofia que deveriam aperfeiçoar-se nos argumentos de defesa da fé) e São Tomás de Aquino, o chamado Doutor Angélico, grande pensador da Teologia Cristã Ocidental (para os estudantes de Teologia).

As divisões possuíam seus representantes e sua perspectiva de formação. A ponto de não haver sequer comunicação entre os estudantes de etapas diferentes. Apesar de viverem na mesma casa, cada divisão possuía seu estilo próprio, os lugares, mesmo em ambientes comuns eram separados a fim de que a comunicação se estabelecesse apenas entre os membros do mesmo grupo.

Duas coisas que mais me fazem recordar de Marcelo era a sua seriedade e piedade. Era sempre um menino muito sério. Cumpridor de seus deveres. Não se envolvia nunca em problemas. E possuía uma capacidade de concentração muito grande. Quando ele estava na capela, eu logo percebia algo diferente. Forte. Muitos não entendiam, mas só depois eu pude dizer: aquilo que eu percebia era verdade (ROCHA, Zeferino. Entrevista, 2015).

Desde a infância, a vida mística de Dom Marcelo, era perceptível em pequenos gestos por aqueles que o acompanhavam. A forma de rezar, os gestos, a participação na Missa, são sempre características apontadas como peculiares e profundas aos olhos de quem o observava. Como afirma Zeferino Rocha:

Quando ele ia para a fila da comunhão, chamava atenção de todo mundo. A forma como se comportava, [o entrevistado repete visualmente a imagem, com mãos postas, olhos entreabertos] me admirava. Havia uma fé muito grande. Outros as vezes nem entendiam, brincavam [risos], mas eu sabia que havia algo profundo. Ele nunca se alterou com isso, continuava da mesma maneira. Era muito significativo em uma criança (ROCHA, Zeferino. Entrevista, 2015).

Dona Maria José Pinto Carvalheira de Mompeou, irmã de Dom Marcelo, ao falar sobre suas recordações das vindas do irmão em casa, quando das férias do seminário, faz a mesma ressalva:

Todos os dias, nós rezávamos o terço³² com nossa vó e Marcelo participava sempre muito compenetrado, a ponto de se zangar quando os meninos³³ ficavam brincando enquanto vozinha rezava. Além disso, ele tinha livros com os quais se retirava várias vezes no dia para rezar (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015).

³² Oração dedicada a Nossa Senhora, muito presente na devoção popular das famílias.

³³ Entenda-se os outros irmãos.

Ao terminar os seus estudos secundários, em 1946, o jovem Marcelo já muito considerado por seu destaque na área intelectual, foi então enviado a Roma para fazer seus estudos filosóficos e teológicos.

Em Roma, Marcelo residia no Colégio Pio Brasileiro, reaberto há um ano, após a segunda grande guerra, e estudava na Universidade Gregoriana. Ali, tudo que se percebia já na infância, aflorou com muito mais propriedade. Seu gosto pelos estudos lhe garantiu sempre destaque entre os amigos de diversas dioceses do Brasil.

Não foram anos fáceis, a Europa pós-guerra estava muito sofrida. Além disso, a distância do Brasil, os preconceitos sofridos por parte de alguns amigos de estados mais desenvolvidos, sobretudo os do Sul, como notou em sua entrevista, Zeferino Rocha (2015).

Contudo, mesmo na adversidade, a vida espiritual do jovem encontrava seus alicerces mais fortes. O silêncio das catacumbas romanas e o encontro com a história dos primeiros cristãos o faziam mergulhar numa mística muito profunda.

Em Roma, Marcelo e eu nos tornamos grandes amigos. E aquelas intuições que eu trazia do seminário menor foram então comprovadas. Nós já éramos mais velhos, adultos. Gostávamos muito de estudar, escrever. E Marcelo, como sempre, muito inteligente e muito profundo em sua vida espiritual. Foram ali sete anos. Eu retornei em 1952 e ele em 1953, após a ordenação (ROCHA, Zeferino. Entrevista, 2015).

Ao término do curso de Teologia foi ordenado presbítero em Roma, no dia 28 de fevereiro de 1953, juntamente com 80 jovens, pela imposição das mãos e oração consecratória do Cardeal Caetani³⁴. Já no presbiterado, resolveu adotar o lema que o acompanharia por toda vida e é a expressão de seu ideal: “Evangelizar”. Nas catacumbas romanas também celebrou sua primeira missa, sob o silencioso testemunho daqueles que morreram pelo Evangelho.

Todas essas características fizeram com que o Pe. Marcelo exercesse seu ministério presbiteral quase que integralmente ligado ao seminário. Assim que se ordenou, ele foi logo convocado pelo Arcebispo de então, Dom Antônio Almeida de Moraes Júnior³⁵, para integrar

³⁴ Não consta em nenhuma referência dados bibliográficos a respeito do referido cardeal ordenante. Era um costume, entre os colégios internacionais situados em Roma, que, uma vez ao ano, se convidasse um bispo ou cardeal que trabalhasse na cúria romana ou estivesse de passagem em Roma para conceder as ordenações aos candidatos que estivessem preparados naquele ano. Assim, é de se concluir, que o Cardeal Caetani não tinha nenhuma ligação afetiva com o seminarista Marcelo Carvalheira, mas fora simplesmente convidado para conferir-lhe, juntamente com outros, a Sagrada Ordenação.

³⁵ Dom Antônio Almeida de Moraes Júnior foi o quarto arcebispo de Olinda e Recife. Mineiro, de Sapucaí-Mirim, nascido em 26 de junho de 1904, foi nomeado bispo para Montes Claros em 1949 e em 1952 transferido para Olinda e Recife onde permaneceu por oito anos. Conhecido por ser um grande orador, foi muito envolvido nas causas sociais de seu tempo, além de muito respeitado no meio intelectual.

a equipe de formação do seminário menor, como diretor espiritual, tendo como reitor, o Pe. Zeferino Rocha³⁶.

2.3 Vida Presbiteral

2.3.1 Como Formador

Para se ter clareza sobre as motivações e impulsos da vida do padre Marcelo Carvalheira, é preciso compreender que um dos conceitos mais claros e profundos no cristianismo é o da caridade enquanto promoção do outro. A caridade faz com que o cristão se aproxime do Criador que é a Plena caridade. O Pleno Amor. Na carta encíclica Deus Caritas Est, o papa Bento XVI, refletindo sobre a essência da caridade cristã, afirma:

Querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar. A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no facto de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio. Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria. Revela-se, assim, como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política (BENTO XVI, 2005, n. 17-18).

Ser caridoso é, portanto, uma atitude própria do homem, que se sentindo imagem do Criador, quer mostrar essa imagem a todos quantos residem em situações que ainda não revelam um estado pleno de vida. Não se limita simplesmente a atitudes filantrópicas e

³⁶ Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, pernambucano, nascido em 26 de agosto 1928, foi seminarista e, posteriormente padre da Arquidiocese de Olinda e Recife. Conviveu com Marcelo Carvalheira, ainda no seminário menor de Olinda, bem como no Colégio Internacional Pio Brasileiro, em Roma, onde fez seus estudos de filosofia e teologia, e mestrado em ambas as disciplinas. Na década de 1960, deixou o ministério sacerdotal, fez doutorado em Paris e, de volta ao Recife, seguiu a carreira docente, área na qual atua até o presente.

esporádicas, mas, consiste em uma busca de promoção integral. De fazer com que o outro tenha a possibilidade de usar todas as capacidades e possibilidades de vida oferecidas pelo Criador.

Nesse sentido, o Pe. Marcelo Carvalheira teve uma atuação importantíssima para o seu tempo, através da formação dos futuros presbíteros da Igreja Católica. Motivado pelas grandes mudanças de seu tempo, seja no âmbito eclesial ou civil, teve a preocupação de formar líderes cultos e sensíveis para o trabalho pastoral, afim de, com uma clara percepção da realidade, sensibilizar-se e promover o povo carente, não apenas com o acesso àquilo de mais necessário, mas, com uma promoção humana, capaz de transformar as situações e promover integralmente a pessoa.

Olinda teve a sua história marcada pelo grande Colégio dos Jesuítas, que em 1800, seguindo as aspirações do Concílio de Trento, foi pelo bispo Dom Azeredo Coutinho³⁷ transformado em seminário diocesano. Casa de recolhimento para a formação religiosa, humana e espiritual dos futuros sacerdotes diocesanos.

Em 1957, o então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Antônio Almeida de Moraes Júnior, transferiu os alunos do Seminário de Olinda para um novo prédio, situado no bairro da Várzea, onde por três anos funcionou o Seminário Arquidiocesano Imaculada Conceição. Essa atitude causou um certo desconforto em meio ao clero e ao povo de Olinda, por sentirem desprezado o valor histórico e cultural do antigo casarão da colina da Sé.

Em 1960, resolve então o arcebispo, devolver à Escola de Heróis³⁸ a sua mais nobre função: voltar a formar os futuros presbíteros da Arquidiocese. É então nomeado o Cônego Miguel Cavalcanti³⁹ como reitor e o recém-ordenado Pe. Marcelo Carvalheira como vice-reitor.

Algumas qualidades foram apontadas em entrevista pelo Pe. Almeri Bezerra para a escolha do Pe. Marcelo para integrar o corpo de formação do seminário: profunda espiritualidade, seriedade e liderança com a juventude (Cf. BEZERRA, Almeri. Entrevista, 2015).

³⁷ Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, nasceu em Campos dos Goytacazes em 8 de novembro de 1742. Importante canonista da Igreja de seu tempo, foi bispo de Olinda de 1794 a 1802. Em Olinda, obteve muita expressão pela luta em favor dos direitos da Igreja frente à Coroa e notadamente é lembrado por fundar, em 1800, no antigo Colégio Jesuíta de Olinda, o Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Graça.

³⁸ Escola de Heróis é um nobre título dado ao Seminário Arquidiocesano de Olinda, pelo cônego José do Carmo Baratta, em reconhecimento à bravura e grandeza de muitos daqueles que ali foram formados e que influenciaram grandes acontecimentos em nível local e nacional, como a Revolução Pernambucana de 1817 (BARATTA. 1972, p. 54).

³⁹ Padre do Clero de Olinda e Recife, renomado pelo trabalho com a formação sacerdotal.

De fato, muito se fala, inclusive no seio familiar, que a postura do jovem Marcelo Carvalheira era sempre muito reta, apesar de muito próximo aos mais novos e aos de sua idade.

Dona Maria José Pinto Carvalheira, ao passo que relata a grande expectativa dos irmãos para acolher o seminarista ou padre Marcelo nas visitas que fazia à família, também fala da seriedade com que ele participava das orações diárias da casa, por vezes até se irritando quando os irmãos mais novos brincavam ou se distraíam durante o momento celebrativo (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015).

A volta ao Seminário de Olinda marcava, também, o início da concretização de um projeto querido pelo Bispos do Regional Nordeste 2 da CNBB⁴⁰, a partir das inspirações do Concílio Vaticano II: a criação de um Seminário Regional para o Nordeste Brasileiro que pudesse oferecer melhores condições de formação aos seminaristas, sobretudo das dioceses mais distantes e desprovidas de recursos, tanto materiais como humanos. O Pe. Marcelo Carvalheira teria um papel fundamental na construção desse processo.

Durante o VII Congresso Eucarístico Nacional, que seu deu de 05 a 08 de maio de 1960, na Cidade de Curitiba, novamente se optou por deixar o velho casarão de Olinda e construir novas instalações para um novo seminário regional com capacidade para acolher 450 alunos⁴¹. Para esse fim, foi montada uma comissão composta por Dom Carlos Coelho⁴², Dom Adelmo Machado⁴³, Dom Manuel Pereira⁴⁴, Pe. Luiz Gonzaga Fernandes⁴⁵ e Pe.

⁴⁰ A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é um órgão colegiado da Igreja do Brasil que organiza os bispos, dioceses, fiéis, a fim de uma maior eficácia na ação pastoral. Devido às grandes proporções do Brasil, para facilitar a articulação, a conferência se divide em regiões territoriais. No Nordeste Brasileiro há quatro. A segunda delas (Nordeste 2), compreende os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

⁴¹ Devido às distâncias territoriais, não era tão fácil para os bispos, com as demandas de duas dioceses, fazerem reuniões com frequência sobre os temas comuns de governo. Assim, ainda hoje é prática, que sempre que há um evento eclesial de grande porte que reúne as lideranças de vários territórios, se separa um tempo para reuniões que toquem problemas comuns.

⁴² Carlos Gouveia Coelho nasceu em 28 de dezembro de 1907 na Paraíba. Ingressou no seminário da Paraíba, e uma vez ordenado presbítero, foi designado secretário do bispado da Paraíba - que era ocupado por seu tio, Dom Moisés Sizenando Coelho, vigário cooperador e diretor do Colégio padre Rolim. Em seguida, foi catedrático do Seminário da Paraíba. Capelão do Colégio Pio X de João Pessoa e de N. Sra. de Lourdes e diretor do departamento de Educação da Paraíba. Foi também presidente da Comissão de Educação da CNBB, sócio e presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Em 1948, foi nomeado bispo da Diocese de Nazaré, de onde foi transferido para Niterói, em 1954, e, daí, para a Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1960. Submetido a uma intervenção cirúrgica, não resistiu devido a complicações com a anestesia.

⁴³ Adelmo Cavalcante Machado nasceu em 05 de março de 1905 em Penedo, Alagoas. Foi bispo coadjutor de Maceió, tendo direito à sucessão, que se deu em 1963. Foi um dos pioneiros no Brasil da implantação das decisões do Concílio Vaticano II. Incentivou a vinda de ordens religiosas para a Arquidiocese de Maceió, bem como a inserção delas nas obras de caridade, fundando escolas e orfanatos. Veio a falecer em 28 de novembro de 1983, vítima de espasmo cerebral, que o debilitava desde 1974.

⁴⁴ Dom Manoel nasceu em Pocinhos - PB, aos 12 de setembro de 1915. Filho de Libânio Pereira da Costa e Vicência Pereira da Costa. Estudou em Pocinhos, Seminário Metropolitano de João Pessoa, Seminário Metropolitano de São Paulo, Colégio Pio Brasileiro (Roma) e Universidade Gregoriana. Foi ordenado em Roma,

Marcelo Carvalheira. O novo edifício seria construído no entorno do Recife, por se julgar que era a cidade da região como melhor estrutura para acolher o projeto e a verba seria doada pelo episcopado dos Estados Unidos. Enquanto as novas instalações não ficassem prontas, continuaria a casa de Olinda a abrigar os seminaristas, não só os da arquidiocese, mas, agora, de todo Regional.

Uma nova direção foi composta para essa fase do seminário. O Pe. Marcelo Carvalheira, como reitor, o Padre Zildo Barbosa Rocha⁴⁶, vice-reitor e o Pe. Arnaldo Cabral⁴⁷, diretor espiritual. Como afirma Rocha:

Na base do trabalho que seria empreendido no novo seminário se encontrava uma dupla intuição: uma de natureza pedagógica, outra de natureza propriamente religiosa. A intuição ou pressuposto pedagógico era a de que no processo educacional o educado era o sujeito ou o agente principal e o educador, apenas um agente do processo (ROCHA, Zildo. Anotações pessoais, 1959-1964).

Essa intuição citada nos escritos pessoais de Zildo Rocha, que exercia o ministério sacerdotal naquele período, mudaria completamente a forma de se pensar a formação presbiteral naquela época. O estudante, como sujeito da ação formativa, era uma concepção inimaginável para a formação presbiteral. O próprio termo formação, já fala muito em si.

Continua o Pe. Zildo:

Decorre daí que a educação não é função ou prerrogativa da autoridade e sim um serviço. A tarefa do educador não é mandar, ou fazer observar um

a 23 de março de 1940. Professor de Filosofia e Teologia no Seminário de João Pessoa. Vice- Reitor, depois Reitor do Seminário. Iniciou a construção do novo Seminário de João Pessoa. No dia 31 de maio foi eleito Bispo Titular de Tino, Auxiliar de João Pessoa. A 15 de agosto de 1954 foi sagrado Bispo na Catedral Metropolitana. Em 20 de junho de 1959, foi transferido para diocese de Nazaré da Mata - PE. No dia 25 de agosto de 1962, foi transferido para a Diocese de Campina Grande, e no dia 30 de setembro de 1962 tomou posse como Bispo de Campina Grande. Nesse mesmo ano em 06 de outubro, partiu para Roma (Concílio Vaticano II). Dom Manoel faleceu aos 91 anos de idade, no dia 26 de julho de 2006, às 23 horas, na Capital, vítima de falência múltipla de órgãos.

⁴⁵ Luiz Gonzaga Fernandes nasceu em 24 de agosto de 1926 na cidade de Marcelino Vieira, no Rio Grande do Norte. Entrou no seminário de Maceió e foi ordenado em 08 de dezembro de 1950. É nomeado bispo de Campina Grande e ordenado em 05 de dezembro de 1965. É conhecido pelo seu trabalho com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Faleceu em 04 de abril de 2003 em João Pessoa, Paraíba.

⁴⁶ Zildo Barbosa Rocha nasceu em Garanhuns, em 1935. Estudou no Seminário de Olinda. É licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana, em Roma, onde foi ordenado sacerdote em 1958. Exerceu o seu ministério sacerdotal até o final da década de 1970. Após esse período, se dedicou à família e carreira docente. Aposentado em 1990, fez um ano sabático de atuação teológica na área da Eclesiologia e cristologia no Missionary Institut of London. Foi coordenador do Centro DOM HELDER CAMARA - CENDHEC. Atualmente, é presidente do Comitê da Cidadania do bairro de Casa Forte.

⁴⁷ Nascido em 10 de novembro de 1918, Arnaldo Cabral entrou no seminário de Olinda muito jovem. Foi ordenado em 28 de novembro de 1943, com 25 anos, por Dom Miguel de Lima Valverde. De dom Miguel foi secretário particular. Foi professor, diretor espiritual e vice-reitor do Seminário de Olinda. Em seguida, foi nomeado pároco da matriz do Sagrado Coração Eucarístico de Jesus, no bairro do Espinheiro, onde permaneceu 45 anos no ofício. Foi vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife no governo de Dom Helder Câmara. Renunciou aos ofícios na Arquidiocese e hoje reside no Bairro de Boa Viagem, Recife.

regulamento e sim, propor, apresentar, escondendo-se a razão de sua eficácia não no poder, ou na força, mas na capacidade de persuasão através do gesto, da atitude e da palavra coerente (ROCHA, Zildo. Anotações pessoais, 1959-1964).

A consciência caritativa do Pe. Marcelo foi fundamental nessa etapa da vida. O sentido mais profundo de sua consciência de Deus lhe apontava para a liberdade. E isso marcaria profundamente o seu conceito de formação. Ele tinha claro que a postura do reitor do seminário, como aquela figura autoritária e inacessível, era maléfica para o futuro, tanto da Igreja Católica, como da sociedade. O padre formado na opressão se tornava insensível e, assim, incapaz de ser pastor.

Uma nova organização foi criada. Com uma participação ativa dos seminaristas na organização da casa e nas constituições disciplinares. Eram feitas reuniões periódicas para analisar os problemas da comunidade. Foram criadas as chamadas “equipes de vida”, formadas por números reduzidos de seminaristas, a fim de trabalhar uma maior aproximação. Dividiu-se o Seminário em setores e departamentos, para organizar e planejar as diversas atividades da casa, a fim de que os próprios alunos promovessem o bem da comunidade.

A nova organização do Seminário de Olinda, dividido em Comissões e Equipes, proporcionava aos seminaristas uma visão de hierarquia muito mais sadia e arejada. A equipe de direção do Seminário, composta pelos padres, era muito aberta às sugestões e opiniões dos estudantes. Daí, uma lição fundamental para a vida pastoral dos futuros presbíteros: a lição da escuta atenciosa dos subordinados, a lição da abertura à opinião do outro, a lição da obediência tendo como fundamento o diálogo e a felicidade de todos.

No ano de 1961 foram criados seis Departamentos: Espiritualidade, Esportes, Cultura, Ordem, Pastoral e Relações Exteriores. Em 1962, foi acrescentado um novo Departamento: o de Finanças. Eram três os titulares dos diversos departamentos, um por cada ano, e escolhidos por voto direto da comunidade. Toda essa organização era discutida e decidida em assembleias gerais, realizadas no início de cada ano letivo, com a participação integral da comunidade e da direção da casa; bem como o desempenho dos diversos departamentos era avaliado em outras tantas assembleias periódicas (ROCHA, Zildo. Anotações pessoais, 1959-1964).

Tudo isso, aliado a uma aspiração religiosa já surgida em movimentos como a Ação Católica, da qual os padres formadores eram membros ativos, de pensadores como Ricardo Lombardi⁴⁸ e das primeiras intuições daquilo que seria o Grande Concílio Vaticano II, convocado em 25 de dezembro no mesmo ano de 1961 pelo Papa João XXIII através da bula

⁴⁸ Pe. Ricardo Lombardi foi um padre jesuíta, fundador do “movimento por um mundo melhor” no início da década de 1960. Muito influente junto ao papa Pio XII, participou de várias seções do Concílio Vaticano II.

“Humanae Salutis”. Muito se falava em ecumenismo, unidade, fraternidade, a partir de movimentos recém-surgidos como os Focolares⁴⁹.

Tais movimentos “gritavam” por uma Igreja Católica mais aberta e inserida nos diversos problemas da sociedade do seu tempo. Padres mais inseridos na realidade, capazes de julgar com serenidade os diversos acontecimentos sociais e clareá-los à luz do Evangelho.

O livro de Crônicas do Seminário de Olinda⁵⁰ relata uma mudança profunda nos hábitos da Casa e no comportamento dos seminaristas. O Pe. Marcelo tinha plena convicção de que a abertura dos futuros padres às diversas realidades os faria mais próximos do povo e mais sensíveis às diversas realidades de pastoreio.

Um paralelo percebido pelo então Pe. Zildo, nos Livros de Crônicas do Seminário, aponta para a mudança de realidade: Ao passo que no ano de 1960 o lazer dos seminaristas era, por exemplo, passear pelas redondezas da Caixa d’água e Academia Santa Gertrudes (ambientes que estão distantes do seminário cerca de 150 metros e que, portanto podiam ser avistados da porta da Casa Grande)⁵¹, em 1965 já se relata a participação dos seminaristas na “Noite da Bossa Nova” ou em apresentações musicais no Teatro de Santa Izabel (localizado no Centro histórico do Recife)⁵².

O Seminário ampliava também suas atividades culturais. Eram com frequência promovidos cursos especiais, extra-curriculares, sobre temas da atualidade: Marxismo, com o Prof. Newton Sucupira; Existencialismo, com o Pe. Zeferino Rocha; Cinema, com Lauro Oliveira e Jomar Muniz de Brito; Teatro, com Hermilo Borba Filho; Demografia, com Pe. Calderon Beltrão; Teilhard de Cardin, com o Pe. Diomar Lopes; Método Paulo Freire, com Romeu Padilha; Temas Pastorais com Frei Barruel O.P. etc.

Visitantes ilustres visitavam o Seminário e eram convidados a falar aos alunos deixando-lhes uma mensagem. Estes puderam, assim, ouvir a palavra, entre outros, de Mons. Cardijn, fundador da J.O.C. (1961), Jacques Loew, fundador da Missão São Pedro e São Paulo (1962), Michel Quoist (1962), Padre Houtart (1962) Adolfo Van der Perrone, Reitor do Seminário para a América Latina de Louvain (1963), Ivan Illitch (1963) Mons. Colombo, teólogo do Papa (1964), Jean Daniélou e Yves Calvez (1964).

Como professores ou conferencistas eventuais marcaram sua presença no Seminário Regional destacados nomes da cultura local: Daniel Lima, Ariano Suassuna, Zeferino Rocha, Almeri Bezerra, Vamireh Chacon, Maria do

⁴⁹ O Movimento dos Focolares surgiu, em 1943, em meio à 2ª Guerra Mundial, sob as aspirações de uma jovem italiana chamada Chiara Lubich e busca, a partir do ecumenismo, levar o Evangelho a todas as pessoas, com a mensagem da unidade, da fraternidade e da paz.

⁵⁰ É uma prática comum nas instituições religiosas, que haja um arquivo onde se registrem os principais acontecimentos referentes àquela instituição e seus convivas. Assim, uma valiosa fonte para a pesquisa sobre Dom Marcelo foi o livro de Crônicas do Seminário de Olinda, que atualmente, encontra-se no arquivo da Arquidiocese da Paraíba.

⁵¹ Livro de Crônicas, 1960. p. 91.

⁵² Livro de Crônicas, 1965. p. 21 e 24.

Carmo Miranda, Luís Gonzaga Sena, Jaime Diniz, Hermilo Borba Filho. (ROCHA, Zildo. Escritos pessoais, 1959-1964).

A missão, na consciência do Pe. Marcelo, exigia competência. Não é que o padre se capacitaria para viver uma vida paralela à da Igreja, com outras competências que não toquem a sua vida ministerial, é que ele precisava ser presença evangelizadora nas diversas instâncias sociais. Ser uma presença inteligente, aberta, capaz de dialogar e assim, convencer. Não pela imposição, mas, pela clara defesa da verdade. Como ele mesmo afirma:

O padre hoje precisa conquistar. Pelo seu conteúdo pessoal, o seu papel dentro da sociedade. Pelo seu valor autêntico, ele deverá tornar-se acreditado e estimado. Não é, pois, sem razão que o Concílio recomenda aos padres que cultivem aquelas qualidades “que gozam de merecida estima na convivência humana”, porquanto sem elas dificilmente poderão cumprir sua missão de pastor, mormente para com aqueles que estão distantes da fé (CARVALHEIRA, Marcelo. 1966, p. 550).

Outro tema de grande relevância para a compreensão de formação presbiteral do Pe. Marcelo Carvalheira era a pastoral. Além das palestras e rodas de discussão, a partir de 1965, os seminaristas passaram a colaborar nas paróquias, aos finais de semana. Inicialmente, com o advento do Concílio Vaticano II, colaborando para que os leigos tivessem compreensão da missa em suas diversas partes, depois na implantação das diversas pastorais que iam surgindo, no acompanhamento dos grupos, e sobretudo na animação da juventude, como conta o Pe. José Augusto Rodrigues Esteves, formando do Pe. Marcelo:

Às sextas-feiras nós íamos cada um a uma comunidade. A maioria no entorno de Olinda. Eu ficava no Amparo. Ali a gente ajudava os padres, animava a juventude, visitava as famílias e o grande intuito era que agente fosse participando da vida do povo e da paróquia. Muitos já se ordenavam ali e permaneciam, tamanha era a intimidade que já se tinha criado (RODRIGUES, José Augusto Esteves. Entrevista, 2014)

A pastoral proporcionava para os seminaristas um confronto com a realidade em suas diversas esferas. Tirava-os do isolamento protecionista da grande casa para fazê-los confrontar-se com o que pensava e fazia a sociedade. Os seminaristas podiam sentir as diversas tendências que iam surgindo na sociedade, tinham aproximação com os jovens da mesma idade. Muitas vezes esse choque era duro, pois exigia adaptação e capacidade de diálogo, mas extremamente necessário e enriquecedor.

É inconcebível, na mentalidade criada pelo Decreto *Presbiterorum Ordinis* a atitude estreita do padre que se fecha a áreas diversas da sua, mesmo dentro da Igreja Católica. Do padre inimigo do protestante, do sermão

eminentemente apologeta, no estilo polêmico, a combater e denegrir as denominações cristãs separadas e seitas acatólicas. Do padre auto-suficiente e intolerante, com formulas preparadas para responder a toda sorte de proposições das mais diversas competências humanas (CARVALHEIRA, Marcelo. 1966, p. 541).

Outro campo forte de atuação pastoral era junto aos diversos grupos sociais. Havia seminaristas responsáveis por acompanhar, por exemplo, os agricultores, operários, domésticas etc. Era uma forma valorosa, tanto de aprendizagem, quanto de mostrar a presença da Igreja nos diversos setores da vida civil, sobretudo junto àqueles que não mereciam atenção dos poderes públicos. Aos vários seminaristas era dada, inclusive, permissão para trabalharem em meios às classes operárias para que se fizesse uma dupla experiência: a primeira de sentir as dores e sofrimentos do povo trabalhador, explorado injustamente. A segunda, de ser uma presença profética, evangelizadora em meio a esses.

Toda essa ação pastoral e humana recebia um acento muito especial da formação espiritual. O Pe. Marcelo Carvalheira dava uma dimensão muito clara ao crescimento espiritual dos formandos. Os pequenos grupos da casa rezavam atos de piedade a fim de crescerem afinidades no campo espiritual. Havia uma preocupação grande com a observância da liturgia, das horas canônicas da Liturgia das Horas⁵³, ou simplesmente breviário, como era habitualmente chamado: prima e completas⁵⁴ nos dias de semana, e no Domingo, vésperas solenes, cantada em Gregoriano.

Diariamente, havia no Seminário, à noite, um ensaio de Cânticos Gregorianos, a ponto de se dizer jocosamente entre os alunos que o Seminário era uma extensão do Mosteiro de São Bento. Isso, na verdade, revelava um grande apreço do Pe. Marcelo pela vida monástica. Apreço esse que seria revelado de forma mais evidente, após a sua eleição ao episcopado.

É frequentemente relatado, tanto nos escritos do Livro de Crônicas, nas anotações pessoais do Pe. Zildo, quanto nos relatos verbais, a rotina de atos de piedade, como novenas, terços, adoração do SS. Sacramento, retiros e palestras.

A participação em tais atos litúrgicos era livre de qualquer tipo de coação, causando grande mal-estar entre os alunos, já em 1961, a utilização feita pelo Departamento de Espiritualidade, de “estatísticas” sobre a participação dos alunos em atos comuns de piedade. A comunidade reagiu fortemente, através de jornais murais, a esse tipo de fiscalização implícita a que se apelidou de I.B.G.E. (ROCHA. Zildo. Anotações pessoais, 1959-1964)

⁵³ É uma modalidade de oração oficial na Igreja para Clérigos e religiosos. Hoje também extensiva aos leigos. Baseia-se em Salmos, cânticos e preces, além de outras leituras da Palavra de Deus e dos escritos dos santos.

⁵⁴ A primeira e a última oração das horas em um dia. No total são cinco orações diárias.

No que toca à atuação prática da espiritualidade, um exercício novo, muito presente em movimentos como os Focolares e a Ação Católica foi introduzido no roteiro espiritual do Seminário: a chamada Revisão de Vida. Era um momento muito valioso, pois trazia para o seminarista a oportunidade de examinar a sua ligação com Deus através de suas atitudes cotidianas. Era um ressoar da máxima do Apóstolo Tiago: “Mas dirá alguém: tu tens a fé e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas obras” (Tiago, 2,18).

Era uma preocupação constante que os seminaristas não caminhassem nos extremos. Nem vivessem somente uma espiritualidade desencarnada, baseada simplesmente em exercícios espirituais vazios, nem que se vivesse uma pastoral como fim, sem uma base evangélica, espiritual. Era preciso valorizar tanto a abertura como a maturidade espiritual.

2.3.2 Como assistente da Ação Católica – Juventude Independente Católica (JIC)

A Ação Católica foi um marco na história da Igreja Católica. Convocada por Pio XI, em sua encíclica *Ubi Arcano Dei*⁵⁵, a Ação Católica tinha por objeto criar um conjunto de movimentos visando ampliar a influência da Igreja Católica na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja.

No período em que Pio XI exerceu seu pontificado, a Igreja se via abalada por duas vertentes ideológicas, o liberalismo e o materialismo. O primeiro visava separar a sociedade de qualquer instituição que pudesse influenciá-la, por conseguinte a Igreja. Já o segundo se subdividia em duas vertentes: o capitalismo – que “com sua ganância incontrolável, sacrificando o trabalhador ao ídolo do lucro” – e o comunismo – que “com seu programa de ateísmo, reduz o homem a um fator da produção material” (CARVALHEIRA, Marcelo, 1983, p. 10).

Por esses motivos, Pio XI conclamou os fiéis católicos do mundo todo a se unirem e integrarem as “fileiras de organização da Ação Católica”. Como afirma Carvalheira:

A característica fundamental da Ação Católica de Pio XI constituiu no chamado oficial feito ao laicato. Os leigos são convocados a participar do apostolado hierárquico. Daí a celebre definição que Pio XI dava sem se

⁵⁵ Infelizmente essa a Carta Encíclica *Ubi Arcano Dei* não está disponível em português. Suas ideias se espalharam pelo mundo e chegaram ao Brasil graças ao empenho de bispos e presbíteros.

cansar, ajuntando que a recebera “não sem inspiração divina”: a Ação Católica, definia o papa, é a ‘participação dos leigos no apostolado hierárquico’ (CARVALHEIRA. 1983, p. 11).

O movimento se destacou pela diversidade de ações, bem como a sua integração nos diversos setores da sociedade de então. A força do movimento se deu porque o seu exercício fora oficializado pela Igreja Católica e sua organização teve apoio e participação ampla do clero. Vale salientar que a “participação” tão evocada por Pio XI era um reconhecimento explícito da “hierarquia” conferido ao apostolado do laicato organizado, que passava a ser uma característica oficial da Igreja Católica. Além disso, “participar”, como apostolado, fora amplamente divulgado como envio oficial, como mandato: para um tempo de crises em que a Igreja parecia se fechar, principalmente pela não aceitação do Modernismo, e também pela não participação dos leigos nas ações concretas da Igreja, participação essa restringida a pouco mais de um milênio. O ideal de Pio XI fora amplamente abraçado pela grande massa de leigos espalhados pelo mundo, já que passava a ter influência na ação e missão da Igreja.

No Brasil, os ideais da Ação Católica ganharam impulso graças ao empenho de dois clérigos, o Cardeal Sebastião Leme⁵⁶ e o padre João Batista Portocarrero Costa⁵⁷, que se tornaria bispo em 1942.

Falando dos dois, Dom Marcelo Carvalheira assim os descreve e enaltece suas figuras:

Com uma distância de idade entre ambos, de cerca de 20 anos, e com temperamentos muito diferentes, Dom Leme e Dom Costa tiveram alguns traços comuns na sua vida e personalidade sacerdotal. Ambos eram dotados de grande sensibilidade apostólica, de uma fina inteligência e de uma admirável lucidez eclesiológica. Um, sem duvida, era arrebatado e impetuoso, outro era sereno e comedido. Um e outro eram, no entanto, ardentes e contagiantes. Ninguém lhes era indiferente.

Era preciso personalidades assim para iniciar e tocar para a frente o grande empreendimento da Ação Católica em nosso país. Como alunos do Colégio Pio Latino, na Itália, cada um a seu tempo, Dom Leme e Dom Costa

⁵⁶ Nascido em 20 de janeiro de 1882 no município do Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, Sebastião Leme da Silveira Cintra estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e ordenado padre em 28 de outubro de 1904, em Roma. Em 24 de março de 1911 foi nomeado Bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Em 29 de abril de 1916 foi elevado a Arcebispo de Olinda. E em 15 de março de 1921 foi nomeado Arcebispo Coadjutor da Arquidiocese do Rio de Janeiro, com direito de sucessão, assumindo-a em 18 de abril de 1930 após a morte do Cardeal Arcoverde. Em 30 de junho de 1930 foi criado cardeal. Entre seus empreendimentos destaca-se sua autocolocação como conciliador na Revolução de 1930, e sua participação como legado papal nos Congressos Eucarísticos da Bahia (1933), de Belo Horizonte (1936) e Recife (1939).

⁵⁷ João Batista Porto Carrero Costa nasceu em 07 de julho de 1904. Entrou no Seminário de Olinda e logo foi enviado ao Colégio Pio Latino, em Roma, para fazer os estudos de filosofia e teologia. Ao voltar a Recife foi nomeado vigário da Matriz de São José, no bairro de São José. Em 1942 foi nomeado bispo de Santa Luzia de Mossoró, permanecendo lá até 31 de julho de 1943, data em que assumiu o posto de bispo coadjutor da Arquidiocese de Olinda e Recife, aonde veio a falecer em 6 de janeiro de 1958.

assistiram de perto aos primeiros ensaios da Ação Católica no mundo. Ambos foram tocados, sobretudo, pela mesma chama de Pio XI, com relação à influência da fé na sociedade contemporânea e a convocação oficial do laicato ao serviço apostólico da Igreja (CARVALHEIRA, 1983, p. 12).

E, de fato, a personalidade desses dois homens foi importante para o desenvolvimento da Ação Católica no Brasil.

Sabendo que o Brasil ainda não havia criado nenhum movimento da Ação Católica, Pio XI estimulou o clero brasileiro para que realizasse conferências sobre a Ação Católica. A mais conhecida dessas conferências fora realizada no Rio de Janeiro e contou com a presença do Cardeal Leme e de membros da sociedade carioca. Essa conferência foi o que faltava para impulsionar a criação da Ação Católica Brasileira, pois, ao seu término, o desejo dos participantes da conferência era concretizar esse movimento como serviço a Deus, à Igreja e à Pátria Brasileira.

Assim, em 25 de novembro de 1932 foi criado o primeiro grupo da Ação Católica no Brasil, nominado Juventude Feminina Católica, pelo Cardeal Leme. Esse grupo se constituiu graças à vontade do Cardeal em realizar a Ação Católica no Brasil. Para Dom Leme, a criação da Juventude Feminina Católica era a implantação e o limiar privilegiado da presença atuante do leigo católico, da Igreja, na vida social.

Anterior à criação da Juventude Feminina Católica foi a criação da União dos Moços Católicos, em 1928, na Igreja Matriz de São José, no Recife. Esse grupo foi criado pelo Pe. João Batista Portocarrero Costa logo após sua chegada de Roma. Historicamente pode ser considerado o primeiro esforço da Ação Católica no Brasil. Mas, oficialmente e canonicamente, o primeiro grupo da Ação Católica em Recife foi criado em 11 de dezembro de 1932, pelo Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel de Lima Valverde⁵⁸.

Contudo, foi graças ao empenho do Pe. João Batista Costa que a Ação Católica se desenvolveu e pôde se espalhar pelo resto do País. Com seu incansável e sereno zelo, aos poucos, foram criados outros ramos da Ação Católica. Além da Juventude Feminina Cristã foram criados os grupos da *Juventude Católica Brasileira* (destinada a rapazes) que comportavam seções importantes para as moças e rapazes, levando em consideração se eram operários, estudantes e universitários. Além dos grupos juvenis, foram criados grupos para

⁵⁸ Miguel de Lima Valverde nasceu em 29 de setembro de 1872 em Santo Amaro, Bahia. Logo cedo despertou para a vida religiosa e ingressou no Seminário. Em 30 de março de 1895 foi ordenado presbítero e em 29 de outubro de 1911 foi ordenado bispo para a diocese de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, sendo seu primeiro bispo. Em 28 de maio de 1922 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, cargo no qual tomou posse em 23 de julho de 1922. Faleceu em 07 de maio de 1951 em Recife.

adultos, os “Homens da Ação Católica – (HAC)” e a “Liga Feminina da Ação Católica (LFAC)”⁵⁹.

Graças ao surgimento e expansão da Ação Católica no Rio de Janeiro e no Recife, o episcopado brasileiro tornou a Ação Católica movimento oficial da Igreja Católica no Brasil e promulgou os Estatutos da Ação Católica em nove de junho de 1935, na festa de Pentecostes. A promulgação desses Estatutos organizou oficialmente a Ação Católica e garantiu a unidade de suas ações no território nacional (CARVALHEIRA, 1983, p. 19).

Mas como dissemos, a Ação Católica se expandiu. E, já no pontificado de Pio XII, ela alcançou alta expressão na vida e missão dos leigos e na Igreja. A evolução da Ação Católica em seus diversificados grupos manifestou o quanto a Igreja e “seus apóstolos/enviados” adentraram nas realidades do tempo, na sociedade. E isso se deu em todo mundo.

Na mesma linha de ação, as seções jovens foram as que mais se difundiram. Pelo mundo foram criadas as JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica). Ambas com o intuito de levar os jovens a refletir e a realizar o ideal de uma sociedade humana e justa a partir de seus pontos de ação (CARVALHEIRA, 1983, p. 18).

No Brasil a JOC e a JUC se desenvolveram, inicialmente, na cidade de São Paulo, graças aos esforços dos padres canadenses da Santa Cruz (CARVALHEIRA, 1983, p. 18). Junto a esses padres se juntam os frades dominicanos. Logo em seguida a JOC e a JUC foram levadas ao Rio de Janeiro e se espalharam pelas diversas cidades do Brasil.

A evolução desses grupos pelo Brasil se deu graças às Semanas da Ação Católica Brasileira. Essas Semanas foram muito importantes porque serviam como momento propício para ver e julgar as estratégias da Ação Católica e em seguida, dependendo dos resultados do julgamento, continuar as ações ou reformulá-las. E isso se fez várias vezes, ao passo de os próprios Estatutos da Ação Católica Brasileira serem revistos, possibilitando a participação e criação de outros grupos de ação, bem como para que a diversidade de movimentos não se fizesse chocar e ocasionar problemas, mas levassem a termo o apostolado dos leigos na sociedade.

No plano desses novos grupos, a Ação Católica Brasileira inspirou-se em experiências francesas e fez com que, além da JOC e da JUC, surgisse a Juventude Estudantil Católica (JEC), bem como o encaminhamento da Juventude Agrária Católica (JAC) e da

⁵⁹ Os “Homens da Ação Católica” e a “Liga Feminina da Ação Católica” eram os ramos, respectivamente, masculino e feminino para adultos a partir de 30 anos ou homens e mulheres casados. Esses grupos tinham a intensão de despertar nos leigos a missão de auxiliar a hierarquia da Igreja Católica nos assuntos que pareciam se distanciar de sua “alçada”, tais como a política, economia, mudanças e desigualdades sociais etc.

Juventude Independente Católica (JIC), também conhecida como Juventude do meio Independente Católica.

A Ação Católica especializada, formada pelas JAC, JEC, JIC, JOC e JUC, contudo, só fora aprovada na assembleia do episcopado brasileiro em setembro de 1954 e sendo inserida no Departamento de Leigos (DL) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que estava também sendo criada (CARVALHEIRA, 1983, p. 19).

Na Arquidiocese de Olinda e Recife a Ação Católica especializada se desenvolveu com grande ímpeto. Marcada por uma bela história, a Igreja de Olinda e Recife foi marcada por empenhos no campo social e isso impulsionou os leigos a “abraçarem a causa” do apostolado católico. Outro dado que favoreceu muito o “movimento especializado” foi o fato de o Pe. Portocarrero Costa ter sido diretor espiritual do Seminário de Olinda, e isso favoreceu e entusiasmou o clero dirigido por ele no período formativo a desenvolver em suas comunidades a Ação Católica especializada.

Dentre os padres formados nesse período está a figura do Pe. Marcelo Carvalheira. Embora não tenha sido formado pelo Pe. Costa, mas em Roma, o Pe. Marcelo conviveu com ele no período de juventude e por isso sofreu forte influência. Sendo pároco, ele fortaleceu os segmentos especializados da Ação Católica e se tornou o padre referencial da JIC.

A JIC (Juventude Independente Católica), como um dos movimentos da Ação Católica Especializada, surgiu para agrupar jovens de classe média e alta que não se enquadravam na JOC nem na JUC. Sua atuação se dava nas paróquias com o intuito de recristianizar o meio social burguês, que passava por alguns problemas, como: o individualismo, a falta de solidariedade, egoísmo, indiferença religiosa, entre outros; todos resquícios das situações em nível social e mundial pelos quais a sociedade da época passava (CEDIC)⁶⁰.

A principal atividade da JIC se dava no campo formativo. Os jovens se reuniam semanalmente para estudar questões relacionadas à fé e problemáticas sociais que, geralmente, despertavam os jovens a buscarem soluções. Em alguns casos, as respostas dadas eram repassadas a outros grupos da JIC, que tinha uma organização em nível de base, regional e nacional (a sede da JIC era no Rio de Janeiro).

O tempo em que passou como padre referencial da JIC na Arquidiocese de Olinda e Recife foi muito interessante, mas ao mesmo tempo difícil para o Pe. Marcelo Carvalheira.

⁶⁰ Instituto Nacional de Pastoral - INP/CNBB, Juventude Independente Católica do Brasil. São Paulo, 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cedic/fundos/juventude_independente.html>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

Isso porque, como se não bastasse toda a realidade na qual a sociedade brasileira e em especial a sociedade pernambucana se encontravam, em março de 1964 se iniciava a ditadura civil-militar no Brasil.

O Pe. Marcelo Carvalheira buscou fazer com que os jovens por ele guiados refletissem sobre os problemas sociais de suas comunidades para encontrarem soluções. Um dos destaques foi à formação cultural: ele via na cultura pernambucana um meio para chamar atenção dos jovens e fazer com que eles despertassem para a arte e para os demais meios de cultura e educação disponíveis.

No convento das Doroteias, que se localiza na rua da Soledade, no Centro do Recife, Pe. Marcelo atendia todas as semanas por vários dias, os jovens assistidos, e na Igreja de Santa Cecília, na Rua da Conceição (muito próximo ao referido convento), ocorriam as celebrações.

O método era ver, julgar e agir. Nós não éramos muitas, todas mulheres. Era então trazido um tema, dali nós analisávamos juntas as circunstâncias, e tomávamos a decisão em relação a qual deveria ser a atitude em ocasiões semelhantes àquela apresentada. Tínhamos também as apostilas dos assistentes que nos ajudavam a refletir. As de Marcelo e as do Pe. Aumeri. Quando fui entrevistada pelos militares, um guarda me mostrou a apostila e disse:

-Você sabe o que é isso aqui?

Respondi:

-Não, mas gostaria de ler (nesse momento, a entrevistada riu bastante).

Então ele disse:

-tome, você terá muito tempo para lê-la.

E aí eu não sabia se lia ou não. Ficava olhando para as paredes para ver se tinha alguém espionando minha leitura (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015).

A JIC não deu grandes passos nem na Arquidiocese de Olinda e Recife, nem em nível nacional. Isso porque foi um dos últimos grupos da Ação Católica Especializada – estima-se que tenha chegado ao Nordeste por volta dos anos 50 - e porque, por mandato da CNBB, no dia 18 de novembro de 1966 acabou, talvez para não agravar o conflito com os militares.

Entretanto, o seu legado foi muito forte pra as pessoas envolvidas. Foi uma formação humanitária muito marcante, que formou raízes profundas, sobretudo na construção ética daqueles cidadãos, o que gerou um bem para a história, não apenas da Igreja, mas da sociedade pernambucana e brasileira.

2.3.3 Durante a Ditadura Civil-Militar

Depois do fim da segunda grande guerra, o mundo entrou em um processo muito intenso de mudanças e transformações. Isto se estende desde as pesquisas científicas e avanços tecnológicos até a estruturação moral e política e ideológica da própria sociedade. Foi um tempo de muitas mudanças também na Igreja que, imersa e espalhada pelo mundo, se deparava com os anseios e questionamentos deste novo mundo que nascia no Ocidente. Foi então que no período de 1962 a 1965 foi convocado o Concílio Vaticano II, um período também de estudos, avanços e reformulações no seio da própria Igreja Católica Romana.

Neste interim, o Brasil também passava por seu período de inquietações, envolto em um complexo contexto político-social-econômico. No fim de março de 1964 se deu início ao regime de ditadura civil-militar no país. A Igreja católica, ainda vivendo os dias de Concílio, não se torna indiferente à situação. A ameaça do comunismo parecia iminente e a tomada de posse do governo militar pareceu, em um primeiro instante, a opção mais segura (Cf. NATUSCH, 2014).

As lideranças da Igreja viram ali um porto seguro para a sociedade cristã. O Pe. Paulo Evaristo Arns⁶¹ foi pessoalmente abençoar as tropas do general Olímpio Mourão Filho⁶², convencido do bem que estava fazendo à pátria e à Cristandade. Anos depois, já como arcebispo de São Paulo, foi um dos principais expoentes na resistência aos generais e na luta contra a tortura e contra os assassinatos.

A CNBB, respirando alívio declara em uma nota que:

Transborda dos corações o mesmo sentimento de gratidão a Deus, pelo êxito incruento de uma revolução armada. Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da nação, e gratos somos a

⁶¹ Paulo Evaristo Arns nasceu em 14 de setembro de 1921, em Forquilha, Santa Catarina. Quinto, dentre os 13 filhos do casal Gabriel Arns e Helena Arns, ingressou no seminário franciscano e foi ordenado padre em 30 de novembro de 1945. Foi professor do Instituto Franciscano de Teologia e da Faculdade Católica de Petrópolis. Deu ampla assistência aos desfavorecidos. Em 02 de maio de 1966 foi eleito bispo auxiliar de São Paulo e em 22 de outubro de 1970 foi elevado a Arcebispo Metropolitano de São Paulo, pelo Papa Paulo VI. Em 05 de março de 1973 foi eleito cardeal da Igreja Católica e permaneceu arcebispo de São Paulo até 15 de abril de 1998, quando renunciou o cargo por idade, conforme prevê a legislação canônica.

⁶² Olímpio Mourão Filho (Diamantina, 9 de maio de 1900 - Rio de Janeiro, 28 de maio de 1972) foi um general de exército brasileiro que participou ativamente do movimento integralista e do golpe militar de 1964. Foi o redator do Plano Cohen, documento falsamente atribuído à Internacional Comunista, que foi utilizado como motivo para a implantação da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Em 31 de março de 1964 ordenou que as tropas da 4ª Divisão de Infantaria que comandava em Juiz de Fora seguissem para ocupar a cidade do Rio de Janeiro, fato que precipitou o golpe militar de 1964 alguns dias antes do dia planejado pelos conspiradores. Entre 1967 e 1969, foi presidente do Superior Tribunal Militar. Morreu em 27 de maio de 1972, no Rio de Janeiro.

quantos concorreram para libertarem-na do abismo iminente (FERNANDES, 2014, p.01).

Eram claros os motivos que levaram a muitos bispos da Igreja Católica a este posicionamento oficial. O Primeiro, como está posto no texto, foi a proteção dos cristãos. Na “cartilha comunista” estão escritos valores que poderiam destruir os valores e as instituições. Um segundo motivo, era a recorrente identificação existente entre elites e Igreja, ainda herança do sistema do padroado, talvez. E por fim, a ideia de um nacionalismo popular de base militar era agradável para muitos. A elite católica dava todo respaldo para o sistema que se consolidava com força total.

A CNBB, fundada em 1952, tinha como presidente Dom Agnelo Rossi⁶³ de perfil um tanto conservador e como secretário, Dom Helder Câmara⁶⁴, opositor ao regime e logo transferido para Arquidiocese de Olinda e Recife, sendo substituído por Dom José Gonçalves⁶⁵, mais simpático aos novos tempos.

⁶³ Agnelo Rossi nasceu em 04 de maio de 1913 em Campinas, São Paulo. Ingressou no Seminário menor Santa Maria, em Campinas, em 26 de janeiro de 1926. Foi ordenado padre em 27 de março de 1937, em Roma. Em 05 de março de 1943 foi nomeado bispo de Barra do Pirai pelo Papa Pio XII. Foi nomeado em 06 de setembro de 1962 Arcebispo de Ribeirão Preto e em seguida foi transferido para a Arquidiocese de São Paulo em 01 de novembro de 1964. Foi tornado cardeal da Igreja Católica Romana em 22 de fevereiro de 1964, ascendendo à cargo importantes dentro da cúria Romana, chegando ao mais alto grau que um cardeal pode chegar antes do papado, isto é: decano do colégio dos cardeais. Teve grande influência no campo social e político do Brasil. Faleceu em 21 de maio de 1995 em Indaiatuba, São Paulo.

⁶⁴ Helder Pessoa Câmara nasceu em 07 de fevereiro de 1909 em Fortaleza, Ceará. Em 1923 ingressou no Seminário Diocesano de Fortaleza, conhecido como Seminário da Prainha. Em 15 de agosto de 1931 foi ordenado padre. No mesmo ano, fundou a Legião Cearense do Trabalho e, em 1933, a Sindicalização Operária Feminina Católica, que congregava as lavadeiras, passadeiras e empregadas domésticas. Atuou na área da educação, participando de políticas governamentais do estado do Ceará na área da educação pública. Foi nomeado diretor do Departamento de Educação do Ceará. Para aprofundar seus estudos nesta área, foi transferido em 1936 para a cidade do Rio de Janeiro, então capital da república, onde se dedicou a atividades apostólicas. Foi Diretor Técnico do Ensino da Religião. Neste período, sentiu-se atraído pela Ação Integralista Brasileira, que propunha o resgate dos valores "Deus, Pátria e Família". Entretanto, afastou-se de qualquer compromisso político-partidário ao perceber as implicações ideológicas desta opção. No Rio de Janeiro, teve como diretor espiritual o Pe. Leonel Franca, criador da primeira universidade católica do Brasil - a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No período pós-guerra, fundou a Comissão Católica Nacional de Imigração, para apoio à imigração de refugiados. Em 03 de março de 1952 foi nomeado bispo-auxiliar do Rio de Janeiro. Em 1952 criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) junto com outros bispos. Participou da criação do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM). Em 1956 criou a “Cruzada São Sebastião” com o intuito de angariar fundos para construção de moradias para os carentes. Teve participação ativa no Concílio Vaticano II. Em 12 de março de 1964 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, múnus que exerceu até 02 de abril de 1985. Estabeleceu resistência ao regime militar e tornou-se líder pelos direitos humanos. Faleceu em 27 de agosto de 1999, em Recife, Pernambuco.

⁶⁵ Alberto José Gonçalves nasceu em 20 de julho de 1859 em Palmeira, Paraná. Em 1874 ingressou no Seminário São Paulo. Em 1882 foi ordenado padre. Como a região do Paraná ainda fazia parte do Bispado de São Paulo, e como ainda se vivia no regime do Padroado, a Princesa Regente Isabel apresentou ao bispo D. Lino o nome de Pe. Alberto para ser pároco colado de Curitiba, da Paróquia de Nossa Senhora da Luz, que seria, com a criação da Diocese, a matriz. Sua nomeação se deu em 16 de julho de 1888. Na qualidade de vigário, trabalhou com dedicação e entusiasmo na construção da matriz, hoje Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz, inaugurada em 1893. Eleito deputado provincial no Paraná, em 1889, não tomou posse em virtude da Proclamação da República, porém, em 1892 foi eleito para a Assembléia Constituinte do Paraná, como

Era neste contexto que aos poucos as mudanças do Concílio iam se disseminando nas veias da Igreja, e insuflando ventos novos no seio da instituição. Dentre os ideais do Concílio estavam uma nova forma de relação da Igreja com a sociedade, primando pela justiça social, promoção dos direitos humanos, a começar por todos os que sofriam necessidades de qualquer tipo. A partir deste exemplo histórico podemos entender que a relação entre Igreja Católica e militares saiu da união ao litígio em apenas uma questão de tempo.

Embora a maioria esmagadora tenha sido favorável, desde as primeiras horas alguns expoentes da Igreja já não apoiaram a instalação militar no governo. Dom Waldyr Calheiros⁶⁶, bispo de Volta Redonda já na noite de 31 de março teceu um discurso na catedral contra a tomada de posse (NATUSCH, 2014). Alguns anos após, Dom Eugênio de Araújo Sales⁶⁷, arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, chegou a abrigar refugiados em sua própria residência, advindos de outras ditaduras sul-americanas.

deputado estadual para o biênio 1893 / 1894 e reeleito no biênio 1895 / 1896. Neste período chegou a ocupar o cargo de Presidente da Assembleia, como também participou das Comissões Permanentes da Instrução, Catequese e Civilização dos Índios e da de Estatística (na primeira legislatura) e a Comissão de Constituição e Justiça, da Instrução, Catequese e Civilização dos Índios e a de Redação (na segunda legislatura). Em 1895 foi eleito senador da república, ao lado de Vicente Machado, ocupando dois mandatos consecutivos, de 1896 a 1905. Em 1906 é eleito, novamente, deputado estadual, ocupando a cadeira na Assembléia Legislativa do Paraná no biênio 1906 / 1907. Pe Alberto também foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, fundou o Hospício Nossa Senhora da Luz, além de ter sido diretor da Instrução Pública do Paraná e membro da antiga Academia de Letras do Paraná, recebido nesta instituição na sessão de outubro de 1923. Colaborou em diversos periódicos paranaenses e foi redator da revista Clube Curitibano, escrevendo diversas obras (além das supracitadas), como: *"A Igreja e o Estado"* (1900), *"O Espiritismo"* (1916), *"A Religião e a Política"* (1933), *"Carta do Bispo de Ribeirão Preto"* (1940), entre outras. Em 1908 foi nomeado Bispo, tomando posse em 1909, transferindo residência para a Diocese de Ribeirão Preto. Faleceu, nesta cidade, em 06 de maio de 1945.

⁶⁶ Waldyr Calheiros Novaes nasceu em 29 de julho de 1923, em Muricí, Alagoas. Em 25 de julho de 1948 foi ordenado padre. Formou-se em teologia no Seminário São José no Rio de Janeiro, onde exerceu o ministério até 25 de fevereiro de 1964, quando o Papa Paulo VI o nomeou bispo-auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Em 20 de outubro de 1966 foi transferido para a diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda. Ficou conhecido por seu engajamento nas lutas sociais em favor dos menos favorecidos, como o movimento dos posseiros e o movimento sindical, Dom Waldyr jamais negou abrigo e apoio a todos os perseguidos políticos que buscaram sua ajuda. Foi, como o Mons. Marcelo e tantos outros, torturado pelo regime militar. Lutou desde sempre pelos direitos dos trabalhadores e de todos os segmentos oprimidos da população brasileira, estendendo o seu apoio também às lutas de outros povos pela liberdade e pelo fim da exploração econômica da força de trabalho. Dom Waldyr teve atuação marcante no triste episódio do dia 09 de novembro de 1988, quando as tropas do Exército invadiram a Companhia Siderúrgica Nacional, matando três operários e deixando outros 40 feridos. Faleceu em 30 de novembro de 2013 em Volta Redonda, Rio de Janeiro.

⁶⁷ Eugênio de Araújo Sales nasceu em 08 de novembro de 1920 em Acará, RN. Realizou seus primeiros estudos em Natal, inicialmente em uma escola particular, depois no Colégio Marista e finalmente ingressou, em 1931, no Seminário Menor. Realizou seus estudos de Filosofia e Teologia no Seminário da Prainha, em Fortaleza, Ceará, no período de 1931 a 1943. Foi ordenado sacerdote em dia 21 de novembro de 1943. Em 1º de junho de 1954 foi nomeado bispo auxiliar de Natal pelo Papa Pio XII. Foi designado administrador apostólico da Arquidiocese de Natal, função que exerceu até 1965. Em 1964 foi nomeado administrador apostólico da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, função na qual permaneceu até 29 de outubro de 1968, quando da sua nomeação a Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, pelo Papa Paulo VI. Em 28 de abril de 1969 foi elevado a cardeal da Igreja Católica Romana. Em 13 de março de 1971 foi transferido para Arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi um dos criadores das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no RN e Salvador, e da Campanha da Fraternidade. Assumiu a defesa dos refugiados políticos no Regime Militar, apesar de muitos críticos o acusarem de ser brando diante dos militares. Foi um dos brasileiros que mais ocupou cargos no Vaticano. Faleceu em 09 de julho de 2012 no Rio de Janeiro.

Todavia, Dom Hélder Câmara foi um dos principais opositores ao regime. Já em Olinda e Recife, seu nome era proibido de ser mencionado pela mídia e suas viagens ao exterior eram detestadas pelas autoridades, pois o mundo era o púlpito de Dom Helder, onde ele denunciava a violência dos militares dentro do País. Não foram poucas as tentativas de impedir tais diligências do bispo.

Dom Helder passou a ser uma espécie de “morto-vivo”. Além do interdito ao seu nome na imprensa, ele era proibido de frequentar as universidades, lugar que ele gostava tanto, por causa dos estudantes, esperança do País, segundo o bispo. Impedido de frequentar as academias no Brasil, ele se lançou no mundo para discursar e denunciar sobre a situação do seu país. Isto lhe rendeu 32 doutorados *honoris causae*, quatro indicações ao prêmio Nobel, bem como duras críticas dos intelectuais da época e de muitos integrantes da própria Igreja Romana.

A violência, a tortura e a injustiça brutal faziam parte da pauta dos discursos de Dom Helder. A pergunta que embaraçava a todos era “Onde termina a justiça social e começa a subversão?”. No contexto do momento, para alguns poucos, era um equívoco pensar que o clamor por justiça social era subversão; para outros, só a proposta da justiça já seria criminosa, já que implicitamente (mesmo com razão) acusava o regime. Para outros ainda, a subversão era a única forma de justiça a ser feita no momento.

Dom Helder Câmara, por conta da sua autenticidade, era confundido ora com uma coisa, ora com outra. Conforme ele mesmo dizia “Se dou pão aos pobres, todos me chamam de santo. Se mostro por que os pobres não têm pão, me chamam de comunista e subversivo”. Mas Helder não estava só, toda a opinião pública mundial olhava para o Brasil pelas palavras dele. Na Arquidiocese de Olinda e Recife ele também tinha seus colaboradores na busca pela justiça e pelo direito. Dentre tantos estes se encontrava o Revmo. Mons. Marcelo Pinto Carvalheira, Reitor do Seminário.

O empenho contra o Regime Militar foi assumido com muito afinco pelo Pe. Marcelo. Ele, que por sua participação na Ação Católica, era muito influente na juventude e na classe intelectual da cidade, logo tomou para si a luta pelo respeito à opinião e à liberdade.

Relatou verbalmente Almeri Bezerra de Melo, que o Seminário de Olinda, no período do golpe, sobretudo nos primeiros anos, se tornou um refúgio constante para aqueles que se viam perseguidos pelo regime.

Por muitas vezes, Marcelo acolheu no Seminário, jovens que se escondiam dos militares. Sobretudo, os que estavam passando pelo Recife, em viagens.

Tudo era muito sigiloso, na maioria das vezes, nem os próprios estudantes sabiam quem era a pessoa ou o que estava fazendo por ali (BEZERRA, Almeri. Entrevista, 2015).

A chamada histórica “Casa de Heróis”, o Seminário de Olinda, mais uma vez cumpria sua função de ser o berço da liberdade e do sonho de novos dias para o povo brasileiro.

O tempo rareou e embranqueceu os cabelos, mas não apagou da memória do arcebispo emérito da Paraíba, Dom Marcelo Pinto Carvalheira, os momentos de luta pelas causas sociais vividos ao lado de Dom Helder Câmara. Eram amigos íntimos, companheiros inseparáveis. Helder e Marcelo seguiram o caminho da defesa dos pobres e dos injustiçados, trabalhando pela concretização do evangelho de Jesus Cristo. Sofreram perseguições, foram difamados, porém, não desistiram de levar adiante as ações da Igreja Progressista do Brasil, construindo parte da história do povo brasileiro (VENTURA, 2009, p. 01).

Dom Helder, por ocasião de um curso para formadores chamado “*Christus Sacerdos*”, envia o então Pe. Marcelo para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. É lá que, como o apóstolo Paulo, ele é surpreendido pelo cavalo da ditadura e sofre o seu calvário de violência, cativo e tortura.

Tudo começa com a ida do Mons. Marcelo para a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, onde pôde desfrutar da amizade do Padre Manuel Valiente⁶⁸ desde as atividades da Paróquia, até mesmo dentro das grades do cárcere. Frei Beto narra, em seu livro “Batismo de Sangue” (São Paulo, 2006), um incidente ocorrido numa das missas dominicais daquela paróquia, na qual o Pe. Carvalheira era o pregador, sob a presidência do Pe. Manuel. Um espião gravava as palavras do sermão do Pregador, mostrando como seus passos e suas palavras já eram motivo de atenção por parte dos militares. Frei Beto narra:

Padre Marcelo pregava à luz do evangelho do dia a parábola do Bom Samaritano. Com sua entonação nordestina, cantada, incisiva, perguntava aos paroquianos de classe média abastada:

- E hoje, quem é o homem caído à beira da estrada? Quem é o espoliado?

Enquanto a indagação pairava sobre a consciência da assembleia, Padre Manuel abandonou o altar, avançou sobre o átrio e atracou-se com um cidadão abaixo de qualquer suspeita que, sentado entre os fiéis, gravava o sermão do jovem monsenhor.

⁶⁸ Sobre o Pe. Manuel Valiente, além do que está escrito no livro *Batismo de Sangue*, não se tem nenhuma informação sobre ele. Só se sabe que ele era o pároco da Paróquia Nossa Senhora da Piedade em Porto Alegre quando o Padre Marcelo Carvalheira foi preso pelas forças militares. Dona Maria José Carvalheira, em entrevista, relata lembrar muito fortemente na imagem do padre, mas, como outros, não possui nenhuma informação sobre ele.

- Não admito que alguém aqui controle a palavra de Deus! – disse o vigário, com rosto muito vermelho, as mãos largas segurando o agente policial pela gola do paletó. E acrescentou, enquanto arrastava para fora do templo o homem vexado:
- Aqui entrou um lobo com pele de ovelha (BETTO, 2006, p. 149).

Este incidente mostra a importância da figura do arcebispo de Recife no cenário nacional do regime, de modo que a presença de um assessor direto dele não poderia ser ignorada onde quer que estivesse, e cada uma de suas palavras deveriam ser coletadas, uma a uma, para posteriormente ser garimpada, em busca do tesouro, provas contra o bispo vermelho, ou mesmo contra qualquer um dos seus protegidos.

Acreditavam também que Lamarca havia atravessado a fronteira das terras gaúchas, todavia, os órgãos de segurança do Sul não tinham provas nem para comprovar nem para desmentir as suspeitas. Sem as condições para apurarem os fatos, e para escusarem-se com o Serviço Nacional de Informações, limpando perante estes a própria imagem, procuravam gravar os sermões públicos de um suspeito monsenhor por suas ligações com Dom Helder, a saber, Padre Marcelo Carvalheira (BETTO, 2006, p. 149).

Alguns generais eram frequentadores assíduos da referida paróquia, e lá o padre Manuel, homem polidamente político, porém fiel aos amigos, sabia conviver muito bem com os militares que tinha como “ovelhas”. Em certa ocasião de um jantar com o ex-ministro da agricultura, o referido general atirou a seguinte farpa ao padre Manuel: “Quem é amigo de comunista, comunista é” (BETTO, 2006, p. 150).

Diante da iminência do perigo e da presente instalação da suspeita, mesmo sendo um afetuoso anfitrião, padre Manuel decide, junto com o Reitor do Seminário do Nordeste, Marcelo, vasculhar tudo o que tinha dentro do quarto separado para acolhê-lo. Folhearam livros, examinaram papéis, tudo para eliminar qualquer suspeita. Separaram os livros entre suspeitos ou não suspeitos. Dentre os títulos estava um livro de José Comblin⁶⁹, companheiro do padre Marcelo e assessor de Dom Helder, expulso do País em 1968, a mando de Gama e Silva⁷⁰, então ministro da justiça.

⁶⁹ J. Comblin nasceu em Bruxelas, na Bélgica, em 1923, foi ordenado sacerdote em 1947. Foi doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain. Trabalhou na América Latina desde 1958. Assessorou da JOC (Juventude Operária Católica) até o ano de 1962. A convite de Dom Hélder Câmara, foi professor do Instituto de Teologia do Recife. Lecionou em diversos institutos de teologia, dentro e fora do Brasil. Ainda em Campinas, lecionou ao frei Betto. Faleceu no dia 27 de março de 2011.

⁷⁰ Luiz Antônio da Gama e Silva, Nascido em Mojimirim, São Paulo, no dia 15 de março de 1913. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Advogado, redator político e professor de Direito Internacional Privado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (SP). Entre 1963 e 1966, foi reitor da USP. No dia 4 de abril de 1964 foi nomeado Ministro da Justiça e, cumulativamente, em 6 de abril, Ministro da Educação e Cultura. Deixou dois Ministérios no dia 15 de abril e voltou a assumir a reitoria da USP.

Estavam em poder do padre Marcelo mais de cem cartas do seu arcebispo, um verdadeiro tesouro para qualquer militar. Em baixo do altar principal, havia um alçapão, lá, sob o altar da eucaristia, foi o lugar mais seguro que encontraram para manter a salvo a coleção de correspondências (BETTO, 2006, p. 151).

Foi diante deste clima de suspense que apareceu Betto, um dominicano, estudante de teologia, que acuado pelos cercos dos militares, procurava abrigo e batera àquela porta, sem mais outra opção de esperança (BETTO, 2006, p. 149). Ele era procurado em todo país. Sua foto exibida no jornal nacional como sendo um terrorista de alta periculosidade. As forças de segurança o caçavam como cães famintos que farejam sua presa. Pe. Manuel e Pe. Marcelo prontamente lhe deram o abrigo que, naquele momento, lhe seria vital.

Esta caridade foi o que mais adiante culminaria na prisão de todos três. O risco era grande, as consequências eram sabidas, mas a decisão dos padres em acolhê-lo foi firme, clara e segura. No seu relato, Frei Betto faz questão de deixar isso bem claro:

Padre Marcelo pressentiu a solidão que me envolvia e disse a única coisa que eu precisava ouvir naquele momento:

- Olhe, Betto, eu estou com você até debaixo d'água. É mais fácil ser solidário às causas que às pessoas. Somos pela libertação, mas ter um revolucionário em casa é sempre um risco a desafiar nossa disposição de luta. Pregamos o Evangelho, mas praticar a caridade, arriscando nosso conforto por outrem, é uma experiência incômoda, da qual queremos nos ver livres o mais rápido possível; a pessoa física, concreta, fere o nosso egoísmo. Não custa encher as estantes de livros progressistas, entulhar a cabeça de ideias renovadoras, escancarar a boca com frases explosivas. Mas ter em casa uma pessoa procurada pela polícia é muito diferente. Sobre tudo, quando não nos cabe interrogá-la para ter certeza de que ela não fez nada daquilo que a acusam (BETTO, 2006, p. 153).

A paróquia já estava sendo visada demais, desde o incidente na missa dominical, seria uma autoacusação guardá-lo ali. Mesmo assim lhe deram comida e abrigo provisório de imediato. Tentaram, então, esconder o jovem no convento das irmãs de Jesus Crucificado, mas na sala de televisão quando todas as irmãs assistiam o telejornal, apareceu a foto de Betto, procurado por terrorismo e uma infinidade de crimes, apresentado em rede nacional como sujeito de alta periculosidade. Constrangido pela situação e diante do perigo de alguma irmã ceder à armadilha lançada na rede globo, o padre Marcelo conclui com o padre Manuel que ali não era mais um lugar seguro para o jovem.

No governo de 1967, Gama e Silva assumiu novamente o Ministério da Justiça, anunciando à nação, no dia 13 de dezembro de 1968, a edição do AI-5.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=945&id=13493&option=com_content&view=article>. Acesso em: 15 de junho de 2015, às 13h40.

Padre Marcelo sabia que o cerco apertava:

- Temos que fazer qualquer coisa, achar o cardeal, contanto que não entreguemos o Betto às feras – insistiu ele com o vigário. Foram para o telefone procurar Dom Scherer por todo Rio Grande do Sul (BETTO, 2006, p. 169).

Tentaram esconder o frei numa fazenda de um senhor fidalgo, com a desculpa de que alguns padres estariam em retiro e recolhimento na propriedade. Todavia, o filho do dono apareceu e reconheceu o Frei Betto, armando, sem o conhecimento dos padres, uma emboscada que culminou com a remoção de Betto da fazenda e posteriormente a sua prisão (BETTO, 2006, p. 164-172).

Sem saber de nada do ocorrido, o Padre Manuel sai para levar a Eucaristia a um doente, e percebe dois carros suspeitos parados em frente à Igreja. Seguiu adiante com sua obrigação ministerial. Por seu turno, padre Marcelo celebrou a missa das doze horas. Pela folga da cozinheira, decidiram almoçar fora, alegres pela notícia de localização do cardeal, porto seguro de todos nas horas de aperto. Ao saírem da Igreja, foram abordados por quatro policiais:

- Viemos em busca do Monsenhor Marcelo.
- pois não, sou eu mesmo – identificou-se ele.
- O senhor deve comparecer ao DOPS conosco.
- Às suas ordens.
- Antes, porém, queremos fazer uma vistoria na casa.
- À vontade – disse padre Manuel (BETTO, 2006, p. 177-178).

Para eles, Dom Helder havia enviado seu principal assessor para as guerrilhas no sul, ou ainda poderiam intuir que o padre Marcelo seria o mentor intelectual do sistema das fronteiras. Esta era a chance do governo do Rio Grande do Sul oferecer uma prova à Brasília da suposta ligação do arcebispo vermelho com o chefe do terror no Brasil.

Eles estavam certos de que Marcelo tinha sido enviado por Dom Helder Câmara para junto com Frei Betto, que já era muito procurado na época, organizar as guerrilhas. Na verdade, não tinha nada a ver, mas, na mentalidade que corria naquele tempo isso era evidente até (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista).

Foram encontradas algumas correspondências do padre Marcelo, entre elas, uma carta do cardeal Dom Eugênio e uma carta da Santa Sé, escrita *Sub Sigilo*, que sob protesto do monsenhor não foi aberta, para evitar um caso diplomático entre a Santa Sé e o Itamaraty. Mesmo fechada, a carta foi apreendida também.

No DOPS⁷¹, padre Marcelo foi encaminhado diretamente ao Major Attila, em sua sala. Pelo tom das perguntas a trama arquitetada foi se mostrando: o Monsenhor, ligado a Dom Helder, seria o dirigente político de um núcleo eclesialístico, do qual fazia parte o Pároco da Piedade, o Pe. Manuel. Betto seria, dentro de uma mente militar, o soldado sem expressão, pois ainda era estudante.

Depois de um longo interrogatório sem grandes descobertas, o oficial que se dizia obcecado por Beethoven dispara a assertiva: “Nesse Caso, vamos recorrer a métodos medievais” (BETTO, 2006, p.186). Alguns oficiais saíram ziguezagueando por varias salas levando consigo o prisioneiro. Pareciam procurar um lugar que fosse adequado para fazerem o que quer que desejavam fazer. Ao entrarem em uma determinada sala, havia uma mesa. Sobre ela um copo de leite e um sanduiche, frei Betto diz que parecia uma pintura expressionista (Cf. BETTO, 2006, p. 186).

Mesmo com a fome gritando na carne, Marcelo apenas belisca o canto do pão e rejeita o resto. Temia que o pão ou o leite estivessem acrescidos de alguma substância desconhecida por ele, droga, veneno ou algo do tipo. Era o delegado Firmino o mestre de cerimônia de todo este protocolo que se seguira. O tema principal era a ligação dele com Betto.

Repletos de indignação, os olhos fixos do sacerdote encaravam o interrogador. Nada mais perturbador para um policial que o olhar altivo de um prisioneiro. Parece-lhe excessivamente ousado que um homem despojado de qualquer poder, desarmado, privado de liberdade, possa olhá-lo de frente e calar-se. Uma reação instintiva, animalesca, exige que o inquisidor quebre o espelho que lhe exhibe a própria covardia (BETTO, 2006, p. 186).

Todavia, nem as intimidações do major, nem as bajulices do delegado conseguiam dobrar a firmeza de padre Marcelo Carvalheira. Enquanto isso, Padre Manuel passou todo o domingo na antessala do diretor do DOPS redigia pequenos bilhetes e os jogava pela janela. Na calçada os jornalistas transformariam aqueles pequeninos bilhetes em manchetes para o dia seguinte. A noite foi levado para uma Cela, a mesma de Pe. Marcelo.

Através de um pequeno orifício de madeira ele repassava o interrogatório para frei Betto. E “embora indignado com o que experimentara, senti-o tranquilo, seguro de que a Providencia Divina o assistia. Falava excitado, apenas preocupado” (BETTO, 2006, p.189) com a segurança do estudante dominicano. Temia que lhes aplicassem a tortura.

Logo, a família Carvalheira soube do ocorrido. Sua mãe, Dona Maria Thereza, juntamente com seus irmãos, Maria José e Guilherme, viajaram imediatamente ao Rio Grande

⁷¹ Departamento de Ordem Política e Social, subordinado aos governos estaduais.

do Sul para prestar o auxílio necessário. Lá se hospedaram na casa de umas simpáticas irmãs, que queriam muito bem ao Pe. Marcelo, porque lá ele celebrava todos os dias.

Não me recordo se Guilherme ficou hospedado na casa das irmãs, mas mamãe e eu sim. Era próximo da delegacia e assim, íamos todos os dias para visitá-lo. Mamãe ficava conversando com ele, enquanto eu arrumava a cela e ajeitava as coisas dele. Lá não era tão complicado como em São Paulo. As pessoas tratavam ele bem (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015).

Seu irmão Geraldo, que era oficial do exército, estava em Curitiba para disputar um campeonato de salto equestre e relata que ao saber ficou completamente desorientado, sem saber qual atitude tomar, ao passo que resolveu criar coragem e ir conversar com o chefe de sua delegação no campeonato.

A reação dele foi a seguinte:

-eu não quero nem saber o que esse seu irmão fez. Vá embora que eu me viro com os outros competidores que estão aqui (CARVALEHIRA, Geraldo. Entrevista, 2015).

No Recife, a reação foi também muito grande, as pessoas comentavam, a própria família, tradicional na cidade, se via numa situação difícil. Diariamente seu nome saía em jornais. Antes de conseguir embarcar para Porto Alegre, Dona Maria José conta que estava sempre aflita, em busca de informações.

Todos os dias, eu ia a uma banca de revistas que ficava no centro da cidade para comprar os jornais de circulação no sul do país, através deles nós sabíamos notícias mais detalhadas sobre a situação de Marcelo. Mamãe ficava ansiosa. Todos os dias saía alguma coisa (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015).

Durante o período em que esteve preso, o Pe. Marcelo procurou na vida mística a força para enfrentar os dolorosos dias de sofrimento, ele e seu companheiro sacerdote desejaram celebrar a missa enquanto estiveram no cárcere. A resposta ao pedido foi que de jeito nenhum entraria vinho na prisão. Nas celas vizinhas havia diversos outros religiosos e seminaristas. Sobre este singular relato, frei Betto, que viveu este momento, é quem aponta como tudo aconteceu:

Quarta-feira, 12 de novembro de 1969. Ao fim de longo interrogatório, padre Marcelo pediu ao delegado Firmino licença para celebrarmos a eucaristia na cela.

– De jeito nenhum, aqui não entra vinho.

Comentamos com os carcereiros, e um deles ponderou que o diretor do DOPS era homem supersticioso: via na missa um sortilégio que poderia ir contra ele. De noite, esse mesmo carcereiro passou-nos um embrulho. Pediu que tivéssemos o máximo cuidado com aquilo. Era o material necessário à

celebração eucarística, trazido com certeza de alguma Igreja, inclusive um pequeno vidro de remédio contendo vinho. Batizamos “Diácono” o carcereiro.

Padre Manuel recortou a cruz no papel de embrulho e, por cálice, usamos uma caneca. Enquanto “Diácono” vigiava a entrada do corredor de celas, subi no tabique que nos separava e, de cima, participei da celebração. Foi uma cerimônia simples e emocionante. Lembrou-nos as catacumbas dos primeiros cristãos. Rezamos pelos mortos nas mãos dos órgãos de segurança, evocamos os nossos mártires e confessores, reafirmamos o nosso compromisso com a luta pela justiça. Meditamos o evangelho das bem-aventuranças (BETTO, 2006, p. 207).

“Diácono” trouxe uma taça de cristal que usara no seu casamento para usarem como cálice. Foi infelizmente delatado por um companheiro e sofreu transferência para o prédio anexo, onde funcionava o DETRAN⁷². Ele ainda se dispôs a receber clandestinamente os recados e entregá-los aos remetentes, mas não aceitaram.

Dona Maria José Carvalheira conta que não foram poucos os que se afeiçoaram ao jeito contagiante daquele padre que não reclamava de nada para si, mas, agradecia gentilmente a todos. Logo ele tinha vários “anjos” na cadeia. Um que levava um objeto, outro que deixava passar os livros, outro que não revistava o que sua mãe e irmãos levavam à cela:

Ele chamava a todos de anjos, isso porque facilitavam as coisas pra ele lá dentro, de modo a ele não sentir tanto o peso da tortura que não era física, mas psicológica, de estar ali. Tinha um rapaz que levava romances pra ele, de modo que o tempo passava rápido entre as suas leituras (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista).

Na aridez da prisão e na dor da perseguição, Pe. Marcelo soube exalar o bom odor da ternura própria do Evangelho. O amor contagiava a todos. Ele sabia ser pastor mesmo longe do aprisco.

Marcelo foi transferido para São Paulo, junto com um grupo de prisioneiros religiosos, dentre eles, frei Betto. Foram levados de Porto Alegre em um avião da Força Aérea Brasileira. Aterrissou em Guarulhos e foram recebidos pelo esquadrão da morte (Cf. BETTO, 2006, p.333). Foram levados ao DEOPS⁷³. Lá tiraram fotos e preencheram fichas e documentos. Em seguida foram revistados. Padre Marcelo trazia consigo nos bolsos notas sobre a prisão, escritas em papel higiênico e parte do diário espiritual de frei Betto. Por sorte escapou da revista da carceragem.

Adão era o nome do carcereiro, revistava a todos e retirava-lhes cintos, relógios, tudo que achasse por bem retirar dos detentos. Contudo, lá em baixo, na carceragem, ser

⁷² Departamento de Trânsito.

⁷³ Departamento estadual de ordem política e social.

socialmente mais considerável tinha alguns privilégios. Foi por isso, que os escritos da prisão não foram descobertos no bolso do padre Marcelo: evitou por as mãos no bolso do Padre. Apenas perguntou se tinha algo a deixar na carceragem.

Já na solitária, Marcelo, Betto e um seminarista jesuíta, apressaram-se em queimar todos os escritos, pedindo que lhes acendessem um cigarro. Foram para detrás do lençol que tapava a privada e incineraram os escritos, já que uma pagina dele havia sido encontrada dentro do tubo de creme dental da bolsa de Betto.

Quatro dias depois da chegada, apenas observando os companheiros das celas que vinham por vezes desacordados, por vezes com os pés em carne viva por causa das torturas (BETTO, 2006, p.338). Aquilo aumentava ainda mais o terror de quem apenas observava. Pe. Marcelo foi convocado para receber a visita de alguns bispos e cardeais, conforme narra o frei Betto: Esperavam-nos os cardeais Vicente Scherer, Agnelo Rossi, Avelar Brandão, presidente do CELAM, e os bispos Eugênio Sales e José Maria Pires” (BETTO, 2006, p. 338).

Falou reservadamente com eles, contou-lhes tudo o que acontecia ali. Falou-lhes dos “Cristos anônimos”, homens que eram torturados e depois largados sem nenhuma assistência médica. Dom Avelar não resistiu e chorou. “Não sou anônimo [...], mas há muitos anônimos aqui sofrendo torturas. Falem em nome deles[...] é preciso quebrar a barreira do silêncio em torno dos crimes do governo militar” (BETTO, 2006, p. 340).

Padre Marcelo de todos os presos era o que tinha maior patente: era monsenhor. Um homem que recebia no cárcere visita de cardeais, o que demonstrava para os militares ser alguém muito bem aceito pelas altas grandezas na Igreja. Isso causava certo temor por parte dos militares. Entretanto, um sentimento não deixava de existir: do grupo de detentos, ele era o maior em hierarquia e, segundo a cabeça militar, isso só podia ser para ele como o cabeça do grupo todo. Mas diante de tudo se mantinha como um homem de impávida fé e de uma visão mística surpreendente dos acontecimentos surpreendente. Em uma crônica presente no livro *Batismo de sangue*, o autor destaca estes atributos na pessoa do monsenhor Marcelo:

Padre Marcelo abrigava, em sua fé, uma vocação mística inquieta. No cárcere, aquele que em 1999 era arcebispo de João Pessoa, contemplou o mistério da vida de um militante comunista: Jeová de Assis Gomes. Gravou-se em minha memória este dialogo entre os dois, através das grades das solitárias:

-Jeová, você foi torturado horas seguidas. Desmaiou varias vezes. Fizeram com você o que fizeram com Cristo. Quebraram seus braços e pernas. Você podia ter morrido. Não passou por sua cabeça que a morte seria o encontro com o Absoluto, com Alguém? Você se sente realizado? E se tivesse morrido?

- Padre, agora me sinto feliz porque conheço o gosto da morte. Sei, por experiência, que sou capaz de dar a minha vida pela causa revolucionária. Minha vida entregue aos oprimidos.

- Quem ama passa da morte para a vida. Numa leitura cristã, de fé, quem faz a experiência do dom total, do amor, está salvo e se encontra com Deus. A Bíblia não diz que serão salvos os que têm fé e celebram o culto, mas sim os que são capazes de amar. Para estar aqui neste calabouço, eu arrisquei muito pouca coisa. Mas você arriscou sua juventude, a carreira universitária, a formação de uma família e a própria vida, por amor. Você faz a experiência do dom total. Isso numa leitura cristã, vale mais que proclamar a fé.

Jeová retrucou enfático:

- Como o senhor arriscou pouco?! O senhor é monsenhor!

-sou merda e você é Cristo. O capítulo 25 do evangelho de São Mateus mostra claramente os critérios de salvação: são as respostas eficazes que damos às necessidades [...] do próximo. Jesus se identifica com quem tem fome, sede, vive no abandono ou aprisionado. O que fazemos ao oprimido para liberta-lo é ao próprio Cristo que o fazemos. Portanto, Jeová, o que você faz pela humanidade, pelo amor dos homens, é por Ele que você faz (BETTO, 2006, p. 340-341).

Esse forte texto, relatado pelo frei Betto, faz uma leitura muito profunda de quem foi o Pe. Marcelo, de sua visão mística e de sua sensibilidade cristã. O Pe. Marcelo Carvalheira não era um apologeta, não vivia de proselitismo religioso, ele vivia imerso no Sagrado. Conhecia aquilo que acreditava. O seu diálogo aponta para alguém que tinha uma percepção da história cristã muito além do que simplesmente eventual. Ele sabia que os mistérios da vida de Jesus se atualizavam cada vez e que eram sentidos novamente na carne humana. Diante da dor de Jeová, ele se sente pequeno, como se sentia diante da dor do Cristo e relembra aquilo que afirmara o Apóstolo Paulo no capítulo 3 da carta aos filipenses: “Considero tudo como esterco, diante do bem supremo que é Cristo, o meu Senhor” (Fl 3,8).

Posteriormente, padre Marcelo e este jovem chamado Jeová tomaram grande estima um pelo outro.

Em um episódio marcante dos dias em que esteve preso, o monsenhor celebrou uma missa dentro dos porões do DEOPS. Os padres e os religiosos puderam se colocar do lado de fora das grades. Uma mesa improvisada serviu de altar. Um prato de papelão serviu de patena⁷⁴ e uma caneca de alumínio, de cálice (BETTO, 2006, p. 346). Foi uma celebração singular: as portas guardadas por homens armados até os dentes; os participantes participaram da celebração por detrás das grades, sendo em sua predominância presos comunistas. A palavra foi anunciada e comentada, o sermão das bem-aventuranças.

Mostrou, em seu comentário, como Jesus ressaltava a importância da prática libertadora. O bem-aventurado é sempre oprimido que aspira a libertação.

⁷⁴ Patena é o prato no qual se coloca a hóstia para celebração da Eucaristia (missa).

Sua esperança nasce da fé capaz de apreender a dialética cruz-ressurreição. Só entregando a própria vida podemos de fato encontrá-la (BETTO, 2006, p. 349).

O celebrante pediu que cada um manifestasse suas intenções para a santa missa. Como se não mais se importassem com os guardas, cada um tinha muito a dizer e pedir. Os amigos, parentes, companheiros, cada um era lembrado e se iniciou uma grande ladainha de súplicas e manifestações livres, intercaladas sempre pela resposta “Senhor, ouvi as nossas preces”.

Frei Betto relata ainda um fato marcante do místico Pe. Marcelo: Durante a comunhão, o prato de papelão passou pelas grades das celas, junto ao cálice-caneca. Alguns presos comungaram, outros não. Quando o prato voltou à mesa, um jovem ao lado, que se encontrava também fora das grades, por causa de sua situação de saúde, pede a Eucaristia (BETTO, 2006, p.349). Era o Jeová, o jovem comungou e caiu em lágrimas. Algo de tudo aquilo que o padre Marcelo e ele havia conversado tinha ficado na cabeça dele. A mística do Pe. Marcelo era contagiante, transmitiu algo muito profundo de Deus àquele rapaz. As palavras que trocaram em suas breves falas tinham sido fortes o suficiente para fazerem um eco dentro do jovem rapaz, como que uma semente que lançada, espalha aos poucos as ruas raízes e deseje luz e água. As palavras do monsenhor pareciam ter fecundado o coração comunista com as sementes do evangelho.

Padre Marcelo ainda foi interrogado, acusado de algumas informações que nunca se confirmaram e que tempos depois lhes foram absolvidas por faltas de provas⁷⁵. Foi solto na segunda feira, 30 de dezembro de 1969 às cinco horas da tarde, após 51 dias de cárcere.

⁷⁵ Marcelo Carvalheira foi absolvido em 14 de setembro de 1971 por absoluta falta de provas, em sentença unânime da justiça militar.

3. A MÍSTICA COMO PRÁXIS CRISTÃ NA EXISTÊNCIA DE DOM MARCELO CARVALHEIRA

3.1 A experiência espiritual do ser humano e a vida mística de Pe. Marcelo

A mística enquanto fenômeno universal compreende uma imensa gama de fatores que lhe dão sentido. A experiência mística, em seus desdobramentos, faz com que o sujeito mergulhe no absoluto, revelando suas opções preferenciais e aprofundando-as.

A vida de Dom Marcelo Carvalho foi uma expressão profunda dessa experiência humana que desemboca em todas as dimensões da vida. As atitudes e opções tomadas no amadurecimento da sua existência foram revelando essa seriedade com que ele assumia a intimidade com Deus. É notório, por exemplo, uma procura constante da revisão dos seus propósitos para que jamais se desviasse do caminho espiritual.

Na tradição cristã, dois conceitos muito fortes ao se tratar do tema da mística são meditação e contemplação facilmente confundidos em linguagem popular, mas distintos em seu sentido primeiro e na sensibilidade daqueles que percorrem um itinerário espiritual.

A mística cristã compreende a meditação como um movimento de busca e de enriquecimento. No caminho espiritual, a meditação é fundamental para que o sujeito adquira bases para a sua construção pessoal. O olhar profundo sobre aqueles que já percorreram tal caminho é sempre um norte. Isso aliado à procura constante das Sagradas Escrituras e no seguimento de Jesus.

Já a contemplação está muito mais na ordem da recepção. Da abertura à ação de Deus. O ser que contempla se permite a ação de Deus. Trata-se de uma postura muito mais passiva. Na ordem da contemplação, por exemplo, encontram-se os raros fenômenos de êxtases, relatados por alguns dos maiores místicos da história cristã.

Meditation chama a atenção para a dimensão de esforço do próprio ser humano que se coloca na atitude de disponibilidade. [...] A expressão *contemplation*, por sua vez, traduz mais um movimento de gratuidade em que a pessoa mais recebe do que esforça. [...] A meditação pode ter um papel mais no sentido de preparar o caminho para a ação de Deus, para que a iluminação interior ocorra e a experiência da contemplação amorosa de Deus se dê em sua plenitude (PEREIRA, 2014, p. 47-51).

Assim, torna-se clara a compreensão de que o místico medita a fim de autoprovocar em si uma abertura ao transcendente que age na contemplação mais profunda. Contemplando, o espírito se faz completamente aberto não para construir, mas para ser construído.

Essa realidade foi muito presente para o Pe. Marcelo que, perseguiu durante toda a sua vida, os ideais da vida monástica, sobretudo beneditina, como forma de viver essa dupla dimensão da vida mística. Entre suas leituras prediletas sempre estiveram aquelas referentes aos padres do Deserto⁷⁶ e à vida dos Santos, de modo particular, São José. Mas, essa dimensão meditativa tinha um objetivo muito claro, levá-lo ao “silêncio”⁷⁷. Esse silêncio na vida monástica é exatamente abertura à contemplação. Os monges rezam durante algumas horas em comum. Mas, a maior parte da oração beneditina deve ser silenciosa, pessoal. Na perspectiva de uma abertura à “voz de Deus”.

Os relatos a respeito de Dom Marcelo desde a primeira infância até o momento presente, em que vive a cela beneditina⁷⁸ como opção, há 10 anos, são sempre coincidentes quando tocam o tema do recolhimento, do silêncio.

Sua irmã, Maria José Carvalheira relata sobre sua infância e adolescência:

Quando estava em casa, nas férias, durante alguns momentos do dia, ele se isolava com alguns livros para rezar. Passava um bom tempo e não gostava de que ninguém lhe incomodasse. A gente não sabia bem o que ele estava rezando, mas ele passava um bom tempo em silêncio (CARVALHEIRA, Maria José. Entrevista, 2015)

Já o professor Zeferino Rocha, em entrevista, fez a mesma observação em relação ao período de seminário em Roma:

Em Roma, nossa amizade se estreitou muito e eu pude então perceber com muita clareza aquilo que já havia notado muito superficialmente no seminário menor de Olinda. O seu apreço pela oração, pela meditação, pela leitura de obras da espiritualidade. A sua seriedade na vida de oração (ROCHA, Zeferino. Entrevista, 2015).

Observação não diferente foi a feita em entrevista pelo Pe. José Augusto Esteves que foi aluno e formando do Pe. Marcelo Carvalheira:

Ele sempre estava em contato constante com o Mosteiro. Ia sempre lá, tinha grandes amigos monges. E, mesmo estando no seminário ou com os jovens da ação católica, deixava muito claro esse seu lado mais silencioso, profundo. Até enquanto celebrava missa, por muitas vezes fazia momentos de profundo silêncio e gestos (nesse momento o padre fez um gesto abrindo

⁷⁶ Expressão usada pela Tradição católica para intitular homens dos primeiros séculos do cristianismo que viveram uma experiência de retirada dos grandes centros sociais para viverem em realidades de solidão, em meio às cavernas do deserto e, de lá, tiveram uma formidável produção para o cristianismo nascente.

⁷⁷ Expressão muito querida na vida beneditina e muito adotada por Pe. Marcelo Carvalheira.

⁷⁸ Desde o ano de 2004, quando se tornou Bispo Emérito, ou seja, quando teve fim o exercício de seu ministério como responsável titular por uma diocese, Dom Marcelo Carvalheira vive recolhido no Mosteiro de São Bento em Olinda.

os braços e olhando para o alto) que falavam-nos muito sobre sua espiritualidade (ESTEVEES, José Augusto Rodrigues. Entrevista, 2014).

É notório, assim, que essa compreensão de meditação e contemplação não eram meros conceitos teológicos para o Pe. Marcelo, mas expressões interiores e itinerário de vida. A meditação de um rito, gesto ou texto da liturgia, fazia-o parar em um silêncio profundo onde a meditação se abria à contemplação, onde já não havia mais necessidade de suas palavras, mas de seu calar a fim de lhe possibilitar um escuta das moções interiores.

Thomas Merton⁷⁹, que, além de contemporâneo do Pe. Marcelo Carvalheira, foi um dos autores mais lidos no universo eclesiástico entre as décadas de 1960 e 1980, aborda com muita propriedade o tema da contemplação monástica, trabalhando algumas características que foram decisivas para o caminho místico do Pe. Marcelo. Uma delas é o sentido de pertença que o sujeito místico tem em relação do mundo, mesmo se isolando aparentemente dele.

Em uma de suas obras clássicas: *A vida silenciosa* de 1957, Thomas Merton escreve:

O monge permanece no mundo que abandonou e, é, nele, uma força poderosa. [...] O monastério nunca poderá ser, simplesmente, o refúgio duma arquitetura de falso estilo gótico, de cultura clássica e piedade convencional. [...] o monge tem de permanecer real, e só o poderá ser mantendo-se em contato com a realidade (MERTON, 2011, p. 159-161).

Embora, Dom Marcelo só tenha morado definitivamente no mosteiro aos setenta e seis anos, a sua opção pela base monástica se manifestou muito cedo e foi motivo de uma constante presença em sua vida. Sendo ele, irmão oblato beneditino⁸⁰, adotando inclusive o nome de Irmão José - fazendo referência ao Santo de sua predileção - percorreu esse ideal constantemente. Sem poder se desligar de seus trabalhos pastorais, fez da sua afinidade com o estilo monástico um refúgio constante. Inclusive, no período em que morou em Guarabira, tendo em vista a distância física de Olinda, por um tempo viveu em uma espécie de eremitério um pouco retirado da cidade.

A característica do monge acima apontada por Merton aconteceu claramente na vida de Dom Marcelo: uma opção, não obrigação. A profundidade da experiência de Deus lhe dava

⁷⁹ Grande escritor sobre a vida Mística na segunda parte do século XX. Foi monge trapista (um estilo de vida para religiosos católicos) durante vinte e sete anos e viveu uma experiência inovadora dentro do estilo de vida trapista que foi o eremitério (um vida em total isolamento sem contato constante com outros irmãos de opção religiosa. Viveu ente 1915 e 1968 e foi um dos maiores pensadores sobre vida cristã em seu tempo, escrevendo cerca de 70 obras. Biografia completa disponível em: <<http://merton.org.br/old/>>. Acesso em 29/06/15, às 16h15.

⁸⁰ Os Irmãos Oblatos compõem uma classe de consagrados, que, embora não vivendo a reclusão do mosteiro, consagram a sua vida secular ao estilo monástico. Seguindo os conselhos da ordem contemplativa.

um crescimento profundo acerca da realidade que o circundava. A espiritualidade o desnudava diante do Sagrado e o fazia mais sensível à nudez social que lhe envolvia.

Os beneditinos se celebrizam por seu humanismo, e ninguém ignora que os monges preservaram as tradições culturais da Antiguidade. Os monges serão sempre parte integrante de qualquer sociedade que favoreça a verdadeira liberdade, pois os próprios mosteiros são centros de liberdade espiritual e transcendente (MERTON, 2011, p. 162).

Esse sempre foi um conceito muito claro na mente de Pe. Marcelo: ser no mundo uma presença radical do Evangelho que o alimentava. Ser uma presença extremamente humana, capaz de tocar a realidade cotidiana com uma percepção transformadora. Ser alguém sempre “abastecido” de vida espiritual para poder corresponder a tantos “gritos” de cativos sociais que, embora não reclusos, eram por assim dizer desconhecedores da verdadeira liberdade.

Distante do antigo entendimento de fuga do mundo, Dom Marcelo entendeu que somente completamente inserido nas dores humanas seria capaz de realizar-se em Deus. Fez de sua espiritualidade um movimento de duas vias: ao passo que, na mística, encontrava o sentido para a sua luta, era a mesma luta que dava sentido à sua vida espiritual e devota.

A imagem de São José, por exemplo, era uma constante em sua vida. Mas não era uma imagem desencarnada, distante na história e nas circunstâncias físicas. Era uma imagem que encontrava seu sentido nas famílias por ele acompanhadas, nos operários, nas dores e sofrimentos diários do povo de Deus simples e humilde.

Em sua última obra, sobre São José, Dom Marcelo deixa muito clara essa intuição:

Antes de tudo, convém notar que em todos os acontecimentos do Evangelho não se descobre uma só palavra de São José. Ele apenas escuta e cumpre o que lhe é pedido. Nunca fez uso do milagre ou do excepcional. José foi *vir humilis et obediens* (homem humilde e obediente) e não um fraco, incompetente e tolo. Entrou na história concreta dos homens como Jesus na sua Kénosis⁸¹...[...] É impressionante como São José, aceitando a trajetória da história, em que viveu por obediência, viveu a Kénosis do seu Filho (CARVALHEIRA, 2008, p. 38).

Ser devoto não significa, na visão espiritual de Dom Marcelo, simplesmente acreditar nos fatos extraordinários que o santo possa ter operado. É muito mais que isso: é aplicar as suas virtudes na ordinariade da vida e encarnar suas ações a fim de se viver em condição

⁸¹ Termo grego que foi apropriado pela teologia cristã para falar do esvaziamento de Jesus Cristo ao abandonar a sua glória divina para assumir a condição humana com todos as renúncias que essa opção lhe exigia.

mais virtuosa. A espiritualidade não pode ser uma forma de esconder-se do mundo no abstrato das ideias, mas sim de imergir nas dores e alegrias mais próprias da condição humana.

Além do sentido mais social do tema da humanização, ao se falar dos desdobramentos da mística contemplativa é importante ressaltar que não trata simplesmente da assistência imediata, da crítica profética ou da indignação diante dos grandes desafios. Para além de todas as buscas, está também o grande esforço do místico para que a mensagem se faça escutada pelos diversos segmentos sociais. Ao passo que o místico se torna uma referência por sua seriedade de vida, ele não esmorece em buscar incansavelmente que o seu projeto de verdade toque a outras pessoas.

Um dado característico daqueles que vivem o processo de contemplação é a presença de um doloroso processo de descobertas. Descobertas de Deus, de si ou descobertas do universo circundante. O místico, ao se abrir à contemplação, se expõe a descobertas que se revelam das realidades mais aparentes às dores mais profundas do eu. O místico tende a fazer experiências muito profundas tanto ao contemplar a beleza do natural que está há tanto tempo diante dele, como ao tomar consciência de si e de sua história.

Quando nos debruçamos sobre relatos místicos de distintas tradições, três tópicos sobressaem. Primeiramente é sugerido um processo de transformação que vai desde um estado de ligação às coisas do mundo a um estado de liberação dessas ligações. Num segundo momento, já suficientemente libertos dessas ligações, tem lugar um processo de descobertas de algo sobre o próprio si-mesmo – algo sendo revelado dentro de nós, um contato direto com Deus, seja ou não consciente. Finalmente, há a constatação de que esse contato espiritual com o infinito não é resultado de um processo de aprendizagem através de livros ou de exercícios da razão, mas é uma possibilidade inata, realizada através de um processo de transformação, de esquecer aquilo que a oculta. Nesses processos, os místicos preconizam a auto-imolação de seus próprios sistemas conceituais. Como resultado desse processo de descobrir e revelar algo inato e interno, os místicos afirmam que o que está dentro de nós, o que é encontrado nesses momentos silenciosos é a própria *qualidade de estar cômico ou a consciência* (SCHWARTZ apud, TEIXEIRA, 2004, p. 427-428).

Em cartas escritas a Dom Hélder Câmara⁸², datadas de 19 de outubro e de 11 de novembro de 1965, quando Dom Helder se encontrava em Roma por ocasião do Concílio Vaticano II, o Pe. Marcelo, ao pedir sua saída da reitoria do Seminário Regional do Nordeste II exprime um pouco dessa inquietude dolorosa na descoberta de si e na busca de formas de vida que mais correspondessem com suas aspirações naquele momento.

⁸² Dom Hélder Pessoa Câmara foi Arcebispo de Olinda e Recife, grande amigo e mentor espiritual de Dom Marcelo Carvalheira. Não foram poucos os hábitos e formas de ação expressos por Dom Marcelo que foram notadamente adquiridos de Dom Hélder, demonstrando tamanha importância desse pastor em sua vida.

Mesmo consciente do sucesso de seu trabalho à frente da reitoria do seminário, o Pe. Marcelo se queixa da incapacidade de levar o trabalho adiante, visto a exigência de tal ofício e suas inconstâncias em relação ao que fazer dali em diante. Uma coisa é certa, a sua opinião não devia ser a mais importante, por isso, coloca-se nas mãos do Arcebispo, a fim de que a vontade de Deus se revelasse e não a sua. Em uma atitude de abandono de si, diante dos dramas que o acompanhavam, o discernimento partiria do bispo, e a decisão seria, para ele, verdade revelada.

Por anos, o Pe. Marcelo perseguiu o ideal da vida religiosa, procurando o silêncio dos mosteiros como forma de mergulho profundo na intimidade com Deus. Nesse processo de discernimento muitas foram as dúvidas, até mesmo sobre quais seriam as suas aptidões para servir ao Reino. Tivemos acesso a uma correspondência, datada em 20 de novembro de 1965, em que o Pe. Marcelo se dirige ao Frei Alexandre Lustosa, então provincial da ordem de São Domingos, pedindo o urgente ingresso naquela ordem para uma nova experiência de vida eclesial.

O caminho espiritual não obedece a receitas previamente estabelecidas, ele se revela nas tensões do processo de amadurecimento, onde no silêncio, se escutam os vários apelos e vozes.

Essa instabilidade gerada diante dos questionamentos e dores do itinerário espiritual faz com que sujeito gere uma sensibilidade muito aguçada. Capaz de uma percepção muito mais clara do universo que o rodeia. Sobretudo daqueles que estão imersos nos dramas existenciais da sociedade.

Thomas Merton chama, como muita propriedade, para o universo cristão, esse fenômeno de experiência da misericórdia, um conceito simples que pode ser entendido até mesmo a partir de sua etimologia.

A palavra misericórdia nasce de dois radicais latinos: *miseratio e cordis*. O primeiro radical aponta para o compadecimento humano. A tradução primeira seria miséria, e assim, usualmente se diz daqueles que são dignos de compadecer-se: miseráveis. Já o segundo radical traduz-se por um substantivo concreto: coração.

Assim, ser misericordioso é fazer uma experiência de colocar o coração ao lado dos que estão na miséria, no sofrimento, à margem da felicidade.

Diante das dores e interrogações, o místico é o primeiro a fazer uma profunda experiência de misericórdia. Na contemplação ele se deixa tomar pelo amor. O abandono radical de si permite que a ação externa, misericordiosa, seja sentida com muito mais propriedade.

O homem encontra-se em trânsito, em *pascha*, ou passagem da aceitação habitual e rotineira para a afirmação espiritual e livre de si mesmo como um ser alicerçado na misericórdia e, portanto, dotado de sentido integral. Esse sentido integral, contudo, tira o indivíduo para fora de si mesmo como um elemento engajado numa luta fútil para se dotar de significância e mergulha-o na significância com a qual o amor e a misericórdia saturaram e iluminaram o ser coletivo do homem através da Ressurreição de Cristo (MERTON, 2004, p. 218).

A misericórdia de Deus, na linguagem de Merton, é capaz de expor o homem a si mesmo e confrontá-lo com a verdade em seu sentido objetivo, para ser capaz de uma reconciliação e, ainda mais, de um resgate e promoção. A misericórdia torna-se uma experiência comunicante, porque à medida que o ser se sente abraçado por ela tem a necessidade de exercê-la na vida daqueles que estão ao seu redor.

Esse estado de vida que Merton aponta como sendo a misericórdia divina foi algo muito sentido na vida e ministério do Pe. Marcelo Carvalheira, desde a primeira infância. Um estado que se sentia, sobretudo, na paciência pelo tempo do outro e numa capacidade grande de perdoar.

Quando exercia o seu ministério junto aos seminaristas, os relatos apontam uma grande abertura para que os formandos se sentissem tão amados a ponto fazerem a mesma experiência de liberdade de Jesus. Somente com uma formação aberta e consciente o seminarista poderia se sentir acolhido o suficiente para comunicar o amor no seu exercício ministerial.

Aos poucos foi se criando no seminário um clima tão favorável que o reitor não era mais visto como uma autoridade inacessível, mas como alguém compreensivo e amoroso, aberto às diversas realidades, podendo ser elas ocasionadas pelas virtudes ou pelos erros.

3.2 A solidariedade do místico com o mundo

A melhor inspiração da solidariedade do místico cristão no mundo é a Santíssima Trindade. Deus mesmo é o primeiro solidário do ser humano desprezado. O místico é apenas seu imitador. Na visão cristã, quem mais se compadeceu do homem senão Jesus? Só quando reconhece em Deus as qualidades de um ser misericordioso é que o cristão se vê exigido a fazer o mesmo. O mesmo Jesus já convidava e convocava todos os homens a serem misericordiosos como o Pai dos céus é misericordioso. Como afirma Boff:

A sociedade que pode surgir, na inspiração do modelo trinitário, deve ser fraterna, igualitária, rica pelo espaço de expressão que concede às diferenças pessoais e grupais. Só uma sociedade de irmãos e irmãs, cujo tecido social seja urdido de participação e de comunhão de todos em tudo é que pode reivindicar ser pálida imagem e semelhança da Trindade, o fundamento e o aconchego do universo (BOFF, 2014, p. 46).

E a misericórdia nasce onde há misérias causadas e sofridas. O místico é aquele que avisa ao mundo profeticamente que o sofrimento existe com ou sem Deus, só que quem sofre sem Deus sofre sozinho, quem sofre com Deus tem esperança. E quem não sofre o sofrimento alheio é porque pensa que tem tudo, não acha que precisa de Deus. Tudo consegue “com jeitinho”, com “trabalho”, deseja comprar toda a felicidade com dinheiro, vive de oportunismos e de galgar degraus sociais usando seus semelhantes como escabelo para os pés.

O fiel bíblico viu em Jó essa mesma solidariedade universal: todos os homens sofrem. No sofrimento somos irmãos. Deus nunca é aquele que fecha os olhos às penúrias de seus filhos. Ele mesmo torna-se ovelha enviada ao matadouro para preservar as nossas vidas, para nos dar forças, para nos dar eternidade. O seu Filho é o Servo Sofredor, o Novo Jó que confiou em Deus na maior dor, a dor de perder tudo, na solidão da morte desoladora. Mas o que parecia abandono revelou-se pleno amor: Deus mesmo assumiu nossa dor e a redimiu para que os homens não sofram em vão.

A espiritualidade do deserto é a escolha de muitos, como Dom Marcelo, que fazem a experiência de “retirar-se” como fez Jesus depois de receber o Batismo. Essa ação fez com que o gosto de nulidade e as consequências do desamparo fossem experimentados na carne, em primeira pessoa, para testar os próprios limites; deste modo impor-se a situações extremas por própria vontade, não porque foi forçado. Esta é a verdadeira liberdade, aquela que faz entender o que ninguém mais pode explicar, se não se expuser à verdade mais cruel: todos somos maus e fracos, cada um segure-se no mastro mais forte que é Deus para não sucumbir por inteiro ao mal que nos ilha. Não porque Deus tenha-nos feito maus, mas porque nossas escolhas vão decidindo isto por nós.

Duas características trinitárias são inspiradoras à sociedade: comunhão e participação. Deus não seria bom se não partilhasse de sua bondade. Há bondade em todo o plano que Deus traça. Aceitar o plano, estragar o plano é de responsabilidade humana.

A vida do Pe. Marcelo, influenciada e muito pelos movimentos eclesiais que surgiam em seu tempo, expressa esse esforço de comunhão e participação. Comunhão nas diversas realidades que o circundavam. Em seu olhar sobre o mundo, a comunhão era vista com um olhar muito profundo sobre a realidade dos desfavorecidos, dos excluídos. Fazer comunhão

com a humanidade era partilhar de suas dores, participar de seus sofrimentos com o olhar compassivo.

A maneira como os indivíduos criam imagens de Deus que não se coadunam com a verdade de Deus geram consequências nefastas na sua própria vida e na vida da comunidade. Essas imagens geradas são fruto de uma falsa espiritualidade, de uma vida espiritual rasa que não adentra nos mistérios e até quer abarcar todo o mistério, ousando dar respostas prontas para tudo, levemente. Agem de forma tão pretenciosa que nem mesmo o Verdadeiro Filho de Deus ousou agir.

A imagem de Deus que a Bíblia inaugura na história humana é a de que Deus é um só, não existe multiplicidade de deuses. Mas a ideia de um só Deus muito foi confundida com a ideia de um Deus só, sozinho, solitário. Isto não é verdade. E só definitivamente se manifestou esta verdade com a primeira vinda de Jesus. O Filho revela o Pai e o Espírito revela o Pai e o Verbo. Deus não é o eterno solitário; vive em comunidade de amor entre três pessoas, igualmente distintas e distintas igualmente.

As formas diversas de enxergar Deus, trinitariamente ou monoteísticamente, podem justificar atuações que nada condizem com o espírito de bondade, justiça e solidariedade divina. A história mostrou que reis e líderes religiosos se valeram do raciocínio da existência de um só Deus para implantar um único reinado, um único território, um único rei, um único rebanho cujo pastor primeiro nem de longe era o Deus Libertador dos escravos. Como afirma Boff:

O monoteísmo estrito pode justificar o totalitarismo e a concentração do poder numa única pessoa, seja política seja religiosa. Aqui se verifica uma curiosidade dialética: concepções autoritárias podem ocasionar a compreensão de um monoteísmo rígido, bem como a visão teológica do monoteísmo a-trinitário pode servir de justificação ideológica de um poder concentrado numa única pessoa, como o príncipe, o monarca e o líder religioso (BOFF, 2014, p. 41).

O perigo de tal concepção é um indivíduo com plenos poderes terrenos se autoproclamar Deus dos homens. Já “os ditadores e tiranos não podem tirar do Deus Trindade argumentos que legitimem sua prepotência absolutistas”, diz Boff.

Diz ainda Boff que a monarquia durante muito tempo foi justificada sobre este pretexto. O mesmo aconteceu com a Democracia. Ela foi vista a partir da vitória da Revolução Francesa como aquela forma de governo mais trinitária da sociedade em vista da unicidade representada pela presidência e o trino poder exercido pelo legislativo, judicial e executivo.

O seguimento a Jesus não aconteceu por causa de uma doutrina nova que ele impusesse, mas de uma prática nova (“não vim abolir, a lei, mas torná-la plena”). A práxis de Jesus era o seu diferencial (“agia com autoridade, não como os escribas e fariseus”). Quem convivesse com ele e imitasse suas ações estaria inaugurando um novo jeito de viver a religião. Até mesmo hoje isso pode acontecer, pois as doutrinas podem dividir os homens, mas a prática de Jesus pode unir os indivíduos e os povos. O conteúdo de suas ações são humanas por antonomásia; não podem ser rechaçadas como impraticáveis; apesar de difíceis, não prejudicam ninguém, só fazem bem.

Transcendência, imanência e transparência são características divinas trinitárias que são modelo para a Igreja, para o místico e para a sociedade. A transcendência é dimensão do Pai, a imanência é do Filho, a transparência é do Espírito. Respectivamente: verticalidade, horizontalidade e interioridade. A comunhão indissolúvel que integra cada pessoa dentro de uma e de outra provoca e instiga a humanidade inteira, pois abarca e respeita todas as diferenças.

Como é claro perceber, na vida de Dom Marcelo Carvalheira, verticalidade, horizontalidade e interioridade são conceitos assumidos cotidianamente. Uma profunda ligação com o Absoluto, uma constante preocupação com os irmãos, um mergulho profundo em si.

O confronto consigo, com sua humanidade, o fazia muito mais sensível aos dramas humanos, muito mais preocupado com a promoção do outro e ao mesmo tempo muito necessitado no Sagrado que preenchia todos os limites de sua humanidade.

A humanidade é uma pluralidade composta de dualidade (homem-mulher) e de singularidade (sujeito e sujeitos) com seres muito diversos entre si (sujeito e sujeitos), mas que serão sempre convidados a título de necessidade urgente a se comungarem ao molde do mistério simbólico da Trindade Divina. Para isso é necessário começar, dar o primeiro passo (transcendência do Pai, origem de tudo e de todos), depois estar com quem sofre, participar de suas buscas, compreender as suas razões (imanência do Filho, irmanando todos os homens) para assim respeitar as diferenças, reconhecer suas misérias, partilhar dos dons recebidos por Deus, construir o Reino dos Céus já aqui com um novo coração e uma nova alma e inspirados, impulsionados pelo mesmo Espírito do Pai, o mesmo Espírito de Jesus (transparência e transfiguração).

As missões das Pessoas da Trindade e a missão do místico se aproximam. A economia da salvação é o modelo de ação para nortear a vida do crente contra o reinado do

individualismo, do poder que subjuga os que estão na base social. Como afirma Boff, com o Pai, o místico-profeta aprende a ser:

[...] padrinho e defensor dos pequeninos, daqueles que se encontram totalmente desamparados, como os órfãos, as viúvas, os estrangeiros e os despojados de todos os direitos [...] faz sua a causa destes últimos da terra... O Pai se faz mais presente naqueles cuja filiação é mais negada e atropelada. Somente pessoas libertadas das opressões podem significar a paternidade e fraternidade universal (BOFF, 2014, p. 271-272).

Deus Pai não é como os homens. Muitos homens são pais na ordem biológica mas não na ordem do amor. Deus pai, além de gerar o Filho e criar os homens, é pai porque ama, e é do amor que provém todas as suas ações em relação a humanidade. Deus não é Pai só de nome, ou porque essa nomenclatura está numa lei, num registro.

O Pai escuta o grito de seus filhos humilhados. Intervindo na história para de servos reconduzi-los à liberdade de filhos, o Pai manifesta sua criatividade. É o Deus da libertação, *goel*, vingador dos injustamente empobrecidos. Este Deus-Pai, longe de ser paternalista, lança os filhos, como lançou o Filho Jesus, a assumirem a própria tarefa, a sacudirem os grilhões e em seu nome construírem o Reino da liberdade do filhos e filhas de Deus (BOFF, 2014, p. 271).

Nesse sentido, até aqueles que não têm filhos podem exercer sua paternidade, pois consideram todos os homens e mulheres como Deus os considera. E acolhe como Deus acolhe. De Deus Pai/Mãe aprendemos a amar sem reparar em qualidades e defeitos. O amor que se tem a dar não depende da recepção ou não do outro, da sua vontade. É fruto de primeira pessoa, é uma opção preferencial por todos sim, mas principalmente por quem mais necessita.

As cartas pessoais do Pe. Marcelo Carvalheira, apontam uma relação de paternidade muito profunda com os seus. Os amigos, assistidos da JIC, familiares eram olhados com um carinho paterno muito forte. Com uma preocupação constante.

Com o Filho o místico aprende a dar tudo de si para benefício do mundo. Ele expande suas potencialidades quando as compartilha. Os talentos são colocados a favorecer a comunidade humana. Quando fala, quando caminha, quando proclama, quando se alegra e quando chora, quando sente e quando espera: tudo com Jesus, nada sem Ele. Como afirma Boff,

A missão do Filho é verbificar o universo, transformá-lo em glória do Pai donde veio. A forma concreta que historicamente assumiu a encarnação, não

na modalidade da glória, mas da humilhação, não de Senhor, mas de servo, se deve (sic) ao pecado humano. O Filho quis assumir este caminho escuro para se solidarizar com a paixão do mundo; desde dentro liberta para a plena glória da Trindade. Somente pela ressurreição esta glória se deixou ver em sua plenitude... Assim, na medida em que vai instaurando o Reino da vida, da liberdade, da reconciliação e da paz, resgata a filiação de todos os seres, particularmente dos seres humanos da situação de cativo em que agora se encontram (BOFF, 2014, p. 288).

Como afirma Boff, se Jesus ensina o homem a viver com virtude, sem desviar do caminho da justiça e da misericórdia, o Espírito Santo nos dá a força necessária a suportar a dureza dessa escolha, alumando os caminhos das dúvidas.

Agora vivemos sob a economia do Espírito [...] O Espírito age universalmente nos seres humanos, não apenas num como em Jesus. Ele foi enviado e derramado em nossos corações. O Espírito está presente na multiplicidade e diversidade criando comunhão [...] esta presença do Espírito produz entusiasmo (BOFF, 2014, p. 317).

Como a vitória nunca é branda, “no meio dos enfraquecidos e daqueles condenados a morrer antes do tempo, o Espírito se manifesta como resistência, superação de qualquer ódio, esperança contra toda esperança”. Na fraqueza, o Espírito é sempre a força. Na força, o Espírito é sempre a Sabedoria. E por amor, o Espírito é tudo o que precisarmos.

É Ele que não deixa a cana se quebrar totalmente e nem o pavio da tocha se apagar completamente. É Ele quem sustenta o fraco respiro da vida no meio do império da morte. O Espírito mostra sua força na fraqueza, sua comunhão no meio das buscas distorcidas do encontro e da felicidade (BOFF, 2014, p. 331).

Os escritos pessoais de Zildo Rocha, sobre aquele período, contam as investidas que eram feitas sobre o seminário de Olinda no tempo em que Dom Marcelo propunha a grande mudança de mentalidade na formação presbiteral. Muitas más compreensões, até mesmo internamente, das propostas de liberdade e de abertura.

Diante dessas más compreensões, a bravura do Pe. Marcelo surpreendia a todos. A firmeza com que ele defendia os seus ideais e sobretudo o bem estar dos seus seminaristas, que deveriam antes de tudo, sentirem-se felizes no ambiente de formação.

Conta o livro de Crônicas do Seminário de Olinda a respeito dessa situação:

Recebemos hoje a visita do Sr. Visitador Apostólico, sua Exa. Revma. Dom Adelmo Machado. Em visita especial, ele se encontra em nosso meio, a pedido da nunciatura apostólica. Como membro desta comunidade quero testemunhar a atitude máscula, firme, santa, leal, desassombrada, sincera e altamente edificante de nosso irmão o Revmo. Padre Reitor fazendo questão

que o nosso seminário continue a sua marcha normal de toda hora, de todo dia, de todo tempo. Faço questão de notar que ele agiu assim apesar de estar sentindo, não só ele, mas a direção do Seminário e toda a comunidade o peso esmagador da incompreensão de muitos (Livro das Crônicas, 1962, p. 131).

A atitude do Pe. Reitor prova as suas firmes convicções e sua visão paternal sobre a casa que não imponha simplesmente uma função, mas, uma missão humanitária, construtiva, edificante.

A Trindade não deixa de enxergar o mundo, não desampara a sociedade humana. Faz dos homens sacramentos de si mesmo para a transformação das realidades. Deseja que os homens seja coprotagonistas da recriação. Se o homem se render ao seu amor, nada vai impedir que o céu se instaure na terra, apesar de toda a miséria. Deus quer, contudo, que o homem sinta aquela liberdade dos filhos de Deus, esteja onde estiver, no meio da praça, dos discursos ou dentro de uma cela. Essa liberdade é sentida pela paz que Jesus dá. A paz que o mundo não é capaz de oferecer. Pois aqueles que foram libertos em sã consciência e reto coração das amarras do pecado e da morte desoladora, não se deixam prender por homens e suas algemas de metal. O Espírito de Deus forja objetos mais duros que os metais: ele modela os corações humanos.

A maneira trinitária de viver no mundo pode ensinar muito mais do que a visão monoteísta unilateral. Aprender a conviver, a moderar, a equilibrar é o desafio que um homem sábio tem de aprender com a Vida Trinitária do Divino para executar uma práxis libertadora.

É claro que qualquer um pode errar na prática da fé. Mas só que uns gostam de continuar errando, enquanto que outros se corrigem quando entendem-se perdidos. Aqueles buscam benefícios que são passageiros e instáveis, apesar de receberem resposta imediata do que procuram. Já estes confiam mais, tem mais esperança, manifestam mais amor ao apostar no que não se vê, mas que é mais perene, mais humano, mais justo e fraterno.

A experiência espiritual do ser humano não pode ficar nas nuvens. Ela tem de se encarnar, tomar forma. O batismo precede a catequese, mas com a catequese vem o testemunho em forma de querigma. Para os mais corajosos, só o martírio lacrou a boca do anúncio do reino de Deus que é também reino dos homens, não de um homem nem de poucos homens, mas de todos. A fé não vista tem de se tornar visível nas ações. E existem muitas ações salvíficas. Todas as ações de Jesus eram como que a água de um rio que corria para a salvação universal, pois tudo o que fazia, fazia com amor.

A ideia cristã de Deus é, sem si mesma, uma ideia prática. Deus não pode ser pensado sem que este pensamento irrite e fira os interesses imediatos daquele que o procura pensar. Pensar Deus efetua-se como revisão dos

interesses e necessidades imediatos, dirigidos a nós próprios. *Metanoia*, conversão e também êxodo não são só categorias meramente morais ou pedagógicas, mas também categorias noéticas [...] Esta constituição prática da ideia de Deus é, também, o fundamento para que o falar de Deus tenha, essencial e imprescindivelmente, estrutura memorativa e narrativa; e não apenas posteriormente, como que para preenchimento categorial-ornamental (METZ, 1980, p. 65-66).

Quem poderá dizer que Jesus não estava salvando o mundo ao orar, ao cantar, ao dançar, ao ler, ao visitar? Jesus não somente nos deu o presente, mas nos mostrou como usá-lo. Assim, ao dar a vida, antes ensinou a bem viver. Não ao molde do bem viver dos ricos e poderosos, dos aproveitadores e sugadores de vidas, dos parasitas, mas dos que permanecem justos apesar das injustiças, dos humilhados em nome da verdade apesar das mentiras, dos rejeitados em nome do amor apesar da figura deste mundo que passa.

Para toda a cristologia vale que Cristo tem de ser pensado sempre de tal modo que ele nunca seja apenas pensado. Toda a cristologia se alimenta, por causa da sua própria verdade, da práxis: da práxis do seguimento [...] é só seguindo-o que os cristãos sabem em quem confiaram e quem os salva (METZ, 1980, p. 66).

Por isso, o cristão não deve rezar por rezar, mas se reza, rezar por amor, se conversa, conversar por amor. Se escuta não escute só por escutar, mas para edificar e consolar. A teologia cristã não pode pretender ajudar o mundo se for apenas teoria, sem práxis. Será assim como quem pretende ter vida sem ter alma: não é possível.

A espiritualidade da liberdade libertada... adquire maior força quando cresce a capacidade de sofrer com os sofrimentos dos outros, quando os homens formam uma consciência não só sobre aquilo que fazer, ou não fazer, aos outros, mas também sobre aquilo que eles, despreocupadamente, deixam que aconteça com outros; quando eles não só – segundo as leis da permuta veem os seus ‘irmãos’ naqueles que pensam como eles e degrada, todos os outros para massa anônima (METZ, 1980, p. 111).

Johann Baptist Metz (1980), em “*A fé em história e sociedade – estudos para uma teologia fundamental prática*”, disserta sobre a necessidade dessa Teologia Fundamental Prática na dinâmica da caminhada da renovação do mundo. Pois a teologia deve oferecer fundamentos, sugerir fundações fortes para assentar a construção da nova realidade. Não se trata de fazer ou refazer a teologia política clássica. A intenção não deve ser a de tentar sublimar uma política que já existe, fazendo dela algo “mais teológico”.

Esta nunca foi orientada – como a “teologia política” clássica, à qual muitos gostariam de vincular, para arruinar – pela intenção de sublimar

religiosamente uma política já em vigor, ou propagada em algum lugar e copiar teologicamente os seus modelos de ação. Ela tinha, antes, a intenção de detectar, nas suas raízes (histórico-sociológicas), a singular falta de consciência política da teologia e do Cristianismo; visto o cristianismo e a teologia não se poderem considerar politicamente inocentes e “sem querer”, “sem intenção” – sem se iluírem ou enganarem a si próprios (METZ, 1980, Prefácio).

Na tentativa de acertar o alvo, há dois perigos constantes em relação à religiosidade: a privatização extrema do objeto espiritual ou a secularização total. A privatização é a absolutização de uma forma de justificação da fé. A secularização é a relativização de qualquer ditame exigido pelo assentimento à fé. Na privatização, um indivíduo ou grupo se arvora como representante máximo de Deus e seu intérprete no mundo. Na relativização, uma miopia teológica se instaura, pois as realidades estão todas embaçadas, não se vê com facilidade o que é ou não é autêntico no conteúdo “*fidei*” (da fé).

Diante dos dois perigos, busca-se um Cristianismo puro, aquele radical, não apenas judeu ou romano, mas um cristianismo que mantenha seu conteúdo essencial e universalize sua mensagem, que encontre seu modo de existir com a diversidade e apesar dela. A grande conversão não tem exatamente de se encaixar nos cristianismos existentes, mas buscar suas origens no modo de agir de Jesus, buscar o espírito da lei e a lei do espírito de amor. Esta é a sua identidade essencial.

A crise da identidade cristã no mundo é identificada por Metz não exatamente em relação à mensagem inicial pascal fundante, mas a corrupção dos sujeitos e instituições. Metz não diz “corrupção” – põe “crise” dos sujeitos e das instituições – mas é muito claro entender a sua crítica dessa forma, já estes que não suam nem sagram ao empenharem-se nos desafios que exigem a sua fé em favor da esperança.

Por isso toda a teologia cristã deve ser soteriológica. A teologia cristã no entender de Metz é essencialmente “apologia da esperança”. E o texto que mais expressa isso é a Primeira Carta de Pedro 3, 15: “Portanto, não temais as suas ameaças e não vos turbeis. Antes santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança, mas fazei-o com suavidade e respeito”. A apologética do cristão convence muito mais quando ele pratica a caridade do que quando se detém em elucubrações de convencimento. Já mesmo no texto de São Pedro aparece no fim do versículo, a caridade presente: defendam a sua fé, sim, “mas fazei-o com suavidade e respeito”. E no versículo seguinte se afirma: “Tende uma consciência reta a fim de que, mesmo naquilo em que dizem mal de vós, sejam confundidos os que desacreditam o vosso

santo procedimento em Cristo”. E o que é o proceder em Cristo senão o testemunho das obras e do bom trato com seus semelhantes?

O lema de evangelização trazido pelo Pe. Marcelo continha muito forte esse apelo de Salvação apresentado por Jesus. Não uma salvação como livramento de necessidades. Não se tratava simplesmente de salvar quem estava a morrer de fome com um prato de alimentos. Tratava-se de salvar pelo Amor. A dimensão mais forte da soteriologia de Jesus. Conquistar as pessoas para o Amor de Cristo, afim de que nEle todos tivessem vida.

Dar razão da esperança, prestar contas, racionalizar e humanizar a fé que espera no amor. Não busca de ideias e conceitos. É voltar-se com compaixão à situação e trajetória de vida dos sujeitos com suas batalhas e sofrimentos, ganhos e perdas, suas contradições. É o exercício da paciência de que fala São Paulo na carta do amor⁸³, e em outra (Efésios), “suportar” uns aos outros, na caridade.

Os homens se diferem no mundo segundo a fé que têm ou até mesmo quanto a inexistência, mas a caridade (prática do amor) pode uni-los dentro de uma mesma nação mística. O elo de caridade pode e deve até ser “quebra-gelo”, o elemento surpresa que aquece os primeiros encontros, os primeiros contatos, entre seres tão diversos e específicos. Isso porque a verdadeira “apologia” não deveria ser apenas da fé. O mundo precisa de homens e mulheres que independente de serem imperfeitos, busquem tomar a defesa da forte esperança que lhes guia. E acima de tudo não esqueçam que quem mais deve aparecer aos olhos de Deus é aquela prática amorosa, não legalista, não proselitista, mas de cunho pessoal, evangélica, que intervém, que desce dos pedestais, que suja as próprias mãos só porque deseja limpar aqueles que vivem na lama; uma práxis que não é indiferente, que corre o risco de se apegar ao outro, esta é a atitude do “homem exemplar”, da “mulher modelar” que se espelha no Homem Jesus: que até não se importa em deixar com que o outro se torne mais importante que a si mesmo. Fazer com que o outro seja o primeiro a receber, dar a vez, olhando o mesmo horizonte que os chama, mas que não se afasta ao se aproximarem porque antes é Ele mesmo que vem ao encontro desses homens e dessas mulheres antes mesmo que tenham consciência.

A prática cristã é reconhecimento dos méritos de Jesus no outro, achar no outro as “qualidades” que Jesus viu nele. Qualidades que não são méritos em si. Está mais para aquela “falta” de um que “não tem”, “não pode”, “não é” ao se encontrar com um Outro que tem todos os pré-requisitos para o preencher, para fazer dele algo mais do que jamais imaginou. Quanto mais amor, menos necessidade de enxergar méritos, ama-se por que se ama, amor

⁸³ cf. 1 Cor 13.

pelo amor, nada de trocas nem pretextos; o amor é o fim em si mesmo, alimenta-se de si e sacia quem dele tiver fome e sede. Um amor materno que se compadece de quem mais precisa, de quem menos tem, de quem está mais fraco. A força encontra-se com a fraqueza e não a destrói. Deus veio ter conosco e não quebrou a cana rachada nem apagou a chama que ainda fumeja. Acreditou na humanidade. E agora a humanidade tem de fazer o mesmo: pondo fé em si mesma e naquele que lhe confiou o mundo novo para ser cultivado.

Muito se reconhece sobre a gratuidade do amor, expressa no ministério do Pe. Marcelo Carneiro. As suas ações não esperavam eco ou reconhecimento, ainda menos retribuição. Era praticar o Evangelho que lhe atraía. Um homem que se fez pobre nos termos de Jesus, para promover a vida do outro. Pobre não apenas na visão pecuniária na vida, mas na visão cristã. Pobre na aceitação da opinião do outro, diminuindo-se para ver o outro feliz.

O mundo exige dos crentes uma tomada de consciência da situação. Mas antes deles pedirem, é a situação mesma que exige. A missão sua é tornar-se sujeito solidário de todos os homens diante de Deus. E compreender que a complexidade do mundo requer dos “outros cristos” uma postura universalizante, pois uma apologia cristã da esperança, não se pode fazer, hoje em dia, a não ser em *escala universal*. Em virtude das interdependências crescentes da situação sócio-política e econômica global.

Existe por conta disso um caráter apologético da ação da caridade no mundo. A práxis do amor caridade é o maior trunfo da manga dos novos apologetas da fé cristã. Isso não é coisa nova, sempre foi assim, mas saber não é o mesmo que pôr em prática. Esta deve ser a orientação básica de todo e qualquer “status teórico” teológico sobre os sistemas sobre os quais o mundo se assenta. Como afirma Metz,

Com certeza existe religião autêntica também na vida em opressão. Afinal, o Deus do Evangelho não é um Deus dos vencedores; é, antes, um Deus dos escravos – sem que, em virtude deste conhecimento, seja, permitido aos teólogos burgueses justificar uma separação estrita entre pessoa e obra, para daí deduzir um ser-sujeito diante de Deus totalmente interiorista que, então, se concede como que gratuitamente a todos, principalmente aos escravos (METZ, 1980, p. 93).

O sentimento de vida, a sensibilidade vital que aproxima os sujeitos deve revestir o cristão contra a nova cultura da apatia e da insensibilidade generalizada de sistemas políticos e econômicos que não privilegiam o contato humano, a socialização de bens, a defesa da dignidade humana. Vive-se num clima antissocial: o ideal de sucesso, individual e individualista que o homem vai construindo para um futuro ultra-humano, para além do homem e não mais humano. Futuro em que, se alguém frustra-se no caminho, o erro é tido

como somente dele, por ser incapaz, por não ter “visão”. O futuro e já o presente tornaram-se lugares não propícios à ética, ao respeito pela pessoa em sua inteireza. O homem vai sendo avaliado apenas pelo que ele pode produzir, executar. A vida é sempre medida com réguas pragmáticas. Antes do que nunca, exige-se uma práxis humana contra essa práxis desumanizadora!

Em nome de um progresso de poucos, criam-se, por poderosos e desleais, metas individuais que não se coadunam com as perspectivas dos carentes que necessitam de apoio para suprir seu descompasso social. Como se o ritmo de todos fossem iguais, como se os seres humanos fossem máquinas de uma engrenagem maior! O fracasso de um não é, numa sociedade pensada assim, fracasso de todos. Daí muitos ficam à margem, escanteados, permanecem atrasados, são julgados como incapazes e inadaptados, só porque não são rápidos o suficiente para suprir a ferocidade esfomeada da engrenagem social.

O problema é que existem muitos cristos sofredores por aí que estão sendo aniquilados em nome de uma sociedade que não beneficia a sua própria base que a edifica e sem a qual não pode subsistir: os pobres, os humilhados, os que choram, os que padecem em guerra, os que passam fome e sede, os que esperam a justiça e a misericórdia. Uma práxis teológica é muito mais urgente do que conjecturas sobre uma teologia da práxis. Mas que práxis é mais eficiente?

Práxis não só como ação – prototipicamente como subordinação e dominação da natureza -, mas como ‘sofrimento’. A estas constituições práticas da práxis humana que se devem reivindicar como formas de resistência contra a apatia grassante, pertencem o luto, como categoria de resistência contra as proibições de luto e melancolia de uma sociedade de produção e de vencedores, do mesmo modo que a alegria como categoria de resistência contra a incapacidade crescente de celebrar o sentido não instrumentalizável. A elas pertencem, não em último lugar, a solidariedade com os mortos e vencidos (METZ, 1980, p. 74).

Para a fé cristã, todos os homens são chamados por Deus a viverem a maioridade. Tornarem-se independentes, autônomos. Que conquistem emancipação intelectual, da vontade, dos sentimentos. Que seus destinos não vivam dependentes interminavelmente dos “Big Brothers”, dos “faraós”, dos “Czares”. Cada homem e mulher deve se compreender como filhos da liberdade. Que não é vantajoso não ser livre. Fazer suas próprias escolhas, por mais duro que isso possa ser. Assumir a maioridade é também ter a coragem de tomar decisões sem medo de com isso ter de responder pelas próprias ações. Como diz Metz (METZ, 1980, p. 38): “mais importante do que os novos conceitos e as novas máximas é a sua

radicação na autocompreensão de um novo homem; mais importante que os conceitos, são os sujeitos que neles se articulam e afirmam”. Para Metz:

A convicção de que a práxis moral não é, no plano social, simplesmente inocente nem politicamente neutra, é cheia de consequências para a teologia. O levar a sério o primado da práxis na teologia não se refere, então, apenas à práxis moral, no sentido mais restrito, mas abrange também a práxis social (METZ, 1980, p. 69).

Os novos césores de hoje são as organizações, os grandes grupos que interferem nas decisões políticas dos países e determinam para onde vão os investimentos que deveriam beneficiar a população miserável e pobre. Os próprios políticos são também ao mesmo tempo donos de empresas e conglomerados e pensam empresarialmente as questões sociais. Ou seja, quem produz a riqueza não goza do direito de viver dela. Apenas sobrevive, sub-humanamente.

O ser-sujeito solidário de todos é fraco. Cultiva-se a arte de reprimir a culpa e a obrigação. Política degenera aqui e ali, cada vez mais, em administração, em negócio de administração de poder. Era da apatia? Tão pernicioso como o ódio e tão mortal para o tornar-se-sujeito solidário dos homens é a apatia (METZ, 1980, p. 95).

A religião está em crise porque fecha os olhos a essa realidade. Quem detém os poderes humanos na terra também faz por onde dominar os bens celestes. Sua intenção é privatizar a religião, modelá-la para um uso doméstico, caseiro, feito à sua maneira. O estratagema buscado é desfazer-se das religiões consagradas historicamente para substituí-las pela religião natural como se a religião natural fosse algo inocentemente neutra ou, historicamente sem taras.

Em seus escritos, o Pe. Marcelo Carvalheira deixou essa preocupação muito transparente para o seu apostolado. Como construir uma Igreja que não deixasse vender pelas ideologias dos tempos, mas se fizesse sempre fiel ao Evangelho e à Palavra de Jesus? Como o ser cristão poderia ser o ser visionário que tivesse capacidade e sensibilidade para tocar as realidades mais feridas com a disposição de cura e não de morte?

Várias coisas na teologia atual, que frequentemente deixa valer no cristianismo apenas o “natural e racional” e várias coisas na Igreja de hoje que, pelo menos aqui nesta terra, parece super-identificada com a religião burguesa, falam a favor de que este processo de dissolução *desaparecimento da religião* (grifo nosso) já começou (METZ, 1980, p. 59).

Para realizar a práxis, uma verdade prática tem de aparecer e reluzir: “Verdadeiro é aquilo que é relevante para todos os sujeitos – também para os mortos e vencidos”. E tem de

se mostrar até no modo de relatar a própria experiência com o transcendente. De nada adiantará dizer que Deus habita todos os lugares quando meu discurso privilegia apenas situações isoladas e não integradas com a realidade holística de mundo? De nada adiantará dizer que Deus ama os pobres se quem diz afirma isto de cima de uma mesa de banquetes de ricos. Nossa boca tem de falar o que os atos podem corroborar.

Já nas histórias do seguimento no Novo testamento se pode reconhecer claramente esta dialética cristo-lógica. Aqui não há uma distinção adequada entre narração e mandamento em consequência da qual o ouvinte poderia, primeiramente, ouvir as histórias de Jesus, para, seguidamente, refletir que consequências ele, possivelmente, tira para si, ou não. Estas histórias do seguimento são, em si mesmas, apelativas e imperativas; no ato de narrar a história elas procuram mudar o sujeito ouvinte e, com isto, dispô-lo ao seguimento; ele próprio tem, por isso, como todo o discurso teológico dos cristãos, um cunho narrativo-prático (METZ, 1980, p. 66-67).

O místico, na oração ativa, tem uma função insubstituível nessa mediação sujeito-conquista da própria autonomia e irmandade universal. Se sua oração é viva, novos brotos de esperança podem surgir dela. E aquilo que consegue produzir dentro dos muros pode alcançar as fronteiras do mundo inteiro. Ele não é diferente dos outros homens. Assim, como todos os homens, é chamado no perigo, convidado a perder o medo. Para Metz:

Que a oração faz parte das formas imprescindíveis de expressão desta solidariedade, seja aqui sublinhado expressamente. Neste ponto, a religião fica separada, fundamentalmente, de toda a mera utopia, à qual, notoriamente, ninguém reza e que, afinal, também só conhece uma forma de promessa para os vindouros, um paraíso dos vencedores, mas nenhum para aqueles que sofrem injustamente na morte (METZ, 1980, p. 94).

Na Liberdade de Jesus, a ressurreição é inspiração para que os cristãos façam uma insurreição espiritual e política, principalmente a política não partidária para que todos se tornem livres das amarras de verdades impiedosas, de amores sem conteúdo, de vícios escravizantes, de utopias vazias, de mentiras e visões ilusórias, mas também contra a desesperança e sentimento de derrotismo, pois sabem que nem mesmo a morte pode barrar a força da vida eterna.

O Deus dos vivos e dos mortos é o Deus de uma justiça universal que rompe os padrões da nossa sociedade de permuta e salva aqueles que sofrem injustamente na morte e que, por isso, nos chama a tornar-nos sujeitos ou a apoiar incondicionalmente o tornar-se-sujeito de outros frente à opressão inimiga do homem e a permanecer sujeito diante da culpa e em resistência contra a massificação e a apatia (METZ, 1980, p. 94).

O místico é um incompreendido. Mas sua pobreza evangélica protege a natureza que está sendo devastada sem necessidade por quem não tem necessidades. A prática do jejum e abstinência podem treinar o corpo para os momentos críticos da vida e ajudam no trato da saúde contra todos os problemas de sobrepeso, doenças cardíacas etc. As dietas funcionais de hoje só comprovam a vantagem das velhas práticas monásticas. E mesmo quando sai de foco como o Batista que se afasta ao deserto, não o faz para fugir do mundo das pessoas, mas daquele mundo de vícios, negligências e monotonias lânguidas dos indivíduos e da sociedade como um todo.

Pretende “realizar a antiga e sempre mesma tarefa da teologia cristã: falar do Deus de Jesus procurando tornar visível a relação da mensagem cristã com o mundo atual e exprimir a sua tradição como recordação não esgotada e perigosa” (METZ, 1980, p. 104). A meta do místico não é a sobrevivência usando de espertezas sutis, mas de viver uma vida abundante não exatamente no sentido de prolongar os dias.

Com isto, ele se torna, no dizer de Metz, a “recordação pública da liberdade de Jesus nos sistemas da nossa sociedade” (METZ, 1980, p. 106), já que não é possível ser genuinamente evangélico e não ser subversivo, não ir de encontro com a defesa não somente da sã doutrina, mas principalmente das pessoas, dos filhos de Deus esquecidos e rejeitados. A genuinidade cristã é sinônimo de periculosidade libertadora “das consciências e das formas de vida”. Onde é que está viva esta memória escatológica de liberdade, que rompe os novos sistemas cognitivos?

O místico é perigoso até quando fica mudo, quando jejua, quando se encarcera numa cela, pois denuncia com suas atitudes que há algo de muito errado no que se considera a normalidade quotidiana da vida “lá fora”. É subversivo, pois também ele é procurado no deserto, na solidão orante; para aconselhar, para criticar o modo de vida da sociedade, seus costumes e hábitos e indicar caminhos que nem sempre agradam aos que não desejam caminhar, nem caminhar segundo a justiça e a misericórdia.

Quem motiva para as liberdades frequentemente esquecidas ou recalçadas na sociedade emancipatória: para a liberdade de sofrer com o sofrimento dos outros e dar atenção à profecia do sofrimento alheio – se bem que a negatividade do sofrimento pareça cada vez mais intolerável, sim, mesmo odiosa? Para a liberdade de ficar velho, se bem que a opinião pública renegue a velhice e sinta como “vergonha secreta” para a liberdade da contemplação, embora muitos pareçam estar, até os últimos recantos da sua consciência, sob a hipnose de trabalho, rendimento e planejamento? Para a liberdade, afinal de se colocar diante dos olhos a própria finitude e questionabilidade, muito embora a opinião pública esteja debaixo da

sugestão de uma vida cada vez mais sã e harmônica? Quem responde ao arrobo de liberdade dos sofrimentos e esperança do passado, quem responde ao repto dos mortos, quem sensibiliza a consciência para a sua pretensão insolvida à justiça, quem cultiva a solidariedade para com aqueles aos quais também pertenceremos depois de amanhã? Quem pode, afinal, compartilhar a sua compreensão de liberdade mesmo com aqueles que morrem, não a morte heroica na primeira linha de uma luta revolucionária de libertação, mas a morte terrivelmente banal de todos os dias? (METZ, 1980, p. 107-108).

O místico vai contra o mito na crença na planificação da história, pois aponta para cima. Para aquele que é cristão, o símbolo maior disto é a cruz: não só horizonte, mas verticalidade, dois braços.

A Igreja eclesial, a comunitária, a doméstica e a individual tem de dar testemunho contra seus críticos que não a veem senão como uma caricatura de algo que devia ser. Se todos os cristãos não se tornarem místicos, não haverá como refutar tais opiniões. E no fim, ao olhar para o espelho da fé não verão, no seu reflexo, cristos vivos, mas dilacerados, moribundos, desacreditados.

Sua missão no mundo é demonstrar que a morte de Deus representa também a morte do homem. Pode não acontecer num dia, numa noite, numa semana, em um mês, mas pode durar gerações inteiras, apressando o fim da própria humanidade. A conexão com o cosmos, com a natureza, com os semelhantes fica aquém quando se perde o “feeling” com o divino. Conforme Metz, a teologia contemporânea precisa voltar-se ao estudo da escatologia universal com um novo vigor.

[...] A chamada escatologia universal, que está voltada para o tempo cósmico, a História e a Sociedade, retrocede cada vez mais e foi quase completamente ofuscada pela chamada escatologia individual. A apocalíptica parece, há muito, individualizada; as suas afirmações são concentradas exclusivamente nas situações de catástrofe individuais, na morte do indivíduo. Aquelas questões que inquietavam profundamente a apocalíptica – a quem pertence o mundo, a quem os seus sofrimentos, a quem o seu tempo? Quem é o seu senhor? – parece não terem sido reduzidas, em parte alguma, com tanto sucesso ao silêncio, como dentro da própria teologia (METZ, 1980, p. 82).

Uma marca profunda na vida de Dom Marcelo foi a coerência entre o anúncio do evangelho (a evangelização era para ele uma meta de vida) e as suas ações cotidianas. A serenidade com que enfrentava os desafios, transmitiam algo da mensagem de Jesus. A bravura com que lutava pelos pobres. O valor com que vivia os rostos de sua fé.

Marcelo nos surpreendia porque na infância nós dizíamos que ele não brigava com ninguém, estava sempre ao lado de mamãe, e depois de grande

continuou da mesma forma. Não era de criar confusão, estava sempre sereno. Mesmo quando houve a história da prisão, nós não víamos ele se queixar de nada. Nasceu pra ser um santo (CARVALHEIRA, Geraldo. Entrevista, 2015).

Nas palavras de seu irmão Geraldo, encontram-se um sinal da coerência de Dom Marcelo com a sua fé. Nas simples palavras dizer que alguém é “um santo” quer expressar exatamente o nível de testemunho que a pessoa dá de Jesus Cristo e da religião.

3.3 Dom Marcelo e sua visão da Igreja na sociedade: a busca de uma práxis libertadora

Como já foi abordado ao longo deste trabalho, a experiência mística é primordialmente aconfessional. Não depende de um seguimento ou preceito religioso para acontecer. Entretanto, boa parte dos grandes místicos eram inseridos em confissões religiosas e usaram os sistemas de tais religiões como princípio básico de ascensão na vida mística.

O místico é sempre um inquieto, preocupado em promover as estruturas e a vida. O seu sentido caritativo não é personalista, mas humano. Onde há homens, há necessidade de humanidade e promoção.

Por isso, os grandes místicos religiosos têm como marca projetos de promoção das instituições as quais pertencem. Projetos de humanização para aqueles que confessam com eles a mesma fé. Projetos de restauração das estruturas, que foram se desatualizando ao longo do tempo. Como afirma Dussel,

O Reino, a transcendência absoluta com respeito a toda práxis, a todo face-a-face histórico, a toda comunidade é sempre um “mais-além”, um além de toda realização humana. É o signo, o sinal, o horizonte que nos indica: “isto ainda não é suficientemente bom, santo, feliz, justo; ainda fica algo por fazer!” o Reino como realidade é algo mais que é preciso praticar. O Reino como categoria é o horizonte crítico que assinala a negatividade, a injustiça, o egoísmo da ordem atual, vigente, dominante (DUSSEL, 1987, p. 25).

Em seu projeto de vida cristã, não foram poucas as vezes em que o Pe. Marcelo Carvalheira se confrontou com uma inquietude, uma vontade de mudança, de progresso. A práxis que revelava nas diversas formas de atuação dele na Igreja, sobretudo nas suas oportunidades de formação, como entre os seminaristas e os jovens leigos.

Claramente, o Pe. Marcelo sabia que as mudanças tão sonhadas para a Igreja Católica do segundo milênio só ocorreriam se, de fato, fosse possível uma grande revolução consciente. Era preciso mudar a mentalidade dos jovens para que eles conseguissem ver além. A busca constante do avanço foi uma marca em sua vida. Os diálogos construídos. Tudo em prol de uma Igreja tão sonhada, não somente por ele, mas por grandes figuras que estavam em seu convívio constante, como Dom Hélder Câmara.

Três elementos poderiam ser acentuados quando se trata de um projeto eclesial de Dom Marcelo Carvalheira: a evangelização, a oração e a formação.

A oração era a base fecunda da missão de Marcelo. Desde muito novo, ele encontrou na oração o refúgio e a profundidade necessários para nutrir a missão evangelizadora. Oração não só no sentido estático, como obrigação, mas oração enquanto lugar do encontro com o Sagrado. Esse encontro era necessário e urgente. As metas, as diretrizes para a missão eram sentidas no silêncio da meditação. Era uma necessidade, buscar a Deus.

“*Evangelizare!*” Esse imperativo latino foi muito mais do que simplesmente um entre tantos mandamentos de Jesus na vida do Pe. Marcelo Carvalheira. Evangelizar era uma meta de vida. Levar o Evangelho a tantas pessoas e de forma integral, humana, libertadora.

Evangelizar ao longo da história foi, muitas vezes, confundido com um projeto proselitista. Como uma forma de fazer número nas religiões, de conquista de adeptos. Por muitas vezes, a mensagem de Jesus chegou às pessoas de forma desencarnada, como uma mensagem fora da ordem natural das coisas.

Para o Pe. Marcelo, a ordem era outra. Era fazer com que o Evangelho chegasse em sua integralidade às pessoas, na radicalidade da pessoa de Jesus. A evangelização era uma comunicação profunda da vida, em sua totalidade. Onde houvesse uma pessoa cativa de sua liberdade, excluída socialmente, sem direito à aquilo que sua humanidade exigisse, ali ele deveria estar. Mas, não com uma presença meramente assistencialista. Sim, com uma presença evangelizadora. Não se tratava meramente da presença de uma pessoa, mas de uma mensagem, de um corpo eclesial.

Essa evangelização, para ele, tinha suas bases, suas raízes. O projeto de anúncio evangélico não era uma aspiração pessoal. Nascia como uma missão dada pelo próprio Jesus. Coadunava-se totalmente com a ânsia de uma igreja renovada.

No passado, o mundo era objeto de contemplação e perplexidade humana. Hoje em dia é bem diferente. Existem poucos mistérios naturais não compreendidos ou ao menos teorizados. Antes havia mais passividade por parte do homem. Agora ele deseja mudar tudo, transformar a realidade, mudar as estruturas. O mundo é algo para ele inacabado, em fase de

determinação, articulável pela mente humana. Essa imagem também se ampliou para o próprio homem, pois ele se concebe como um ser dinâmico que pode evoluir, não está pronto nem terminado.

O que ele faz na natureza afeta a si mesmo, e o que afeta ele mesmo tem consequências na natureza. Uma vez que a natureza é hospedeira da raça humana, não tem mais sossego. Nem sempre as intervenções na natureza são para pior. Mas no ritmo que estamos muito mais do que doenças e disputas de território pode haver. O planeta vive à beira do colapso. Ele sabe que mudou muito na natureza, mas a velocidade com que isso ocorreu foi muito maior do que a natureza podia esperar, acompanhar. A natureza viveu milhões de anos sem a humanidade, mas agora ela sofre com o controle, o domínio destrutível do inquilino mais famigerado.

O efeito colateral da globalização foi que o homem está devorando o globo como uma praga que mata em dois movimentos: mata para fora (natureza) e para dentro (homem lobo do homem). Joga-se a moeda sobre quem vai sumir primeiro. A morte está lançada!

O pragmatismo permeia hoje a sociedade desde o miolo, não tem fronteira. Chegou na teologia, no discurso sobre Deus, na lida com o núcleo familiar e em outros *fronts*. Não se deve confundir, portanto, “práxis” com simples “pragmatismo”: algo tem de ser feito, mas não de maneira desumanizada, desencarnada, insensivelmente. Pois, em verdade, é só quando o homem humaniza outro homem que ele mesmo será humanizado (JUNGES, 2002). A humanização do homem nasce da solidariedade. Mas qual solidariedade?

Para José Roque Junges (2002), a solidariedade tem duas dimensões, objetiva e subjetiva; a sociedade hodierna prevê apenas a objetiva porque identifica a solidariedade com igualdade social. Mas essa igualdade é esquizofrênica, pois na prática não representa a mudança de vida que se espera para quem mais precisa (a sede do lucro a todo custo não permite), antes é uma propaganda que ilude, porque é apenas conceitual, mas não real. A democracia não tem alcançado a verdadeira igualdade, pois há uma separação muito grande entre vontade política e a política que se pratica efetivamente. A solidariedade objetiva é o que o capitalismo tem podido oferecer ao mundo nessa fase atual, a igualdade de ganhos verdadeira entre todos; é o que se pode chamar de solidariedade subjetiva. Além disso, há que se diferenciar que a solidariedade da sociedade consigo mesma não é um ato de generosidade, mas um pré-requisito, uma obrigação. O governo, o Estado não tem liberdade moral de não ser solidário, pois de outro modo sua existência é inócua, contraditória, vergonhosa. O Estado tem é responsabilidade de ser solidário. A solidariedade é o núcleo de motivação que o justifica.

Ninguém pode ser feliz sozinho; o princípio da solidariedade universal é a base da vida em sociedade.

Na cultura atual, felicidade identifica-se com bem-estar. Ser feliz é ter conforto, possuir bens. Mas a própria experiência demonstra que o puro bem-estar material não traz felicidade. As pessoas que sofrem de tédio e infelicidade estão justamente entre os ricos. Onde está o problema? (JUNGES, 2002, p. 48).

A posse dos bens materiais pode mudar negativamente o homem. Iludido pelo poder de compra do dinheiro, as pessoas acabam pensando que as riquezas que possuem conseguem comprar até mesmo os bens espirituais e as virtudes humanas. E pretendem comprar não somente utensílios e serviços: quer-se comprar até mesmo as pessoas. Dessa maneira não é “estar bem” que importa, importa é o simples “bem-estar”:

A resposta está precisamente na confusão entre bem-estar e felicidade. O bem-estar fixa nas coisas e imanentiza-se na situação adquirida. A felicidade constrói-se sobre projetos que transcendem a situação. Só é feliz quem tem projetos. A felicidade consiste sobretudo em anelar, porque se vive a vida como antecipação. A concretização do projetado é saboreado lentamente com todas as suas vantagens, mas nunca se realiza plenamente. Por isso continua a ser almejado. A Felicidade supõe encontrar um projeto de vida atrativo e satisfatório, capaz de plenificar e dar sentido à existência. Portanto, a felicidade está no transcender-se (JUNGES, 2002, p. 48).

O primeiro destinatário da práxis libertadora tem de ser o pobre, pois é ele, junto com as minorias os que têm os direitos fundamentais seus negados, dignidade diminuída e ânimo enfraquecidos por falta de perspectivas. A antropologia da falta vai se revelando no empobrecido. Ele é o retrato vivo do desconforto da relação homem-natureza e homem-homem.

Os poderosos fazem guerra, mas quem vai em massa aos campos de batalha? Os poderosos constroem seus palácios com o trabalho de quem? Poderá entrar nos edifícios luxuosos quem verdadeiramente o elevou? Como compreender o conceito de pessoa nesse estado de coisas?

[...] a pessoa caracteriza-se por estruturas antropológicas de imanência e de transcendência ao mundo. As primeiras correspondem ao ser humano enquanto dado, enquanto situado no mundo, nascido em certo lugar e tempo e trazendo certa bagagem natural e social. As outras dizem respeito ao ser humano enquanto tarefa de superar e transformar o dado num contínuo devir histórico que aponta para o futuro e para o outro (JUNGES, 2002, p. 48).

A Igreja sonhada pelo Pe. Marcelo é serva do Reino. O Reino é o grande projeto de Jesus. É a fundação do Reino que justificava suas ações, suas palavras. Este reino é o reino de Deus, não segue modelo humano, mas ao contrário, é modelo para os reinos humanos, reino de comunhão e participação, de solidariedade e fraternidade, de igualdade e liberdade. Um reino que assenta sua base nos céus, ou seja, na vontade de Deus para o destino do homem. É “realidade escatológica”, “dom absoluto de Deus” e “desafio histórico” para os cristãos (JUNGES, 2002, p. 93).

Evangelizar não podia ser compreendido pelo Pe. Marcelo simplesmente como falar de Jesus. Era colocar o mundo em sintonia com o criador. Lutar pela vida, pela natureza, pela humanidade era metas de quem queria ver a missão de Jesus – “eu vim para que todos tenham vida” (Jo, 10,10) – acontecendo.

Esse desafio histórico para os cristãos tem muito a ver como o fato de que as afirmações de Jesus sobre o reino serem razoavelmente fáceis de entender e difíceis de pôr em prática.

Outra dificuldade é o paradoxo percebido quando diz que o Reino virá, mas já está no meio deles. Como se o reino não fosse uma realidade localizável no sentido geográfico e mensurável no tempo cronológico. É sabido que os cristãos esperavam que o fim dos tempos viesse poucas décadas após a morte de Jesus por causa da promessa de que quem estivesse vivo ouvindo a pregação de Jesus não morreria antes de verem a glória de Deus no fim iminente. Em alguns momentos o próprio Jesus se colocava como a presença testemunhal desse “Reino de Deus” ou “Reino dos Céus” aqui na terra. A fé nele, deste modo, é cobrada sobremaneira em vista dessas dificuldades para acreditar.

Os teólogos resolveram essas pendências com a “moral da antecipação”; viver como se já fosse, agir como que não houvesse tempo a perder, compreender a vida como fugaz e agir como se cada homem fosse morrer no dia seguinte.

Esse processo de “antecipação” rege a dinâmica do Reino, pois já aqui na terra deve o homem viver de tal modo que o céu seja não somente certeza, mas realidade (os teólogos cunharam o termo “*já e ainda não*”). Na vida moral, o indivíduo deve “antecipar-se” ao outro no perdão, nas boas ações, na ação de orar pelo irmão, pelos inimigos, pois quem acolhe a mensagem do Reino vive a plenitude do futuro na construção da sua vida presente.

Para padre Marcelo, a igreja quanto mais se aproximar das necessidades dos “bem-aventurados” mais se torna mensageira de Jesus. Nos púlpitos, nas tribunas as exigências do Sermão da Montanha podem ser declarados irresponsavelmente apenas para os “outros”, apenas para quem está “do lado de fora” (*extra ecclesiam*). A sociedade eclesial “superior”,

hierárquica, não tem isenção das responsabilidades contra os crimes cometidos aos pobres, não é como os que tem “imunidade parlamentar”, famintos e aflitos e por não proteger o órfão, a viúva e o estrangeiro. Estes três são imagens, símbolos de todos aqueles que estão abandonados “à beira do caminho”. Como afirma Cabral:

A implementação do modelo pós-concílio do Vaticano II conduzia à busca de uma circulação do poder na Igreja que fosse além das esferas da hierarquia eclesiástica. No contexto político brasileiro daquela época, estava em curso mais uma ditadura e, em decorrência dela, acentuavam a sua busca de uma circulação mais ampla do poder na estrutura eclesiástica, todos os que, no país, alimentando sua identidade cristã católica nas elaborações da Teologia da Libertação, engajavam-se nas lutas pela redemocratização da situação política nacional. Esses setores eclesiais, numérica e hegemonicamente representativos, acreditavam que a redemocratização do Brasil iria implicar uma simultânea democratização da Igreja. [...] perguntamos se era possível horizontalizar decisões, pregar e exigir compromissos éticos de um povo que se percebia como, de Deus, e, por isso mesmo, posicionava-se contra o regime político-ditatorial então vigente no país, todavia, internamente, preservando a sua estrutura vertical de poder (CABRAL, 2008, p. 18).

Hoje a igreja tem mais consciência de que fazer “imitação” de Cristo pode ser muito menos frutífero do que “seguir” a Cristo. Tanto quem “imita” quanto quem “segue” pode viver de exterioridades; a verdade de quem imita não tem sempre conteúdo. E quem segue pode estar apenas seguindo como quem segue um ídolo da música que vive “de acompanhar”, mas não “de ser”. O fato é que se um diz ser imitador das qualidades morais, mas não segue seu exemplo na atitude de sair de si ao encontro do outro, se está de viver a fé, fechado em sua casa, sem encontrar-se com a comunidade dos crentes, sem celebrar juntos as conquistas, nem chorar juntos as perseguições, como haverá de perdurar de pé “diante da cruz”?

A proposta de Jesus, que era de seguimento permanente, todos seriam sempre aprendizes ao lado dele. E o seguimento indicava despojamento. Onde, então, a majestade e a opulência do que viria depois se encaixa nesse parâmetro? Os que querem seguir o Mestre de Nazaré devem abandonar os laços familiares, a profissão e a segurança social, o que significa comunhão total de vida com o mestre.

H. D. Betz mostra que não somente alguns no grupo dos seguidores do Nazareno deverão ser discípulos, mas todos, pois o ideal do seguimento de Cristo é a imagem da videira em João 15: a comunhão vital com Deus, em Jesus, através do Espírito Santo (BETZ apud, JUNGES, 2002). “É necessário superar a ideia de exemplaridade”, não se “trata de imitar aspectos, mas atitudes fundamentais”, “a imitação perfeita de Cristo é impossível”, já o seguimento, é urgente.

E qual a diferença de seguir a Jesus e a outro mestre de seu tempo? O cristão não adere a uma doutrina, mas a uma pessoa: a pessoa de Jesus e faz do projeto de Jesus o seu projeto.

A dedicação à Juventude, seja na Ação Católica, seja na formação do seminário, era uma prova dessa percepção de seguimento de Jesus Cristo que o Pe. Marcelo tinha com tanta lucidez. Ele compreendia que para o jovem ser um bom cristão precisava ser alguém em sintonia com o seu tempo, que falasse aos seus. Não cabia alienação na formação de um padre, pois o Evangelho precisava chegar falando na linguagem e na cultura das pessoas.

O Pe. José Augusto relata as tantas vezes que no seminário eram promovidos espetáculos teatrais com temas relevantes das Sagradas Escrituras, da história eclesial ou de temas relevantes ao tempo.

Nós preparávamos aquelas apresentações e chamávamos várias pessoas para participar. Vinham tanto pessoas convidadas, amigos de Marcelo, como o pessoal das comunidades ali do entorno do Seminário, como Amaro Branco, Amparo, Guadalupe. Eram grandes noites (ESTEVEVES, José Augusto. Entrevista, 2015).

Era uma forma nobre de evangelizar, embora muitas vezes não compreendida. Se depois de quase cinquenta anos desses fatos ocorridos, ainda é coisa rara se ver uma visão de seminário e juventude tão aberta, muito mais era em seu tempo.

Jesus exercia a liberdade de filho de Deus. Se ele agia bem, não tinha que mudar seu comportamento só porque era incompreendido (querela do sábado, do perdão dos pecados), “hoje se completou as palavras que ouvistes”. Não respeitava só quem estava acima dele, mas todos os que lhe rodeavam. Sua bondade alcançou os excluídos da sociedade. Não andava só com os bons e de grande fama. Aproximou-se das crianças, desejou que elas fossem incluídas entre o número de seus seguidores, acolheu prostitutas, bêbados, doentes, corruptos, ladrões e assassinos.

A verdadeira ressocialização foi exercida por Jesus para com os maus e criminosos. Seu método não tinha segredo: amor, amor sem limites. Já que era verdadeiramente livre, não tinha medo. Já que tinha muito amor, não tinha preguiça. Compadeceu-se de quem o traiu ou quem nada fez para lhe defender, orou por quem o maltratava. Criticou os parasitas da religião e afrontou os ricos. Limpou a casa de Deus do comércio, do lucro.

Dessa forma Jesus propagou uma nova mentalidade, convocou a que o ser humano tenha um novo coração, que volte seu olhar para Deus e para a simplicidade da vida. Ensinou a humanidade a prestar atenção (olhar os lírios do campo e as aves do céu) nas providências

de Deus no cotidiano, a confiarem mais, mesmo quando tudo parecesse desabar. Deus nunca abandonaria os seus filhos, sejam bons ou sejam maus. Pregava a irmandade universal (quando não for o próximo, querer aproximar-se), respeitando as diferenças, fraquezas na paciência, pois cada um tem riquezas e talentos incomensuráveis dentro de si, pois para o Pai todos os seus filhos são belos. Para Ele todos os homens são comunidade humana.

Uma das características fortes do Pe. Marcelo Carvalheira era a docilidade. A sensibilidade para perceber nas coisas mais simples, realidades profundas. Essa foi a sua maior característica como formador do Seminário. Tinha a sensibilidade, a docilidade e a firmeza. Características que o faziam agir com precisão, mas sem ferir.

Dussel reflete precisamente isso: que a essência da vida cristã é a comunidade, ou seja, a relação de pessoa a pessoa e de pessoa para pessoa. O ser humano é essencialmente ser social. Não é um amontoado biológico de interação molecular e celular. “Uma instituição não é uma estrutura que exista por si, independentemente dos indivíduos. A instituição é simplesmente o modo de os indivíduos se comportarem de maneira estável e relacionada [...] o indivíduo é o fundamento da instituição” (DUSSEL, 1986, p. 32).

Outras duas dimensões completam o ser do homem: o estar e o agir. O ser é imóvel, mas a vida é dinâmica. No processo de chegar a ser (devir) o agir perfaz o estar deste ou daquele modo. Em relação ao ser igreja, a instituição e o povo, duas faces da mesma moeda eclesial devem compreender que o ser “comum-unidade” é uma necessidade existencial *sine qua non* para receber credibilidade da sociedade. É quando a instituição se separa do povo que a identidade cristã “para a construção do Reino” fica amorfa. Só quererão os homens participar da comunhão da Igreja se ela tiver algo para oferecer. Perde a sua forma, a Igreja, se pretender entregar na bandeja honrarias e glórias mundanas. Antes, deverá dizer como os santos apóstolos: “Não tenho ouro nem prata, mas tudo o que tenho te dou (Pedro só tem para dar o poder do amor de Jesus)”.

“Sem uma ‘teologia da necessidade’ não se entende a eucaristia, nem a comunidade, nem a justiça, nem o Reino” (DUSSEL, 1986, p. 23). Para muitos a palavra de Cristo “pobres sempre tereis” serviu para negligenciar suas necessidades. É claro que as necessidades sempre serão presentes na experiência de ser humano, mas não é por isso que se justificará o desinteresse em supri-las. É já porque são frequentes que não se pode satisfazê-las com simples esmolas. É preciso gerar um sistema social que seja justo, onde os mais fortes empenham-se pelos mais fragilizados, onde as diferenças convivam em harmonia e todos tenham a assistência necessária para conquistarem por si próprios a dignidade, a autonomia e liberdade contra as diversas escravidões, alienações e desequilíbrios.

O desafio de ser Igreja comunitária deve inspirar também a sociedade. Além de Jesus, os profetas, apóstolos, evangelistas e mártires proclamavam essa ética da libertação: todos devem receber “segundo as suas necessidades”, todos devem compartilhar o que possuem! O reino é uma construção que necessita de nossos braços, é uma seara em produção, não acontece num passe de mágica. O caminho se faz caminhando. Não há outra solução: os pobres de espírito (os fortes) irão ao encontro dos pobres de tudo (os necessitados). Entregarão os seus dons e riquezas e só depois poderão seguir Jesus. Terão que escolher: ou o Deus dos escravos e pobres ou o Dinheiro, deus dos nobres e indiferentes.

Há uma necessidade de se olhar para a vida de ícones como o Pe. Marcelo para compreender o itinerário traçado na busca dessa formação comunitária e da valorização do sujeito. A teoria só alcança sentido na ação. Sem uma forma clara de ação, a teoria se esvazia. Aqueles que precederam as teorias a serem desenvolvidas compreenderam muito antes a necessidade de agir. Diante de grandes questionamentos a respeito da ressignificação do sistema religioso, olhar para homens como Marcelo Carvalheira leva à certeza de que o trabalho já possui sólidas bases.

Nessa defesa do dominado, muitas vezes é preciso agir dando sentido à lei e contra ela para fazer o que é certo. Uma Igreja farisaica não favorece o Reino, pois nela vive-se de exterioridades como os sepulcros caiados. As leis vigentes não podem ser o critério absoluto de bondade, santidade e justiça. A lei que impera no Reino é a lei da liberdade pela qual cada pessoa será julgada.

O reino não vem como imposição, vem como um convite. Mas depois deste mundo não tem nada para os que ficarão. Só existirá o reino, nada mais. Por isso tem entrada nele quem nele quer entrar. Não quem tem força, não quem tem poder, quem quer entrar. Mas entrar para que? Para construí-lo. No fim só quem “edificou” o seu “castelo”, a sua casa é que morará nele.

Mas a Jerusalém terrena – não a Celeste que virá só no fim, de uma vez para sempre como a Esposa do Cordeiro degolado – poderá cair no pecado, fechar-se idolatricamente sobre si mesma e esquecer as promessas. A Terra prometida teria se transformado dialeticamente no novo Egito: ‘Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados’ (Mt 23,37) [...] a tarefa é recomeçar (DUSSEL, 1986, p. 71).

Fazer isto (recomeçar e recomeçar o projeto) já é salvar a sociedade do inferno da falta de sentido, da obsessão, do artifício complicado, da mentira sistemática, das negligências e das evasões criminosas, das futilidades autodestrutivas. O autor descreve o perigo do sujeito ingressar numa instituição que pretende ser representante do ideal a ser buscado e achar que

só pelo ingresso nela já dá por certo a resposta divina positiva com a premiação celestial, como se sua fé fosse bancária, de poupança, a ser ressarcido com juros. É preciso se desnudar de todo orgulho e presunção!

A nudez espiritual, por outro lado, é austera demais para ser útil. Ela desnuda a vida até a raiz onde vida e morte são iguais, e é isso o que ninguém gosta de ver. Mas é onde começa realmente a liberdade: a liberdade que não pode ser garantida pela morte de outra pessoa. O ponto onde você se torna livre para não matar, não explorar, não destruir, não competir, porque já não tem medo da morte, ou do diabo, ou da pobreza, ou do fracasso (MERTON, 2004, p. 5-6).

Temos que renunciar ao privilégio de enxergar a Igreja nos moldes da ‘Pax Romana’ onde o silêncio e a paz existe porque reclamações e motins eram calados com a punição e a morte. E onde a liberdade do indivíduo, do fiel:

A vida consiste em aprender a viver de maneira autônoma, espontânea e livremente: para isso é preciso reconhecer-se a si mesmo – estar familiarizado e à vontade consigo mesmo. Isto significa, basicamente, aprender quem somos e aprender o que temos para oferecer ao mundo contemporâneo em depois, aprender como fazer para que essa oferta seja válida (MERTON, 2004, p. 3).

A Igreja apresentada pela vida do Pe. Marcelo é uma Igreja inquieta, profética. Sempre atenta a denunciar as injustiças para anunciar o Reino Novo proclamado por Jesus. Sua ação era intensa e profunda. Criava raízes. Os assistidos por ele na JIC, por exemplo, foram pessoas que marcadas por uma profunda amizade, seguiram suas intuições de atuação, dedicaram-se a causas humanitárias e atuação política, como é o caso de Leda Alves⁸⁴.

A Igreja quando pensa em lograr apenas a universalidade, chegar a todos os cantos do mundo, pode esquecer-se de estar presente primeiramente nos corações de cada um, de simplesmente chegar à alma das pessoas simples ou não. E o que dará a eles? O que querem da Igreja?

Essa foi uma preocupação constante do Pe. Marcelo Carvalheira, chegar aos irmãos com uma imagem da Igreja muito clara, honesta, que tocasse os corações e não, simplesmente, superficialidade das necessidades passageiras.

Havia uma atenção muito especial, da parte não apenas do Pe. Carvalheira, mas daqueles que pensavam a Igreja do seu tempo, para que a o corpo eclesial observasse os primórdios da comunidade discipular de Jesus, quando se organizava em pequenos grupos.

⁸⁴ Leda Alves nunca se desligou das ações políticas e culturais, sendo atual secretária de cultura da cidade do Recife.

Quando essas comunidades eram visitadas constantemente, quando trocavam correspondências. Quando se aconselhavam, quando a caridade era o “carro chefe” da evangelização, quando o testemunho nascia dos representantes, que procuravam não ser autoritários, mas ter a autoridade de quem vive.

O que servirá à Igreja conquistar o mundo inteiro, mas vir a perder a sua identidade? O que acontecerá depois que for unanimidade quantitativa, mas não qualitativa devido a não ser um organismo vivo, um sistema que se interconecta para reparar o sofrimento dos pequenos, e mais que isso, sentir com eles, os desvalidos, os que não alcançam o sucesso?

[...] marcar pontos não é o que importa. A vida não tem de ser considerada um jogo no qual se contam os pontos e alguém ganha. Se você estiver preocupado demais em ganhar, não se divertirá jogando. Se estiver obcecado demais com o sucesso, irá se esquecer de viver. Se você só aprendeu como ser um sucesso, provavelmente desperdiçou sua vida (MERTON, 2004, p. 13).

No processo de ser “sacramento do Reino”, a relação da Igreja com o mundo foi quase sempre tensa. Incompreensões das duas partes foram constantes.

Temos de começar por admitir, francamente, que o primeiro lugar para procurar para o mundo não é fora de nós, mas dentro de nós mesmos. Nós *somos* o mundo. No mais profundo de nosso ser permanecemos em contato metafísico com toda a criação da qual somos apenas pequenas partes. Por meio de nossos sentidos e de nossas mentes, de nossos amores, necessidades e desejos, estamos envolvidos, sem possibilidades de evasão, neste mundo de matéria e de homens, de coisas e de pessoas, que não só nos afetam e mudam nossas vidas, mas também são afetados e transformados por nós [...] a questão, portanto, não é de especular sobre como entrar em contato com o mundo – como se estivéssemos de alguma forma no espaço sideral –, mas como validar nosso relacionamento, dar-lhe um significado plenamente justo e humano, e torna-lo realmente produtivo e de valor para o nosso mundo (MERTON, 2004, p. 127).

São duas realidades distintas. Um criado por Deus e outro criado pelos homens. Mas não é propriamente nas palavras de Merton um mundo historicamente seguido de outro. É um mundo dentro de outro mundo. Um mundo do “poder, da luxúria e ganância”, ou seja, contra o ideal dos conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência. Se o cristão consegue fazer vislumbrar o “terceiro mundo”, resultado da salvação efetivada por Cristo, a figura de um mundo frágil se desfaz e nasce em seu lugar um novo tempo, “um novo céu, uma nova terra” (Ap 21).

A práxis cristã encontrou no Pe. Marcelo Carvalheira um eco de libertação muito profundo. A sua consciência humanizadora propunha um novo modelo de Igreja Cristã, que

superasse todas as lacunas entre a prática a mensagem do Evangelho. A sua consciência de retorno às origens, não tinha como fundamento um saudosismo, ou até mesmo fuga. Era uma busca de sentido, de restauração.

Seu amor pela Igreja era notório e testemunhado. E quando se ama, a felicidade do amado é sempre uma meta. Esse foi o grande projeto eclesial do Pe. Marcelo: fazer a Igreja mais fiel a Jesus, fazer a Igreja mais Igreja, fazer a Igreja mais feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do universo que compreende o fenômeno místico nas diversas vertentes religiosas, confessionais ou não, essa pesquisa objetivava nos levar a uma percepção da mística enquanto promotora de uma humanização tão necessária a um mundo marcado pela desvalorização do ser humano em seus diversos aspectos.

Como foi visto, esse não é um tema inexpressivo. Há muitos teóricos pensando e problematizando, a partir da mística, a promoção do sujeito humano. Não é recente a conclusão de que as religiões tem um papel fundamental na busca do bem comum à humanidade, entretanto, muitos já vislumbram essa busca não só nos credos religiosos, bem como nas religiosidades sem credo. Percebe-se que, o que há de mais valioso não é, simplesmente, a profissão religiosa, mas o forte sentimento de humanidade que busca a valorização do outro.

Nesse caminho, encontramos como figura simbólica desse processo, Dom Marcelo Pinto Carvalheira. Cristão, religioso, padre, bispo que vive uma profunda identidade mística capaz de trilhar uma busca existencial pela felicidade humana. A vida mística, a forma de Dom Marcelo se aproximar do Sagrado, o fez mais sensível, mas capaz de perceber as dores humanas e, por isso, o impulsionou à caridade, entendida como práxis, ou seja, uma ação transformadora das estruturas que favorecem a diminuição da dignidade da pessoa humana.

Três campos de atuação revelam, com muita clareza, sua opção pela humanidade: a dedicação à formação dos novos pastores da Igreja Católica, o acompanhamento da Juventude Independente Católica e a sua opção pela Verdade e pela Justiça diante do golpe militar na segunda metade do século XX no Brasil.

Essa dissertação teve como objetivo principal analisar a relação entre mística e práxis cristã na pessoa de Dom Marcelo Pinto Carvalheira, delimitada entre o período de seu nascimento (01/05/1928) à sua nomeação episcopal (27/12/1975).

Dentro dessa perspectiva, era fundamental, um olhar sobre a dimensão antropológica da experiência mística no ser humano a partir das bibliografias que tratam esse tema sob o viés das ciências, independente das confissões religiosas ou credos.

Assim, a pesquisa deveria apresentar a biografia de Dom Marcelo Pinto Carvalheira, no período delimitado, buscando salientar o desenvolvimento de sua experiência mística, a fim de analisar a relação entre mística e práxis cristã,

especificamente na sua atuação como reitor do seminário da Arquidiocese de Olinda e Recife, na sua solidariedade com os perseguidos pelo regime militar no Brasil e a sua atuação como acompanhante dos jovens na Ação Católica.

Cada entrevista realizada, cada documento analisado, nos fez perceber, com mais clareza, essa mística que gera cuidado, atenção, carinho, promoção. As conversas de Dom Marcelo revelavam uma oração preocupada, objetivada. Que possuía sentido na ação concreta. Longe de esgotar a temática, a pesquisa, cumprindo seus objetivos, nos abre um universo de percepção muito maior e nos sensibiliza para esse fenômeno tanto incomum quanto necessário. Leva-nos a observar os místicos do cotidiano e perceber, em seus pequenos gestos de caridade, uma expressão de esperança para a sociedade e para o mundo. Faz-nos perceber que a mística não é só uma forma de piedade, mas uma busca incansável do Sagrado que faz mais humano.

Por diferentes meios, a vida presbiteral de Dom Marcelo Carvalheira exprimiu uma profunda espiritualidade encarnada na sua história, capaz de alcançar a todos aqueles que estavam no raio de sua ação.

Em todas as entrevistas realizadas durante a pesquisa, em seus escritos pessoais e nos poucos escritos a seu respeito, dois temas foram sempre comuns: a espiritualidade e a bondade.

É muito claro a todos os que conviveram e convivem com Dom Marcelo que a sua forma de amar resulta de uma experiência sobrenatural. Ele olha para o outro como um transbordamento de algo que precede o olhar. Esse algo que precede o olhar é a vida mística, interior e profunda, que o faz mais sensível e atencioso. A sua percepção de mundo é muito profunda por que conseguiu se distanciar da superficialidade das ações simplesmente voltadas para si. Estava preocupado em mudar as estruturas desumanas, em tornar a sociedade um espaço de felicidade constante.

Nos três grupos analisados, foi notório perceber como a sua mística se desvelava num profundo cuidado com os outros. A atenção dele transmitia uma segurança muito forte às pessoas, que sentiam forças para darem aqueles ousados passos por ele orientados. A sua ação caritativa vai muito além do que uma simples ação social ou filantrópica. Leva a pessoa a uma promoção integral, humana.

Muito ainda tem a se aprofundar a respeito dessa grande místico contemporâneo. Seu período de episcopado também apresenta grandes riquezas. A academia é um lugar privilegiado para olhar pessoas que conseguiram encarnar aquilo que muitas vezes se trata apenas no âmbito teórico.

As religiões também necessitam de referências, de modelos. De pessoas que provem que suas propostas não são impossíveis de alcançar. Dom Marcelo Pinto Carvalheira é exatamente uma página viva na história do cristianismo do Nordeste Brasileiro. Uma página de credibilidade, um legado de possibilidades, um ícone que aponta para a profundidade daquilo que os símbolos linguísticos não são capazes de exprimir.

REFERÊNCIAS

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1987.

ALMEIDA, Virgílio. **O Sagrado e a fé na Arquidiocese da Paraíba**. João Pessoa: Gráfica JB, 2013.

BARATTA, José do Carmo. **Escola de heróis: o Colégio Nossa Senhora da Graça e o Seminário de Olinda**. Recife: Fundarpe, 1985.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BETTO, Frei. **Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BETTO, Frei. BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A Trindade e a sociedade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Ética da vida: a nova centralidade**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BORAU, José Luis Vásquez. **Los místicos de las religiones: la mística y el futuro de la religión**. Madrid: San Pablo, 2005.

CARVALHEIRA, José Henrique. **A família Carvalheira em Pernambuco**. Recife: s/ed., 1996.

CARVALHEIRA, Marcelo. **São José: o anawin de Deus**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

CARVALHEIRA, Marcelo Pinto. Momentos históricos e desdobramentos da Ação Católica Brasileira. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. n. 43. Petrópolis: Vozes, 1983.

CARVALHEIRA, Marcelo Pinto. O tipo de Padre que a Igreja espera após o Concílio Vaticano II. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. n. 26. Petrópolis: Vozes, 1966.

CABRAL, Newton D. de Andrade. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** História e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2008.

CERNONE, David R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.

D'ÁVILA, Teresa. **Obras completas: Livro de vida**. São Paulo: Loyola, 1995.

- DEKENS, Olivier. **Compreender Kant**. São Paulo: Loyola, 2008.
- DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de libertação latino-americano**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- _____. **Ética comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1988.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Gaudium et Spes. In: **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GASBARRO, Nicola Maria. Fenomenologia da Religião. In PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.
- GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. **Curso de espiritualidade: experiência, sistemática, projeções**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____. **Problemas e perspectivas de espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1992.
- JOÃO PAULO II. Alocução catequética em 19.01.2000. In: **L'Osservatore Romano**, ed. portuguesa, 22.01.2000.
- JUNGES, José Roque. **Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- KEHL, Medard. **A Igreja: uma eclesiologia católica**. São Paulo: Loyola, 1997.
- LIBANIO, João B.; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia, perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- LISIEUX, Tereza de. **História de uma alma**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- LIVRO DE TOMBO DO SEMINÁRIO DE OLINDA. Olinda: sem editora, 1960.
- LIVRO DE TOMBO DO SEMINÁRIO DE OLINDA. Olinda: sem editora, 1965.
- LOTTI, Antonello. **Dizionario di mistica**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- MCGINN, Bernard. **As fundações da mística: das origens ao século V**. São Paulo: Paulus, 2012. v. 1.
- MERTON, Thomas. **Amor e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **A vida silenciosa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- METZ, Johann B. **A fé em história e sociedade: estudos para uma teologia fundamental prática**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MOIOLI, Giovanni. **L'esperienza spirituale: lezioni introduttive**. Milão: Ed. Glossa, 1992.

NUNES, José. **Deus lhe pague: Dom Marcelo Carvalheira (Uma Biografia)**. João Pessoa: Ed. União, 2004.

_____. **Entrego-me como irmão**. João Pessoa: s/ed., 2001.

_____. **Dom Marcelo: o bispo da solidariedade**. João Pessoa: Textoarte Editora, 2001.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Rio de Janeiro: Ed.70, 1992.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

PEREIRA, Sibélius C. **Thomas Merton, contemplação no tempo e na história**. São Paulo: Paulus, 2014.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 2008.

RUGGIERI, Giuseppe. **Ritrovare il Concílio**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2012.

SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2008. v.1.

_____. **Manual de dogmática**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2.

SECONDIN, B.; GOFFI, T. **Curso de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SEGUNDO, Juan L. **O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, J. **História dos dogmas**. O Deus da salvação. São Paulo: Loyola, 2005. Tomo1

_____. **História dos dogmas. Tomo 2: O homem e sua salvação**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2013. tomo 2.

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos nas sombras, bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARTZ, Sílvia. O estado atual de discursões epistemológicas sobre a mítica. In TEIXEIRA, Faustino (Org.). **No limiar do mistério: mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TABORDA, Francisco. **A igreja e seus ministérios: uma teologia do ministério ordenado**. São Paulo: Paulus, 2011.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciências(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **No limiar do mistério: mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2009. v. 1.

_____. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 1992. v. 2.

BIBLIOGRAFIA ELETRÔNICA

FERNANDES, Sofia. **CNBB afirma que o golpe de 1964 foi um erro histórico.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/159729-cnbb-afirma-que-golpe-de-1964-foi-um-erro-historico.shtml>>. Acesso em: 15/05/2015.

MARTINS, João P. **Dom Helder Camara:** Ele enfrentou a ditadura com fé e palavra. 31/03/2014. Disponível em: <http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontrobh/atualidades/2014/03/31/noticia_atualidades,148125/dom-helder-camara-ele-enfrentou-a-ditadura-com-fe-e-palavra.shtml>. Acesso em: 19/05/2015.

MICHAELIS, **Dicionário de Português online.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=m%EDstica>>. Acesso em: 05/02/2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Galeria de ministros.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=945&id=13493&option=com_content&view=article>. Acesso em: 15/06/2015.

NATUSCH, Igor. **Igreja e ditadura:** como os religiosos se tornaram os maiores inimigos dos militares. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/igreja-ditadura-como-religiosos-se-tornaram-maior-inimigo-militares-797115.shtml>>. Acesso em: 15/05/2015.

VENTURA, Ilana. **Dom Marcelo Carvalho:** As causas de Dom Helder eram causas de Deus. Disponível em: <<https://tribunapopular.wordpress.com/2009/02/12/100-anos-de-dom-helder-dom-marcelo-carvalho-%E2%80%9CCas-causas-de-dom-helder-eram-as-causas-de-deus%E2%80%9D/>>. Acesso em: 21/05/2015.

APÊNDICES

Apêndice A : Roteiro de entrevistas com Familiares

1. Qual a origem da Família?
2. Como era a religiosidade da Família?
3. Como era a religiosidade dos pais?
4. Como era Dom Marcelo na infância?
5. Como ele se envolvia na vida de fé da família?
6. Como foi a sua vida acadêmica?
7. A vocação. Como surgiu? Havia sinais?
8. Como a família reagiu à decisão de ser padre?
9. Como ele se comportava nas férias?
10. Qual o seu círculo de amizades?
11. O que ele contava sobre o período que viveu em Roma?
12. Como era a sua relação com a família depois da ordenação?
13. Como foi a vida presbiteral de Dom Marcelo?
14. Qual era a sua relação com o poder político do seu tempo?
15. Qual a sua relação com Dom Helder?
16. Qual a sua relação com as artes?
17. Como era a sua vida espiritual?
18. Marcelo Místico! O que se pode falar sobre essa expressão?
19. Ao falar de Dom Marcelo, o que não se pode deixar de dizer?

Questões:

1. Há fotografias?
2. Há cartas?
3. Há documentos?
4. Quem é indispensável ao se falar de Dom Marcelo?

Apêndice B : Roteiro de entrevistas com amigos

1. Como conheceu Dom Marcelo?
2. Qual a intensidade da comunicação, dos contatos? (em qual fase?)
3. O que sabe dizer sobre Dom Marcelo, seminarista?
4. O que conheceu sobre sua vida de oração/piedade?
5. O que pode dizer sobre seus estudos?
6. Quais as áreas de maior interesse?
7. Como ele se relacionava com os amigos?
8. Em seu período de seminário, como se relacionava com os formados?
9. O que se sabe sobre ele em seu período como estudante em Roma?
10. Em seu período de presbiterado, como se relacionava com as pessoas ao redor? Com os subordinados? Com os grupos que acompanhava?
11. Como ele via a formação humana dos cristãos?
12. Como via a formação dos futuros presbíteros?
13. Qual era a imagem do seminário que se tinha em seu período como formador?
14. Qual a sua relação com as ciências?
15. Qual a sua relação com as artes?
16. Se fossemos falar com as palavras de Dom Marcelo sobre a relação Igreja x Sociedade, o que diríamos?
17. Na visão de Dom Marcelo, quem era um pastor na Igreja?
18. Como era a sua vida espiritual?
19. Marcelo Místico! O que se pode falar sobre essa expressão?
20. Ao falar de Dom Marcelo, o que não se pode deixar de dizer?

Questões:

1. Há fotografias?
2. Há cartas?
3. Há documentos?
4. Quem é indispensável ao se falar de Dom Marcelo?

ANEXOS A – Fotos de Dom Marcelo Carvalheira¹.



Foto: Apresentação teatral no Seminário de Olinda promovida pelo Pe. Marcelo (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).

¹ À medida que se apresenta cada fotográfica, existe uma legenda que indica o arquivo onde ela foi encontrada. Entretanto, nesses arquivos não há referências às datas em que as fotografias foram retiradas, por isso, apenas elas estão nominadas, mas não datadas.



Foto: Com o Arcebispo Dom Carlos Gouvêia Coelho, enfrente ao Seminário, após a apresentação (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Foto: em dias de lazer com os seminaristas (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Foto: Em visita ao Papa Paulo VI, com sua Mãe à esquerda e sua tia Nicinha à direita (Arquivo de Dona Maria José Carvalehira).



Foto: Saudando Dom Helder Pessoa Câmara, em sua chegada ao Recife (Arquivo da Sra. Lucinha Lins).



Foto: Com as jovens assistidas da Juventude Independente Católica (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Foto: Com as jovens assistidas da Juventude Independente Católica (Arquivo Pessoal de Dom Marcelo).



Foto: Entregando a primeira Eucaristia a crianças do Colégio São José, no Recife (Arquivo de Dona Maria José Carvalheira).



Foto: Com sua mãe, em visita ao Seminário de Olinda (Arquivo Pessoal de Dom Marcelo Carvalheira).

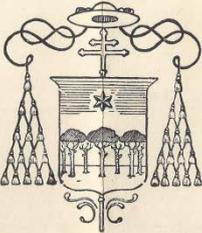
ANEXOS B – Documentos de Dom Marcelo Carvalheira



Foto: Lembrancinha da Sua Primeira Eucaristia (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).

FRANCISCUS

MISERATIONE DIVINA
S. R. E. CARDINALIS
Sac. Patr. Archibasiliicae
SSM̄I DN̄I NR̄I PAPAЕ
ROMANAЕ CURIAЕ EIUSQUE



EP.ŪS OSTIENSIS ET TUSCULANUS
MARCHETTI SELVAGGIANI
Lateranensis Archipresbyter
VICARIUS GENERALIS
DISTRICTUS IUDEX ORDINARIUS ETC.

UNIVERSIS et singulis, ad quos praesentes litterae pervenerint, testamur *Exc. m. ac Rev. m. D. m. m.*
Josephum Newton de Almeida Batista, Ep. um Uruguayanum, Romae in Ecclesia Pont. Coll. Pii Brasil.
diebus 22 et 23 octobris, an. curr., dilectum Nobis in Christo Dñum *Barwalheira Marcelum dices. Obiden.*
e Pont. Coll. Pii Brasil., cum dimissionis Ordinarii sui

praevis spiritualibus exercitiis ac praevio examine a RR. PP. DD. Examinatoribus in Urbe deputatis, idoneum repertum et
admissum, cum caeremoniis et solemnitatibus, iuxta *S. R. E.* ritum ad *Consuetudinem Ostiariatum et Lectoratum*
servatis rite servandis, *de Nostro mandato*, in Domino promovisse. In quorum fidem has litteras,
a Nobis seu ab Exc̄mo ac R̄mo Dño Vicesgerente et D. Secretario subscriptas, sigilloque Nostro munitas, expediri iussimus.

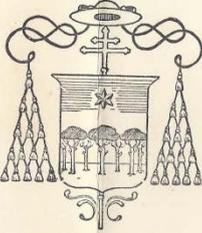
Datum Romae, ex Aedibus Nostris, die *3* mensis *XI* anni 19*49*, indictione *V*, Pontificatus SS̄ni
in Christo Patris et Domini Nostri PII Divina Providentia PAPAЕ XII, Anno *XI*.

+ Moisy Zaglia Archiep. Caes. N.

Certificado de recepção das Ordens Menores de Tonsurato, Ostiário e Leitorato, por Dom José Newton de Almeida Batista, em Roma (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).

FRANCISCUS

MISERATIONE DIVINA
S. R. E. CARDINALIS
Sac. Patr. Archibasiliicae
SSM̄I DN̄I NR̄I PAPAЕ
ROMANAЕ CURIAЕ EIUSQUE



EP.ŪS OSTIENSIS ET TUSCULANUS
MARCHETTI SELVAGGIANI
Lateranensis Archipresbyter
VICARIUS GENERALIS
DISTRICTUS IUDEX ORDINARIUS ETC.

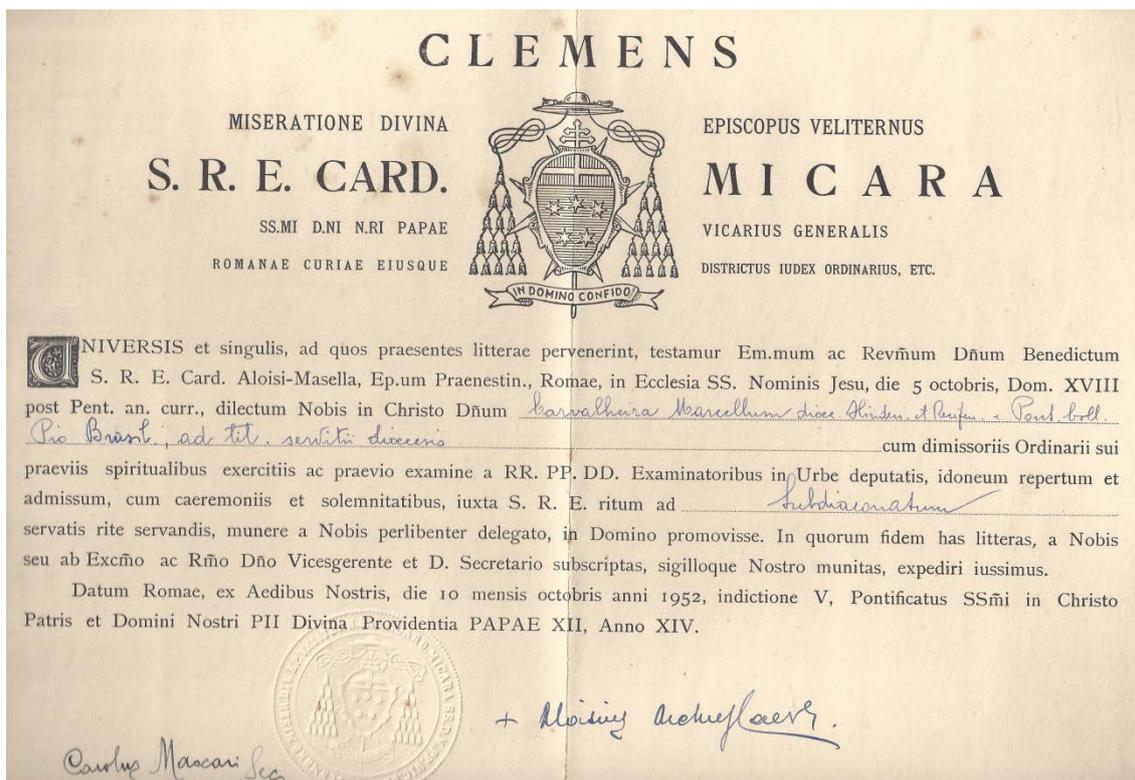
UNIVERSIS et singulis, ad quos praesentes litterae pervenerint, testamur Exc̄mum ac Rev̄mum Dñum Iosephum
Newton de Almeida Batista Ep.um Uruguayanum, Romae, in Ecclesia Pont. Coll. Pii Lat. Americ., die 30 octobris,
in Festo D. N. I. Ch. Regis, an. curr., dilectum Nobis in Christo Dñum *Barwalheira Marcelum dices. Obiden. et Recife.*
e Pont. Coll. Pii Brasil., cum dimissionis Ordinarii sui *cum praesentatione Superioris sui,*

praevis spiritualibus exercitiis ac praevio examine a RR. PP. DD. Examinatoribus in Urbe deputatis, idoneum repertum et
admissum, cum caeremoniis et solemnitatibus, iuxta S. R. E. ritum ad *Exorcistatum et Acolythatum*
servatis rite servandis, de Nostro mandato in Domino promovisse. In quorum fidem has litteras, a Nobis seu ab Exc̄mo ac
R̄mo Dño Vicesgerente et D. Secretario subscriptas, sigilloque Nostro munitas, expediri iussimus.

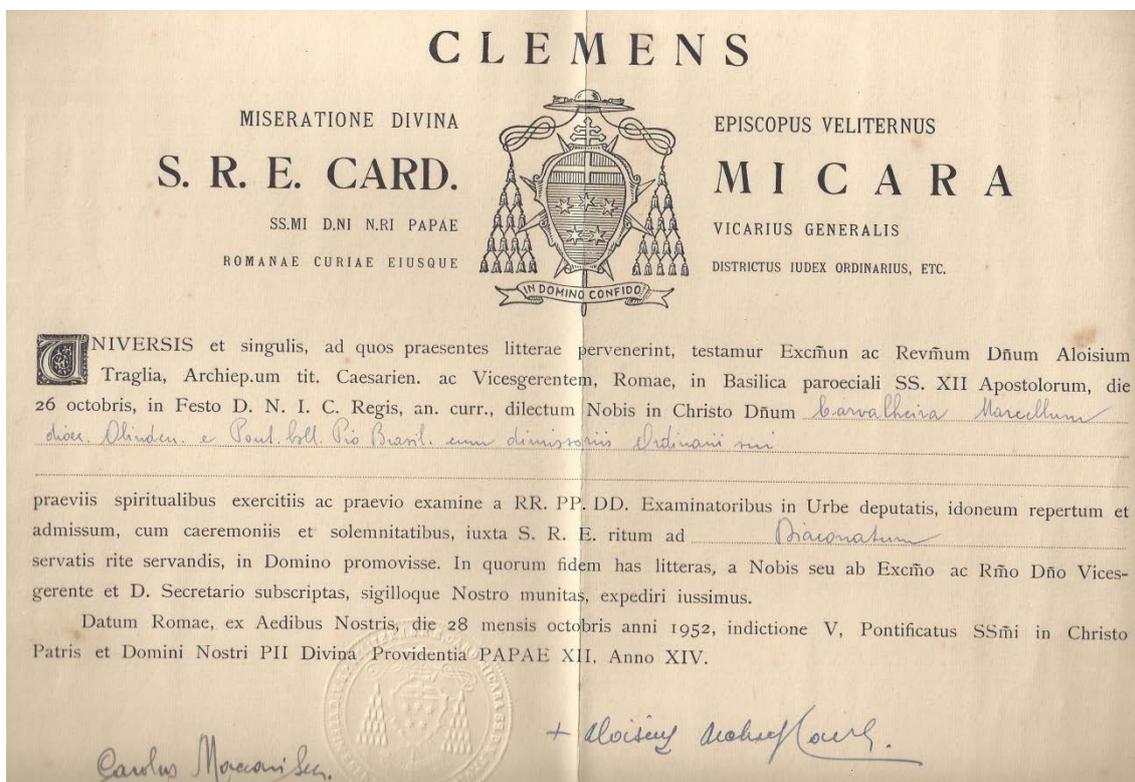
Datum Romae, ex Aedibus Nostris, die 31 mensis octobris anni 1949, indictione II, Pontificatus SS̄ni in Christo
Patris et Domini Nostri PII Divina Providentia PAPAЕ XII, Anno XI.

+ Zaglia Archiep. Caes. N.

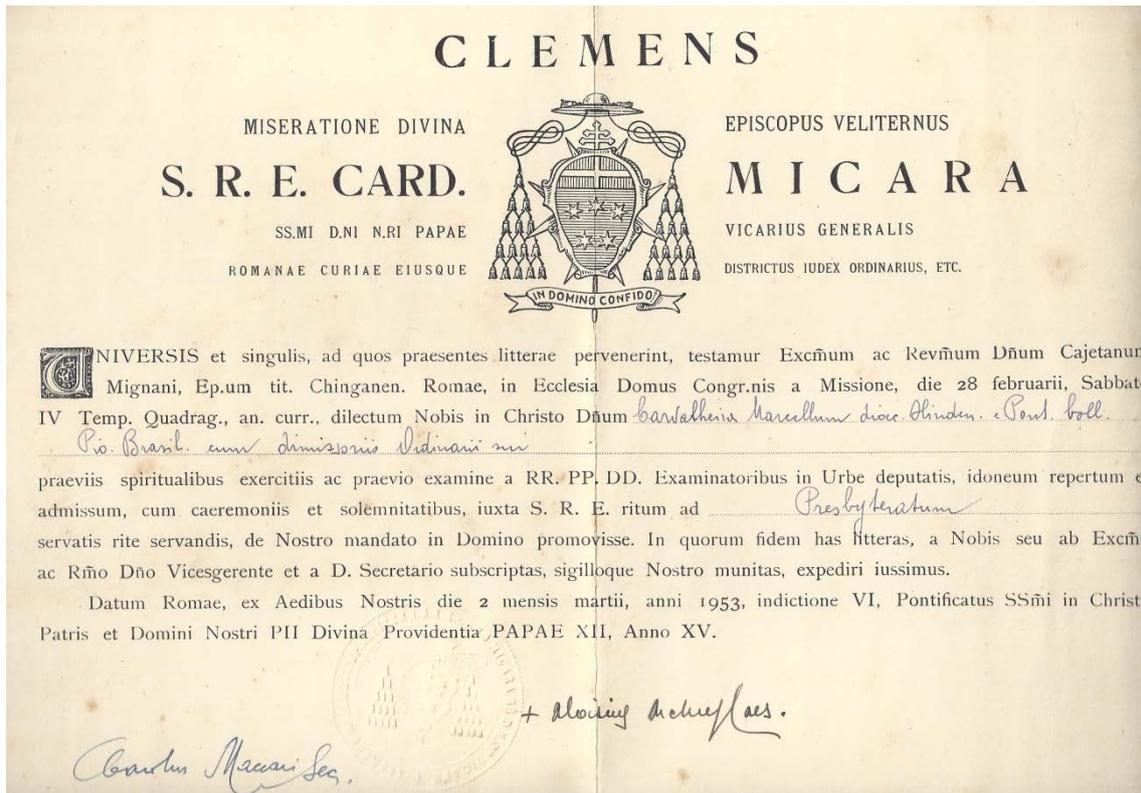
Certificado da Recepção das Ordens Menores de Exorcista e Acólito, por Dom José Newton de Almeida Batista, em Roma (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Certificado da Recepção do Subdiaconato, pelo Cardeal Aloisi-Masella, em Roma (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Certificado de Ordenação Diaconal, por Dom Aloísio Traglia, em Roma (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Certificado de Ordenação Presbiteral, pelo Cardeal Caetano Mignani, em Roma (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Dom Antônio de Almeida Moraes Junior
por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife

AOS que esta nossa provisão virem, saudação, paz a bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

FAZEMOS saber que atendendo ao que Nos representou

Havemos por bem nomear e prover no cargo de capelão de

Residência de São Ysé (Dorotéias)
 ao revmo. *P. Marcelo Pinto da Cavalheira*

ocupação em que servirá como convém ao serviço de Deus e das almas, cumprindo particularmente a obrigação de pregar a palavra de Deus, aos domingos e dias santificados, de ensinar o catecismo, de promover o espírito de piedade entre os fiéis que frequentam a referida capelania, de atender aos enfermos, se a capelania estiver anexa a algum hospital, agindo sempre e em tudo de pleno acôrdo com o respectivo pároco, a quem deverá auxiliar, segundo permitirem as circunstâncias, em quanto lhe for possível e lhe for exigido. Atendendo a que as capelarias foram instituidas como igrejas de socorro, facilitando aos fiéis o cumprimento dos deveres religiosos, mandamos que a administração da respectiva capela facilite ao revmo. capelão o cumprimento dos seus deveres. Esta Nossa provisão valerá até 31-12-1954, se antes não mandar-mos o contrário.

Dada e passada em Nossa Cúria Metropolitana, sob Nosso sinal e sêlo de Nossas armas, aos 12 de set. de 1953.

+ Antônio Araújo Metropolitano
de Olinda e Recife

E eu *P. José Lamentino Gomes* secretário do Arcebispado a subscrevi.

Taxa Cr\$ 50.00
cinquenta cruzeiros



Nomeação como Capelão das Irmãs Dorotéias, em Recife (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior
por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife

Pela presente: Havemos por bem conceder licença ao Revdmo
Re. Marcelo Pinto da Carmalheira
 para celebrar, pregar e confessar os fiéis de ambos os sexos (exceto as Religiosas de Conventos e Recolhimento) em todo este Arcebispado e por tempo de até 31-12-1954
 se antes não mandarmos o contrário; e, por Delegação Apostólica, se necessário for, o autorizamos a usar por igual tempo das seguintes faculdades:

Poderá absolver:

- 1.º — De todos os reservados a Nós, ainda o pecado de aborto;
- 2.º — Fazer todas as bênçãos em que não intervem o uso de Óleo santo e que podem ser delegados pelos Prelados jure ordinário, excetuadas porém, a bênção da primeira pedra para edificação de uma Igreja, bênção de Igreja e cemitério a bênção de sinos e a de imagem destinada ao culto público para as quais será necessária licença Nossa especial;
- 3.º Benzer e impôr servatis servandis, os escapulários da S. S. Trindade, Paixão, Conceição, Dores; e fora da Capital, onde não houver Sacerdotes Carmelitas, os escapulários de N. S. do Carmo de conformidade com a fórmula usada pelos religiosos da mesma Ordem, e que se acha no apêndice do Ritual Romano.

A autorização para pregar não compreende a licença para fazer sermões de circunstância ou orações fúnebres em exéquias, sendo para estas necessária especial licença Nossa, a qual não cederemos senão nos casos expressos em Direito.

Dada e passada nesta cidade do Recife, aos 16 de setembro de 1953

Carap. pro. S. S.
Carap. pro. S. S.

E eu *Re. pro. Carmo* secretário do
 Arcebispado, a subscrevi.

Taxa Cr\$ 20,00 vinte euzos



Licença para Ouvir Confissões no território da Arquidiocese de Olinda e Recife, dada por Dom Antônio Almeida de Moraes Júnior (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Dom Antônio de Almeida Moraes Junior
por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife

Fazemos saber que atendendo Neé ás boas qualidades que cercem na
 pessoa de Revdme snr Padre Marecele Pinte da Carvalheira: Havemos per bem ne-
 meo-le, como pela presente Nessa provisã e fazemos, -Diretor Espiritual des alu-
 nes de Seminario da Imaculada Conceiçã da Varsa, quando não mandarmos e cen-
 trarie.

O qual emprege servira bem e fielmente como convem ao serviço de De-
 us e bem espiritual des alunos de mesmo Seminario, assistindo a todas as suas
 obrigações com aquelle zelo e piedade, que de sua pessoa esperamos, cumpri-
 risca as prescrições de Direito Canonico, as instruções da Santa Sé e as Nessas
 tende sempre em mira a boa formação des futuros sacerdotes desta Arquidioceso.

Esta sora lida em face des alunos de Seminario e registrada em Nessa
 Camara Eclesiastica e no livre competente de mesmo Seminario.

Antes de começar a servir prestara em nessas mãos e juramento de bem
 servir.

Dada e passada no Palacio de Manguinhe, aos 8 de fevereiro de 1957.

Antônio de Almeida Moraes Junior
Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife

GRATIS

REGISTRADO
 No. 22. de 40.

E eu, *Arcebispo Moraes Junior*, secretario subscrevi.

Nomeação como Diretor Espiritual do Seminário de Olinda (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Dom Antônio de Almeida Morais Junior

por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,

Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife

Vice Reitor do Seminario de Olinda

Fazemos saber que atendendo ás qualidades e illustraçã de revdme snr Padre Marcelo Pinto da Carvaineira--- Havemos por bem nomear, como pela presente nessa provisã e nomeamos, Vice Reitor do Seminario de Olinda- Seminario Maier----- enquanto naõ mandarmos o contrario; equal cargo servira' bem e fielmente como convem ao serviço de Deus e de dite Seminario, assistindo a todas as suas obrigações com aquelo zelo que de sua pessoa esperamos; cumprindo e fazendo cumprir os Estatutes do dito Seminario, observando religiosamente as prescrições de Direito Canonico e as Instruções da Santa Se, dirigindo a mocidade confiada aos seus cuidados e alimentando com o paõ da doutrina e inspirando lae gesto e amor ás letras e a' vida sacerdotal.

E no dite emprego gozara' de todas as honras, privilegios ,graças e isençã que de Direito lhe saõ concedidas. E haverã o matimento e todos os benesses que de direito lhe pertencem.

Mandamos pertanto, a todos es alunos de Seminario reconhecã ne mencionada Revdme snr Padre Marcelo Pinto da Carvaineira----- por seu legitimo Vice-Reitor, e como tal o estimem, ouedeçã e bem tratem em tudo quante saõ obrigados. Antes de começar a exercer o referido emprego, prestarã em nossas mãos ou de nesse delegado, o juramento de bem servir. Esta sera' lida em face de toda a comunidade e registrada em nossa Camara e no livro competente de Seminario.

Dada e passada no Palacio de Manguinho, aos 20 de janeiro de 1960.

*Antônio... Arcebispo... de...
Olinda... e... Recife.....*

Nomeação como Vice Reitor do Seminário de Olinda (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).

ARCEBISPADO DE OLINDA E RECIFE

Recife, 16 de Fevereiro de 1961

DOM CARLOS GOUVEIA COELHO

Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostó -
lica Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife.

Aos que esta Nossa Provisão virem, saudação,
paz e bênção no Senhor.

Usando dos Nossos Poderes Ordinários, pela presente
Provisão havemos por bem nomear para o cargo de Reitor do Nosso
Seminário Maior de Olinda o Revmo. Padre Marcelo Pinto Carvalhei
ra, de quem esperamos todo o zêlo e dedicação no desempenho das
suas funções.

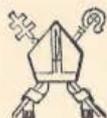
Dada e passada na Cúria Metropolitana de Olinda e Recife,
aos 16 de fevereiro de 1961.

+ Carlos, Arcebispo de Olinda e Recife

Arcebispo Metropolitano

*E, eu, Cte. José Lourenço Fonseca,
Secretário do Arcebispo, Subscreevi*

Nomeação como Reitor do Seminário de Olinda (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
RECIFE - PERNAMBUCO - BRASIL

DOM HELDER CÂMARA
POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA
ARCEBISPO METROPOLITANO DE OLINDA E RECIFE

Ao Nosso dileto, em Cristo, Monsenhor Marcelo Pinto Carvalheira

Exercendo o múnus de escolher idôneos sacerdotes que sirvam no culto divino e que, como cooperadores e conselheiros, participem do senado da Nossa igreja Catedral, emitido, prévia e regularmente, o voto do Nosso Cabido, constituímos a V. Revma., MONSENHOR MARCELO PINTO CARVALHEIRA, cónego titular da Nossa igreja Catedral de Olinda e Recife, com tôdas as faculdades, direitos e honras e preeminência que competem aos referidos cónegos.

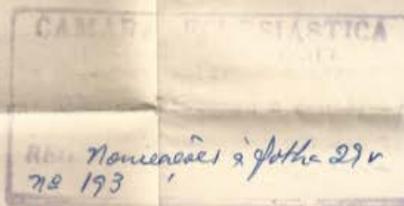
Mandamos, outrossim, que, respeitadas a forma e as solenidades de praxe, diante do referido Cabido, o Venerável Decano receba a sua profissão de fé.

Dado na cidade do Recife, aos dez dias do mês de junho de mil novecentos e sessenta e seis.

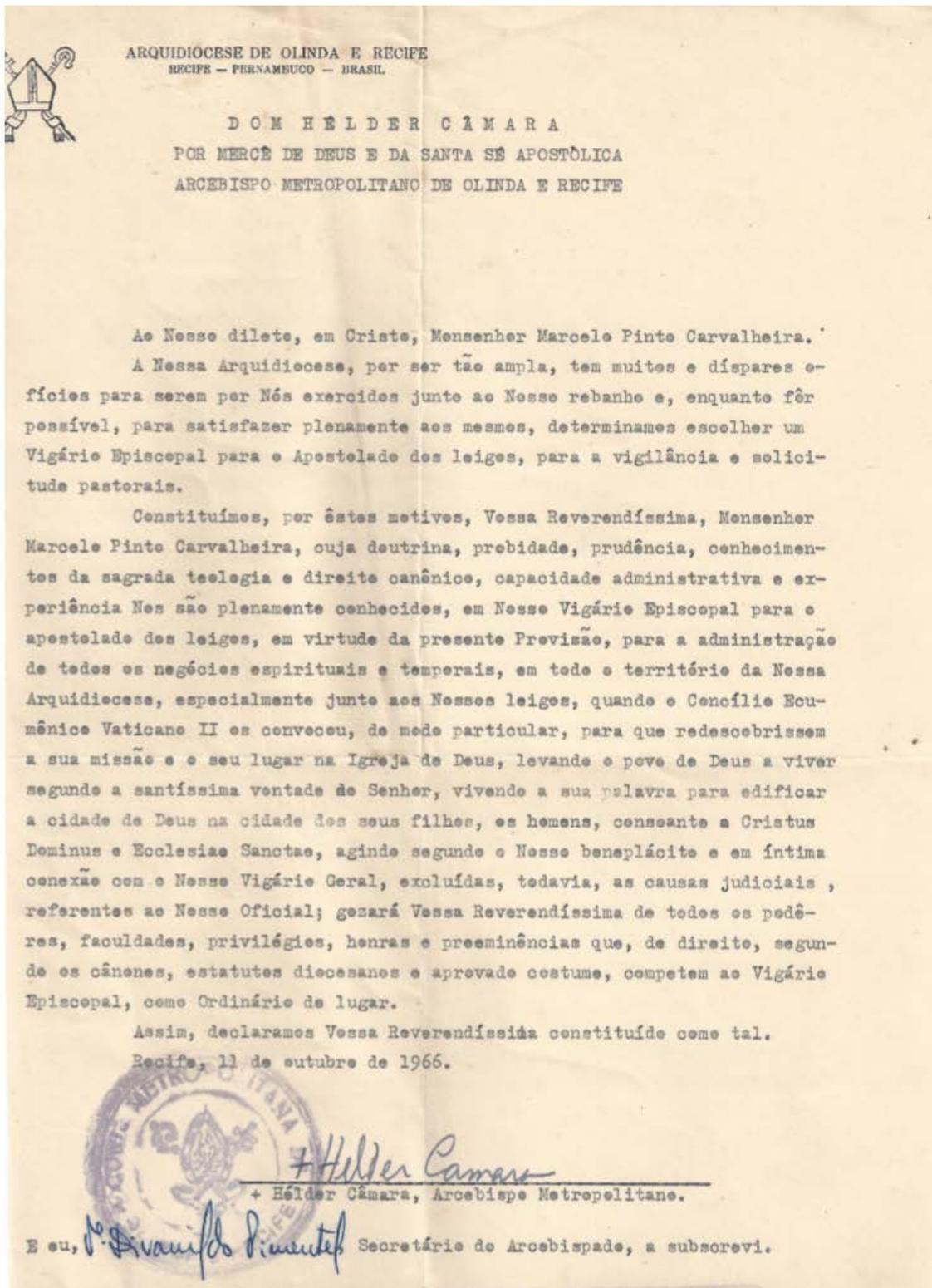


Helder Camara
+ Helder Camara, Arcebispo Metropolitano.

E eu, *V. Divanildo Pimentel*, Secretário do Arcebispado, subscrevi.



Eleição para o Cabido Arquidiocesano de Olinda e Recife (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Nomeação como Vigário Episcopal para o Laicato (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).



Brasília, 28 de outubro de 1975

Reverendo Monsenhor

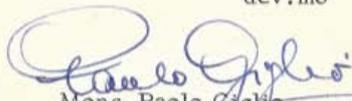
Tenho a grata satisfação de levar ao seu conhecimento que o Santo Padre, o Papa Paulo VI, se dignou nomear a Vossa Reverendíssima Bispo titular de Bitúlio e Auxiliar de Sua Excelência Dom José Maria Pires, Arcebispo de Paraíba.

A notícia será publicada no *Ossevatore Romano*, dia 05 de novembro vindouro, quarta-feira, às 10 horas e 30 minutos de Roma, 06 horas e 30 minutos do Brasil; até essa data e hora, está ela vinculada ao segredo pontifício.

Ao lhe comunicar sua nomeação, estou certo de que Vossa Reverendíssima há de concorrer para maior impulso e apoio às atividades pastorais na Arquidiocese de Paraíba e na Igreja no Brasil, especialmente naquela Província Eclesiástica.

Valho-me do ensejo para felicitá-lo pela confiança de que foi merecedor e, com augúrios, me reafirmar

de Vossa Reverendíssima
dev. mo


Mons. Paolo Giglio
Encarregado de Negócios a. i.

Ao Reverendo
Mons. Marcelo P. Carvalheira
Bispo Auxiliar Eleito de
Paraíba

Nomeação como Bispo Auxiliar da Arquidiocese da Paraíba (Arquivo pessoal de Dom Marcelo).

Folha de Pernambuco 6/11/75

Quinta-feira, 6/11/75 □ 1.º Caderno

Papa eleva Pe. Carvalheira a Bispo para João Pessoa

Cidade do Vaticano — O Papa Paulo VI nomeou bispo o Monsenhor Marcelo Pinto Carvalheira, titular de Bitúlio e Auxiliar de D. José Maria Pires, Arcebispo de João Pessoa.

O novo prelado, nascido em 1928, é natural de Recife e se ordenou sacerdote em fevereiro de 1953. Estudou Teologia na Universidade Gregoriana, de Roma.

300 bispos

Com a nomeação do Padre Carvalheira para bispo o Brasil passou a contar com 300 bispos e se tornou dessa forma "talvez o país com maior número de bispos agora em todo o mundo", segundo o Padre José Dias Goulart, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O Padre Carvalheira, que tem 47 anos de idade e 22 de sacerdócio, com atividade em Recife, se distinguiu como assistente da Ação Católica de Pernambuco, além de professor, diretor-espiritual e reitor do Seminário Regional. Ultimamente vinha respondendo, como coordenador, pelas atividades da CNBB nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas.

A Igreja Católica no Brasil perdeu este ano cinco bispos (por morte) mas ganhou 17 outros, nomeados pelo Papa Paulo VI.

Segundo o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), o Brasil passou a contar, desde ontem, com 219 bispos procedentes do seu próprio clero e 81 do clero estrangeiro. Vinte e seis são italianos, 12 alemães e nove espanhóis. A maioria pertence ao clero diocesano mas 142 vieram de ordens e congregações religiosas. Entre os bispos religiosos 21 são franciscanos (entre os quais, o Cardeal Paulo Evaristo Arns e o Arcebispo Aloisio Lorscheider), 14 salesianos, 11 capuchinhos e nove redentoristas.

Nem todos os bispos no Brasil se encontram porém na ativa. Por saúde ou limite de idade, 33 pediram renúncia. Dois vivem em Roma integrando a Cúria pontifícia: o Cardeal Agnelo Rossi, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, e o Bispo Lucas Moreira Neves, presidente do Pontifício Conselho para os Leigos.

A idade média dos bispos que servem à Igreja no Brasil é de 59 anos. O mais novo — Dom Paulo Moretto — é Bispo de Cruz Alta (RS) e conta apenas 39 anos de idade. O mais velho — Dom José Lafayette Libanio — vive em São José do Rio Preto (SP) e breve completará 90 anos.

Papa nomeia mais um bispo brasileiro

RIO (Sucursal) — O episcopado brasileiro, que só é menos numeroso que o da Itália e dos EUA, tem agora 300 membros: o papa Paulo VI nomeou ontem o padre Marcelo Pinto Carvalheira, bispo auxiliar de dom José Maria Pires, arcebispo metropolitano da Paraíba. A informação é da CNBB.

A nomeação é a quarta em 15 dias. A primeira foi a do padre Antônio Celso Queiroz, designado bispo auxiliar de dom Paulo Evaristo Arns. No dia 29, o papa Paulo VI nomeou os monsenhores Karl Josef Romer e Carlos Alberto Etchandy Gimeno Navarro, bispos auxiliares de dom Eugênio Sales, arcebispo do Rio.

A exceção de Karl Romer, todos os demais exercem ou exerciam assessoria na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Padre Carvalheira é, atualmente, subsecretário da Regional Nordeste 2 (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) da CNBB.

Ligado à chamada "ala radical" do clero estaria dividido em setores ditos conservadores, moderados, progressistas e radicais, padre Carvalheira nasceu em Recife em 1 de maio de 1928 e foi ordenado sacerdote em Roma, dia 23 de fevereiro de 1953.

Notícias de sua nomeação ao Episcopado, do dia 06 de novembro de 1975 (Arquivo da Sra. Lucinha Lins).